

ANEXOS

ÍNDICE

Anexo I. Guião Entrevistas Diretor da Escola.....	4
Anexo II. Entrevista Professores	6
Anexo III. Entrevista Alunos.....	8
Anexo IV. Entrevista Antigos Alunos.....	10
Anexo V. Entrevista Entidade empregadora	12
Anexo VI. Transcrição entrevista diretor	13
Anexo VII. Transcrição entrevista Professor 1	30
Anexo VIII. Transcrição entrevista Professor 2	35
Anexo IX. Transcrição entrevista Professor 3.....	39
Anexo X. Transcrição entrevista <i>Focus Group</i> 1 (Alunos).....	47
Anexo XI. Transcrição entrevista <i>Focus Group</i> 2 (Alunos)	67
Anexo XII. Transcrição entrevista antigo aluno 1.....	78
Anexo XIII. Transcrição entrevista antigo aluno 2	84
Anexo XIV. Transcrição entrevista antigo aluno 3	90
Anexo XV. Transcrição entrevista antigo aluno 4	95
Anexo XIV. Transcrição entrevista antigo aluno 4	99
Anexo XV. Transcrição entrevista Entidade Empregadora.....	105
Sínteses Horizontais	113
Anexo XVII. Síntese horizontal I.....	113
Anexo XVIII. Síntese horizontal II	118
Anexo XIX. Síntese horizontal III.....	121
Anexo XX. Síntese horizontal IV	122
Anexo XXI. Síntese horizontal V.....	125
Anexo XXII. Síntese horizontal VI	126
Anexo XXIII. Síntese horizontal VII	127
Anexo XXIV. Síntese horizontal VIII.....	129
Anexo XXV. Síntese horizontal IX.....	130
Anexo XXVI. Síntese horizontal X.....	131
Anexo XXVII. Síntese horizontal XI.....	133
Anexo XXVIII. Síntese horizontal XII.....	135
Anexo XXIX. Síntese horizontal XIII.....	138
Anexo XXX. Síntese horizontal XIV	139

Anexo XXXI. Síntese horizontal XV	141
Anexo XXXII. Síntese horizontal XVI	142
Sínteses Verticais.....	144
Anexo XXXIII. Síntese Vertical I.....	144
Anexo XXXIV. Síntese Vertical II	146
Anexo XXXV. Síntese Vertical III	147
Anexo XXXVI. Síntese Vertical IV	147
Anexo XXXVII. Síntese Vertical V	148
Anexo XXXVIII. Síntese Vertical VI	149
Anexo XXXIX. Síntese Vertical VII.....	149
Anexo XXXX. Síntese Vertical VIII.....	150
Anexo XXXXI. Síntese Vertical IX.....	151

ANEXO I. GUIÃO ENTREVISTAS DIRETOR DA ESCOLA

Objetivos:

- Compreender a perceção do diretor relativamente aos professores e alunos;
- Perceber qual a perceção do diretor relativamente ao curso profissional de nível básico de música e ao ensino oferecido na escola

<i>Categorias</i>	Objetivos	Questões	Sub-questões
<i>Percurso</i>	- Conhecer o percurso profissional do diretor da escola.	- Há quantos anos trabalha nesta escola?	
		- Antes de ser diretor, era professor?	
		- Qual a sua área de formação?	- Se for música, perguntar se é músico? - Se for outra, o porquê se ser diretor numa escola de música.
<i>Professores</i>	- Conhecer o corpo docente da escola. - Perceber como se processa o recrutamento do pessoal docente.	- O corpo docente é constituído por quantos elementos?	
		- Num geral qual a faixa etária dos professores?	- Anos de carreira? Estão no quadro?
		- Quais são os principais requisitos para a seleção dos docentes?	
		- Quantos professores são estrangeiros?	- Qual a nacionalidade predominante? - O porquê de ter um corpo docente heterogéneo?
		- Os professores têm outra atividade para além de lecionarem?	-Foram/são músicos? Em que sítios?
<i>Alunos</i>	- Conhecer o perfil dos alunos que frequentam o curso profissional de música de nível básico;	- Como caracteriza os alunos que frequentam a escola?	- Idade; - apetência na área da música; - Motivação; - proveniência (sociocultural e geográfica).

	- Conhecer o processo de inscrição dos alunos; - Conhecer os percursos académicos dos alunos	- Como se processa a matrícula? Existem processos de seleção? - Como caracteriza o percurso dos alunos até entrarem nesta escola?	- Instrumentos; - fases do processo - Relação procura/oferta - Têm formação musical? Onde?
<i>Escola/ Ensino</i>	- Compreender como está organizado o ensino. - Compreender a perceção do diretor relativamente às instalações e recursos. - Compreender a perceção do diretor relativamente ao curso profissional de nível básico de música.	- Como caracteriza as componentes de formação dos cursos de nível básico?	- Aulas de instrumento? – Individuais e em grupo? Carga horaria? Tipo de eventos: master classes, estágios, workshop, recitais, etc...
		- Como caracteriza a relação pedagógica professor – aluno	
		- Considera que as instalações e os recursos da escola são adequados?	
		- Considera que este curso prepara os jovens para o ensino secundário e futuramente ensino superior? Para o mercado de trabalho ou para a arte?	
<i>Percursos</i>	- Conhecer a perceção do diretor relativamente aos percursos dos antigos alunos. - Perceber como tem decorrido a inserção dos jovens no mercado de trabalho.	- Os jovens que frequentam o curso básico tendem a prosseguir estudos na área da música?	
		- Como tem decorrido a inserção destes no mercado de trabalho?	

ANEXO II. ENTREVISTA PROFESSORES

Objetivos:

- Conhecer o corpo docente;
- Perceber qual a percepção dos professores acerca do curso e do ensino;
- Compreender a percepção que os professores têm dos alunos.

Categorias	Objetivos	Questões	Sub-questões
<i>Percurso</i>	- Conhecer o percurso académico e profissional dos professores;	- Há quantos anos é professor?	- Sempre quis seguir a via do ensino?
		- Há quantos anos trabalha nesta escola?	
		- Qual as suas habilitações académicas?	
		- Que disciplina leciona?	
		- Qual a sua experiência profissional?	- É professor? É Musico? Que instrumento toca? Onde?
		- Para além de dar aulas nesta escola, desempenha outra função?	
<i>Ensino</i>	- Compreender qual a percepção dos professores relativamente às componentes de formação e à relação pedagógica; - Saber qual a percepção do professor relativamente aos recursos disponíveis;	- Considera a componente de formação adequada?	- Aulas de instrumento? – Individuais e em grupo?- critérios para escolher o grupo? Carga horaria? Tipo de eventos: master classes,estágios, workshop, recitais, etc...
		- Como caracteriza a relação pedagógica?	- O que é necessário para que esta relação seja bem sucedida?

Alunos

- Conhecer o nível de participação dos alunos nas atividades e qual a percepção dos professores acerca disso.	- Considera que as instalações e os recursos da escola são adequados?	
	- Qual o nível de participação dos alunos nas atividades propostas?	
	- Considera que este curso prepara os jovens para o ensino secundário e futuramente ensino superior? Para o mercado de trabalho ou para a arte?	
- Conhecer os jovens que frequentam o curso e as percepções que o professor tem relativamente às suas motivações.	- Como caracteriza os seus alunos?	- Motivação; Expetativas; formação musical?

ANEXO III. ENTREVISTA ALUNOS

Objetivos:

- Conhecer os jovens que frequentam o curso profissional de nível básico;
- Conhecer os motivos que elevarem os jovens a integrarem o curso;
- Compreender qual a sua perceção relativamente ao ensino que lhes é prestado;
- Saber quais as suas perspetivas futuras ao frequentar o curso.

<i>Categories</i>	Objetivos	Questões	Sub-questões
<i>Percurso</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer o percurso musical dos jovens que frequentam o curso de nível básico de música. - Compreender quais as suas motivações ao frequentar este tipo de curso. 	- Qual o instrumento que toca?	- Porquê?
		- Com que idade começou a toca-lo?	- Onde? Numa escola? Com familiares?
		- Para além das aulas de música do curso frequenta mais?	- Tem professor privado?
		- Toca em algum grupo, orquestra, etc? Fora da escola?	
		- O que o levou a ingressar neste tipo de ensino?	- Porquê um curso profissional de música?
		- Porque escolheu esta escola?	
<i>Ensino</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber qual a perceção dos jovens relativamente ao curso. - Compreender o tipo de relação pedagógica existente, nomeadamente no apoio prestado aos jovens. - Conhecer a perceção dos jovens relativamente aos recursos disponíveis. - Saber qual o grau de participação dos 	- Considera a componente de formação adequada?	<ul style="list-style-type: none"> - Aulas de instrumento? – Individuais e em grupo? Carga horaria? Tipo de eventos: master classes, estágios, workshop, recitais, etc...
		- Como caracteriza a relação pedagógica?	<ul style="list-style-type: none"> - Qual a relação com os professores? - Têm sido importantes? Porquê? - O que é necessário para que esta relação seja bem sucedida?

Perspetivas futuras

alunos quanto às atividades organizadas pela escola.	- Considera que as instalações e os recursos da escola são adequados?	
	- Costuma participar nas iniciativas levadas a cabo pelas escolas?	- Porquê? - Gosta? Considera relevante para a sua formação?
- Conhecer quais as expectativas futuras destes jovens. - Perceber o grau de importância que este curso teve para estes jovens.	- Uma vez que está a terminar o 9.º ano, o que pretende seguir?	- Nível secundário? – Na área da música? – Inserção no mercado de trabalho?
	- Após terminada a escolaridade obrigatória o que pretende fazer?	- Inserção no mercado de trabalho? - Formação de nível superior? – o que gostava de seguir?
	- Em que medida considera que este curso foi uma mais-valia para atingir os seus objetivos	

ANEXO IV. ENTREVISTA ANTIGOS ALUNOS

Objetivos:

- Conhecer os alunos que frequentaram o curso profissional de nível básico de música;
- Conhecer os motivos que levaram os jovens a ingressar neste curso;
- Compreender qual a sua percepção relativamente ao ensino que lhes foi prestado;
- Analisar a inserção destes jovens no mercado de trabalho.

<i>Categorias</i>	Objetivos	Questões	Sub - Questões
<i>Percurso Escolar</i>	- Conhecer o percurso escolar e profissional dos ex alunos do CPBM	- Qual o instrumento que toca?	- Porquê?
		- Com que idade começou a tocar?	- Onde? Numa escola? Com familiares?
		- Tinha outro tipo de aulas de instrumento fora da escola?	- Tinha professor privado?
		- Tocava em algum grupo, orquestra, etc?	
		- Porque foi para aquele curso, naquela escola?	
		- Após terminado o 9º ano, tentou ingressar no mercado de trabalho ou prosseguiu os estudos?	- Na área da Música?
<i>Curso Profissional de Nível Básico</i>	- Compreender qual a percepção dos alunos relativamente ao curso e ao ensino oferecido.	- Considera que a componente de formação do curso foi adequada?	- Aulas de instrumento? – Individuais e em grupo? – Carga horaria? – Tipo de eventos: master classes, workshop, estágios, recitais, etc...
		- Como caracteriza a relação pedagógica?	- Qual a relação com os professores? - Foram importantes?

*Percurso
profissional*

	- Considera que as instalações eram adequadas?	
	- Participava nas iniciativas levadas a cabo pela escola?	
	- Considera que este curso o preparou para o ensino secundário e prosseguimento futuro dos estudos, para o mercado de trabalho ou para a arte?	
	- O curso básico de instrumento foi importante na sua vida? Em que medida?	
	- Considera que correspondeu às suas expectativas?	
- Conhecer o percurso profissional destes jovens	- Como caracteriza o seu percurso profissional na área da música?	- Tem tido emprego? Sente-se motivado? Teve facilidade em ingressar no mercado de trabalho?
	- Em que medida o curso permitiu levar a cabo os seus objetivos profissionais?	

ANEXO V. ENTREVISTA ENTIDADE EMPREGADORA

Objetivos:

- Conhecer a perspectiva de uma entidade que emprega jovens provenientes do curso profissional de nível básico, relativamente aos alunos, ao curso e à escola.

<i>Categorias</i>	Objetivos	Questões	Sub - Questões
<i>Alunos</i>	- Conhecer a percepção que a entidade tem relativamente a estes alunos	- Atualmente emprega quantos jovens provenientes do CPBM?	
		- Como poderá descrever esses jovens?	- Motivação; - Experiencia; - Competências
<i>Curso</i>	- Conhecer as percepções relativas ao CPBM	- Qual a sua opinião relativamente ao ensino propiciado aos alunos no CPBM?	
		- Qual o grau de importância que lhe atribui na formação dos músicos?	
<i>Escola</i>	- Compreender a importância da escola para a educação musical	- Como descreveria o papel da escola na preparação musical destes jovens?	

ANEXO VI. TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA DIRETOR

Entrevistadora: Há quantos trabalha nesta escola?

Entrevistado: Nesta escola trabalho há apenas 5 anos.

Entrevistadora: Era professor antes de ser diretor? E atualmente consegue acumular as duas funções?

Entrevistado: Eu vim aqui para esta escola dar aulas de orquestra, fui professor de orquestra durante um ano e depois fui convidado a exercer as funções de diretor que exerço há 4 anos. Neste momento ainda acumulo as funções de diretor com as de professor, mas com uma carga horária muito mais reduzida, apenas estou com uma orquestra. Mas sim, as funções começaram por eu ser professor inicialmente aqui na escola.

Entrevistadora: Tem quantos anos de carreira enquanto professor?

Entrevistado: Tenho muito poucos, tenho... cerca de 7 anos. Chamados 7 anos de serviço.

Entrevistadora: Qual é que é a sua área da formação?

Entrevistado: A minha área de formação é música mesmo, instrumento. Eu estudei numa escola profissional, também, fiz também o curso básico e o curso de instrumentista e depois fui para a universidade estudar, tirar uma licenciatura na variante de instrumento, neste caso em trompete, que era, que é o meu instrumento e após a licenciatura tirei um mestrado em direção de orquestra e em simultâneo, nesta altura já estava também a lecionar. Não aqui nesta escola, mas noutra escola.

Entrevistadora: Acredito que seja um pouco difícil, mas durante algum tempo conciliou a sua carreira de professor com a de músico, na medida em que tocava em orquestras ou em alguma banda?

Entrevistado: Sim, acumulei durante alguns anos... no início digamos da carreira, enquanto estava ainda a estudar, estava a terminar a licenciatura tive oportunidade de colaborar com a orquestra do algarve e a orquestra da companhia portuguesa de opera, e então exerci essa atividade em articulação com o estudo, com o trabalho de aulas e com o orquestra durante acerca de 5 anos. Depois achei que estava na altura de tomar uma decisão e achei que... então preferi dedicar-me à vertente de ensino e deixar um bocadinho a parte de orquestra.

Entrevistadora: Centrando-nos agora no que diz respeito ao corpo docente desta escola... O corpo docente é constituído por quantos professores?

Entrevistado: 42 professores que a escola tem.

Entrevistadora: E qual é que é, num geral a faixa etária desses professores?

Entrevistado: Neste momento a faixa etária situa-se nos... entre os 30 e os 42, 43 anos na grande maioria. Temos dois ou três professores que ultrapassam essa faixa etária dos 43 anos e temos talvez 1, 2 que esteja abaixo dos 30 anos.

Entrevistadora: São professores que estão no quadro ou são contratados?

Entrevistado: Alguns estão no quadro, há professores que estão aqui na escola desde o início da escola, estão cá há 22 anos. Temos outros que estão no quadro há relativamente pouco tempo, um, dois três anos... cinco anos, e temos outros que são contratados, principalmente alguns professores na área da música são contratados. Como o número de horas é mais reduzido, os professores são contratados para virem aqui lecionar aquele volume de formação.

Entrevistadora: Quais são, normalmente, os principais requisitos para a seleção dos docentes?

Entrevistado: Nós temos requisitos diferentes... por exemplo na área da sociocultural, na área científica os requisitos são, logicamente, competência, o profissionalismo, o rigor e a exigência dos professores, e controlamos isso com o dia-a-dia, com o empenho dos professores nas atividades da escola e, até com as aulas... nós temos o nosso sistema de avaliação interno aqui na escola que funciona com aulas assistidas, na qual a direção vai assistir às aulas dos professores.

Na área artística, o critério tem como principal exigência o percurso profissional do professor, é muito importante termos um professor que alie a parte profissional, no sentido da parte prática, no sentido de tocarem em orquestra, de ser músico ou de ter essa experiência pelo menos já adquirida, e depois ser uma pessoa... que seja um bom pedagogo no sentido de conseguir criar esse equilíbrio de passar ao aluno como se deve fazer. Que seja bom a explicar e que o aluno consiga perceber aquilo que o professor quer, mas ao mesmo tempo, tendo em vista o meio profissional e preparar o aluno para o mercado de trabalho ou para aquele objetivo. Se o aluno quer ser instrumentista de orquestra, ou se o aluno tem mais como objetivo a parte do ensino, o próprio professor criar esse equilíbrio.

Grande parte dos nossos professores, 95 % dos nossos professores, todos eles tiveram carreira em orquestras, ou em bandas, ou como grupos de música de câmara. Não quer

dizer que neste momento o exerçam, mas que tenham uma larga experiência nessa área, fazendo com que eles... que essa experiência seja um ótimo estímulo também para os alunos.

Entrevistadora: E têm professores estrangeiros que pertencem ao quadro, ou que estejam cá a prestar serviço.

Entrevistado: Temos professores estrangeiros que estão cá a prestar serviço, neste momento. Neste caso temos 2 professores espanhóis que lecionam precisamente guitarra que é um instrumento com muita tradição em Espanha. Espanha tem uma grande escola de guitarra e nós fomos lá buscar 2 professores espanhóis porque achámos que se enquadravam no nosso perfil e até agora não nos enganámos.

Entrevistadora: Quais é que são os requisitos para enquadrarem o vosso perfil?

Entrevistado: Como eu referi, são professores que têm uma larga experiência, embora sejam professores novos, são dois professores que percorreram... Para além de terem estudado com grandes nomes mundiais, um deles estudou em Paris com um dos melhores professores de guitarra, tem uma larga experiência no sentido que participou em vários concursos internacionais e nacionais e é um instrumentista de elevado nível. Participou e ganhou vários desses concursos, para além de ter trabalho com nomes da pedagogia muito importantes, e no sentido das provas que fizemos e dos requisitos que colocámos depois nas provas que fizemos aqui na escola para a seleção desses professores, foram aqueles que mais nos motivaram na escolha, pela parte pedagógica como da forma como eles lecionavam, na forma como explicavam e depois ao mesmo tempo da forma prática como eles explicavam. Porque não é suficiente ser só um teórico, daí nos querermos instrumentista, mas depois também é preciso pegar no instrumento e dizer “é assim que eu quero”, mas depois toca para o aluno verificar porque sabemos que por vezes a parte auditiva é mais rápida a absorver a informação do que a parte cognitiva por si só. O professor só a explicar por vezes não é suficiente, o aluno fica com mais dúvidas do que se o professor disser “eu quero assim”, mas logo de seguida toca e executa a parte da reprodução, tornando-se mais fácil.

Entrevistadora: No que diz respeito às habilitações académicas dos professores.

Entrevistado: Todos os professores têm de ser licenciados. Cada um, logicamente na sua área, mas à semelhança da sua habilitação. Cada professor tem o seu instrumento, digamos, na variante do seu instrumento A, B ou C, todos eles são licenciados, alguns deles até com mestrados, pós-graduações, mas todos eles pelo menos têm a licenciatura.

Entrevistadora: Os professores desta escola têm outra atividade para além da docência? São músicos, integram orquestras?

Entrevistado: Alguns deles dedicam-se só ao ensino, mas a maioria tem outra função para além de lecionarem aqui na escola, ou acumulam com outras escolas, lecionam não só aqui, mas noutras escolas de música. Outros acumulam com orquestras, ou com bandas, ou com grupos de camara. Há professores, aqui, que trabalham em grupos de camara, não em orquestras, mas em pequenos grupos. E que exercem, também, uma forte vida profissional com esse grupo. Fazem imensos concertos tanto cá em Portugal como no estrangeiro e que exercem essa parte de instrumentista. Temos inclusivamente uma dessas professoras que integra o grupo que toca com a Teresa Salgueiro e que faz imensos concertos ao longo do ano.

Cada um deles integram ou executa a sua parte artística, a sua parte de performance em várias direções.

Entrevistadora: Centrando-nos nos alunos, como caracteriza os alunos que frequentam esta escola?

Entrevistado: É um pouco difícil, tentarei ir por partes. Primeiro as idades, são muito abrangente, nós temos alunos que entraram aqui para o 7º ano com idade normal, chamamos-lhe assim, com 11, 12 anos. E temos alunos que entram com 15 e 16 anos, o que faz com que nós tenhamos um foço entre, por vezes, o 7º ano e o 10º ano a nível de idades de 10 anos. Temos alunos com 11 e 12 anos no 7º ano e, temos alunos com 22 e 23 anos no 12º ano, daí termos uma série de características dos alunos, porque as maturidades são outras, os objetivos já são outros, a forma de ver de gerações, porque com 3 anos estamos a falar de gerações completamente distintas e que faz com que a escola seja muito... Realmente tem o elo de ligação que é a música e que faz com que essas faixas etárias se unam por vezes de uma forma muito fácil. Depois, normalmente, o ensino profissional... acredito que não seja só pela música, é procurado por alunos não com grandes capacidades financeiras, estamos a falar de alunos, alguns deles com grandes dificuldades, com os pais desempregados, com pais desempregados de longa duração e com os seus estudos não muito avançados. A grande maioria dos pais tem o 9º, o 12º ano, o que acontece é que agora estes alunos que estão a entrar mais novos, a situação já está a mudar por completo. Já estamos a falar de pais com habilitações, com licenciatura, já estamos a falar de outro extrato social, estamos a falar de alunos com outros objetivos. Até falávamos de alunos que antigamente tinham más notas na escola, tinham um ótimo talento, eram ótimos instrumentistas, mas não eram bons alunos no português, na

matemática e na história. Hoje em dia, isso já está muito mais equilibrado, temos bons alunos no instrumento e temos bons alunos a português e a matemática e a história, por isso, a situação também se está a inverter. Mas o ensino profissional, recuando 15 anos, esse era o cenário, eram alunos desfavorecidos, eram alunos com dificuldades, eram alunos não com muito boas notas, digamos que eram alunos médios, no melhor dos casos era muito raros os alunos que eram bons. Mas entretanto, essa situação está a inverter-se.

Entrevistadora: Relativamente à área da música, existe um número elevado de alunos que já tenham aulas de música quando ingressão no 7º ano ou ainda é muito elevado o número que chegam à escola sem qualquer tipo de experiência.

Entrevistado: Ainda é elevado. Se calhar este último 7º ano que entrou para a escola estamos a falar de se calhar 50% com conhecimentos e 50% sem qualquer tipo de conhecimentos.

Entrevistadora: E depois como é que a escola faz essa gestão de conhecimento?

Entrevistado: A escola tem os apoios para os alunos... logicamente que aí é sempre pedido aos alunos... Para que perceba melhor, nós temos as aulas individuais de instrumento, o que faz com que o professor consiga gerir individualmente o ritmo de cada aluno, por isso, essa questão da equidade, do equilíbrio do conhecimento não se coloca porque cada aluno avança ao seu ritmo. Logicamente que um aluno que vem com conhecimentos chega a apanhar o ritmo e leva o seu percurso sem ter de esperar por qualquer colega.

Nas aulas de conjunto, práticas de instrumento, como de orquestra ou de música de camara, isso também não se coloca porque na orquestra há sempre uns papéis mais difíceis e os papéis mais fáceis. Nós costumamos dizer existe o primeiro, o segundo e o terceiro, então é aí que como é lógica, aquelas que têm mais alguns conhecimentos são colocados a interpretar os papéis mais difíceis e até com cargos de responsabilidade a servir de apoio ao colegas de forma a que eles consigam progredir mais rápido. Lá está a interajuda e o trabalho em equipa de pôr a orquestra a funcionar. Esse grande problema é sempre na parte teórica da música, na formação musical onde é colocado aulas de apoio para os alunos, mas existe sempre a possibilidade de dividir a turma, e aí as aulas de formação musical funcionam com a turma dividida em dois e aí nós fazemos sempre essa divisão com os alunos que já têm alguns conhecimentos e com os alunos que não têm nenhum conhecimento. O que faz é com que o professor tenha de gerir o programa com uma turma, eles vão ter de andar um bocadinho mais lentos no início, mas depois vão ter que acelerar e na outra turma eles conseguem prosseguir normalmente o seu caminho.

Por vezes o que se pede é que no início os alunos que já sabem tocar tenham um pouco de paciência e deem algum tempo para os colegas assimilarem. Depois é dada a matéria no sentido da reprodução, em vez deles estarem a ler música, como ainda não sabem ler a música, então vão na parte da imitação e que faz com que eles também consigam.

Nos fazemos testes de qualidade auditiva, nós pedimos para o aluno fazer um som ou um ritmo, se ele tem essa capacidade logo de imediato ou não. Se ele tiver essa capacidade, logicamente que quando chegar a aula e lhe ser pedido “quero que tu faças assim” e o professor executa primeiro, ele com a imitação consegue executar facilmente. Depois, aí dizer-lhe “olha o que acabaste de fazer foi isto. A nível de avanço de identificação dos sinais musicais, torna-se muito mais fácil e depois muito mais rápido.

Entrevistadora: O facto de os alunos terem uma proveniência tão heterogenia, condiciona a escola, nomeadamente ao nível da responsabilidade nesses alunos e condiciona as suas características....

Entrevistado: sim... o facto de termos aqui alunos com uma idade muito tenra a viverem sozinhos e a terem essa responsabilidade de estarem sozinhos, não têm o apoio dos pais, não têm o apoio da família. Isso acarreta responsabilidades para a escola, a escola o que tem para além de um orientador educativo, que é a figura de diretor de turma, simplesmente aqui tem uma designação diferente, tem também o serviço de psicologia onde é traçado um perfil do aluno. Também para nós percebermos com o histórico que nos é chegado da outra escola, percebermos o que é que poderá estar ali ou não, e daí executarmos logo desde início o apoio, e depois o apoio que a escola tem de dar, se o aluno adoecer é a escola que tem de o levar ao hospital, se o aluno tem um problema é necessário resolve-lo, logicamente, sempre em contacto direto com o encarregado de educação, mas nós é que estamos aqui. Se surge um problema nós é que estamos cá na primeira linha para o resolver, isso faz com que por vezes os nossos alunos que são de cá ajudem de uma forma muito boa os alunos que são de fora. O que acontece por vezes é que mesmo esses alunos que por vezes não vão ao fim-de-semana, porque moram muito longe e não lhes compensa ir a casa nos fins-de-semana, por questões financeiras porque não têm capacidade financeira para ir a casa todos os fins-de-semana. O que se verifica é que os alunos de cá convidam os colegas deslocados para irem passar o fim-de-semana para que não fiquem cá sozinhos, criando-se essas amizades e os próprios pais daqui, os alunos que estão cá e são de cá, também vão entrando neste meio e tudo funciona muito bem. Logicamente que há casos, uns mais problemáticos e a escola tem que estar sempre

atenta e funciona de uma forma muito direta com o encarregado de educação, a vantagem é que aqui a direção da escola conhece todos os pais e trata os pais todos pelo nome.

Entrevistadora: a vantagem de ser uma escola pequena...

Entrevistado: sim... é uma vantagem de a escola ser pequena, mas essa é uma mais valia que nós achamos que a escola tem. Que é conhecer os pais, o que eles fazem, o que eles não fazem, o nome e os pais têm o nosso contacto que por vezes, quando há algum problema, seja ao fim de semana com os alunos que estão fora. Professor olhe que o aluno A adoeceu e então nós deslocamo-nos ou pedimos a um funcionário da escola se desloque a casa do aluno e se for preciso que vá com ele ao hospital. Que trate dele como se fosse da família praticamente.

Entrevistadora: Como é que se processa o recrutamento desses mesmos jovens, existe um processo de seleção?

Entrevistado: Existe no final do ano letivo um processo de angariação, digamos assim, de divulgação da escola. A escola faz uma ação de divulgação a explicar o que é o ensino profissional, para que serve, quais são as saídas depois dos cursos, apresentamos a escola. A partir daí os alunos têm que fazer uma pré-inscrição aqui na escola ou online e a partir dessa pré inscrição os alunos são chamados aqui à escola para prestarem provas, todos os alunos têm de fazer provas de seleção. As provas dividem-se em quatro itens: Aptidões musicais, para o sétimo ano nós não exigimos conhecimento - como lhe referi - nós exigimos sim, aptidões musicais o aluno tem de ter um bom sentido rítmico, tem de ter uma qualidade auditiva, o aluno tem de ter uma boa capacidade de resposta a nível do que é pedido na parte dos jogos corporais toda a parte rítmica e cuidado auditivo que é treinado pelo professor e que faz parte da prova; O aluno na pré-inscrição coloca três instrumentos por ordem de preferência e então depois consoante essa ordem de preferência dos instrumentos o aluno faz, digamos, uma ronda por esses instrumentos e onde é verificada a capacidade física do aluno para os instrumentos que escolheu, porquê? Porque, estamos a falar de posturas físicas de comprimentos de braços, comprimentos de dedos, da musculatura facial à dentária - tudo tem importância depois no futuro do aluno porque se estamos a falar, por exemplo, dum aluno a nível da dentição isso que hoje em dia é aquilo que nos preocupa mais e que nós temos mais atenção, quando a sua dentição não é uma dentição propriamente boa e nós sabemos que olhando para ali o aluno mais ano, menos ano vai por aparelho e hoje em dia os aparelhos demoram dois ou três anos a serem retirados, logicamente que o aluno indo para um instrumento de sopro depois vai ter muita dificuldade no seu percurso porque não vai conseguir, vai ter o aparelho na boca e isso

vai aumentar o seu volume na boca e vai aumentar o seu contacto com os lábios e os dentes, existe uma série de circunstâncias que têm de ser avaliadas. Então é feita essa ronda pelos instrumentos, por vezes é possível colocá-los na primeira opção por vezes depois a escola aconselha-os e já existiu casos em que nenhum dos três servia e então o aluno faz uma ronda por outros instrumentos a convite da escola e há alunos que efetivamente depois aceitam a opinião da escola e são selecionados para outros instrumentos; Depois existe uma prova de conhecimentos gerais, em que lhes é feito um teste onde abordam matéria do sexto ano de escolaridade de Português, de matemática, de história digamos que vai buscar um bocadinho de cada disciplina só para nós vermos os conhecimentos do aluno. E depois existe uma entrevista entre o aluno, a direção e a psicóloga para nós analisarmos a motivação do aluno, digamos, o seio familiar, o que o fez vir para aqui e o que o fez escolher esta escola, quais são as disciplinas que ele mais gosta e as que menos gosta, se teve problemas no percurso escolar - para percebermos aqui todo um histórico do aluno e também para irmos começando a traçar um perfil ao próprio aluno. Estes são os requisitos que todos os alunos que entraram para cá têm de passar.

Entrevistadora: E qual é que é a relação entre a oferta e a procura? Existe um número elevado de alunos que não consegue entrar ou, normalmente, o número de vagas coincide ao número de inscritos?

Entrevistado: Nunca o número de vagas coincide com o número de procura. Isto porquê? Nós, embora estejamos limitados pela tutela do número de alunos, para nós mais importante que o número de alunos é a qualidade dos alunos. Já aconteceu nós aceitarmos dois ou três alunos a mais que o limite à nossa responsabilidade, isto é o quê, é a escola assegurar o financiamento daqueles alunos durante três ano sabendo que nós não estamos a receber financiamento por aqueles dois alunos porque achamos que aqueles dois alunos são importantes e que aquele leque de alunos naquele ano é bom e que não podemos desperdiçar porque realmente são alunos talentosos e desperdiçamos alguns, mas que não vale a pena, e como já aconteceu desperdiçarmos alunos e dizermos que não, que não têm capacidade para entrar mesmo existindo vagas na escola. Portanto, para nós o mais importante é a qualidade do aluno porque nós assumimos um compromisso com os pais de que o aluno entrando para aqui e tendo um percurso normal nós colocamo-lo num nível de que quando acabar o décimo segundo ano entra para a universidade, nós temos uma taxa de sucesso de entradas na universidade acima dos noventa e oito por cento, por isso, um aluno entrando para aqui nós assumimos essa responsabilidade com os pais. Não

havendo problema de maior, não havendo aquele aluno que se perdeu porque teve um problema e hoje em dia é muito fácil arranjar coisas para os alunos se perderem, mas um aluno tendo um percurso normal mesmo com os seus problemas de falta de estudo que também os há nós assumimos a responsabilidade de que o aluno entra no ensino superior no final do décimo segundo ano. É uma responsabilidade grande mas nós assumimo-la porque também temos as nossas taxas de sucesso e sabemos o trabalho que efetuamos e como referi, preferimos ter cá alunos de qualidade e não temos qualquer problema em chegar ao final de três anos e dizer ao aluno "não, a música não é para ti. O teu perfil não se encaixa e podes querer ser músico mas não instrumentista." Porque existe a vertente teórica da música e então vá para esse percurso ou procura outra oferta ou outra orientação para o mundo da música porque realmente o teu futuro não passa por aqui. E temos essa conversa logicamente com os pais porque realmente nós preferimos perder um aluno mas ganhar uma pessoa do que estarmos aqui a enganar um aluno durante seis anos e depois reorganizar-se porque uma coisa é no final do nono ano e outra completamente diferente é no final do décimo segundo.

Entrevistadora: Sem dúvida. E como caracteriza o percurso dos estudantes até entrarem no sétimo ano? Se existem alunos que têm formação musical, onde é que normalmente eles adquirem esse tipo de formação...

Entrevistado: Primeiro temos alunos que não têm nada. Têm só educação musical na escola primária e depois têm a educação musical no quinto e sexto ano isso nós consideramos um aluno que não tenha formação. Depois, existem os alunos que têm formação e que vêm de dois campos diferentes: Uns vêm das bandas filarmónicas, aqui no meio há várias bandas filarmónicas, no nosso concelho ou dos concelhos à volta o que é uma pequena escola onde eles começam desde pequenos e ganham aquele gosto pela música e esses por vezes trazem formação mas é uma formação deficiente porque é dada por pessoas amadoras que não têm conhecimentos e embora tragam alguns conhecimentos alguns deles não adquiridos da melhor forma; E depois temos os alunos que vêm das academias e dos conservatórios e que estudaram no ensino articulado e normalmente esses nunca têm qualquer problema porque têm professores também especializados e que trazem um bom nível para entrarem aqui na escola.

Entrevistadora: Acaba por ter variantes completamente distintas...

Entrevistado: Completamente, e depois nós aqui temos o trabalho de as unir todas.

Entrevistadora: Então vamo-nos centrar agora no que diz respeito à escola e ao ensino prestado. Como é que caracteriza as componentes de formação do curso de nível básico

no que diz respeito à carga horária, ao tipo de eventos que a escola organiza para os alunos e tudo mais.

Entrevistado: Eu acho que o curso de nível básico está muito bem concebido. É a minha opinião e logicamente não é um curso fácil, porque é um curso com uma carga curricular muito forte e muito grande, mas é um curso que faz que quando os alunos chegam à escola, mesmo aqueles que não fazem ideia do que é a música e do tipo de trabalho que dá, os três primeiros meses são cruciais. Aqueles alunos que aguentam os três primeiros meses, porque percebem, um aluno que vem do ensino regular no quinto e sexto ano está habituado a ter tardes livres, a ter tempo para estudar para brincar - porque eles estão na altura disso - e eles não têm tardes livres, eles não têm tempo para brincar, e então nós logo aí percebemos aqueles que se vão aguentar e aqueles que não se vão aguentar. Há alunos que ao fim de sete meses dizem "Okay, eu não quero isto porque é muito intenso e gosto muito de música mas não para ser a minha vida" E então esses voltam ao ensino regular e há aqueles que aguentam e sem dúvida que eles aguentam muitíssimo preparados. Eles chegam ao final do nono ano com uma carga de conhecimentos e de experiências muito vasta. Qualquer aluno, qualquer bom aluno e isto obviamente, de uma forma geral, um bom aluno do conservatório não está normalmente ao nível de um aluno médio do ensino profissional básico. Isso acontece no nono ano, onde o aluno do conservatório teve cinco anos e um aluno do básico teve três, mas a carga horária que lhe é incutida e a exigência que lhe é colocada numa escola profissional faz com que esses parâmetros sejam logo completamente diferentes e isso sente-se, por exemplo, nas provas de acesso ao décimo ano em que nós recebemos cá às vezes alunos do conservatório no final do nono ano e que não são aceites porque não têm nível para entrar na escola. Isso acontece muitas vezes, por isso é que digo muitas vezes que numa forma geral, um bom aluno do conservatório está ao nível de um médio de um curso básico. E isto....

Entrevistadora: Estávamos a falar da carga horária e depois também das atividades

Entrevistado: Isto também por causa das atividades. Primeiro a carga horária, a carga horária é muito intensa. Um aluno aqui tem duas horas de aulas de instrumento, estamos a falar de cento e vinte minutos de instrumento por semana, aulas individuais em dois momentos, estamos a falar de seis horas de música de conjunto por semana estamos a falar de uma disciplina importantíssima que se chama prática individual de *naipe* onde o aluno está colocado numa sala a estudar com o auxílio de um professor - este professor está a acompanhar o estudo de seis ou sete alunos e vai andando de sala em sala - e esta disciplina tem cinco horas de aula por semana. Só nestas três disciplinas estamos a falar

de mais de dez horas de aulas onde o aluno é obrigado a estar, por isso logo aqui a intensidade é completamente diferente comparando com o ensino articulado e é inevitável essa comparação onde o aluno tem quarenta e cinco minutos de aula de instrumento, tem uma hora e meia de orquestra e não tem mais nada, pronto, logo aqui estamos a falar de dez vezes mais só de carga curricular e depois a exigência que lhe é pedida, porque um aluno que tem duas aulas de instrumento, ele é obrigado a preparar muito mais coisas, digamos assim, mais material para apresentar ao professor do que um que tem só quarenta e cinco minutos ainda para mais espaçado de semana a semana enquanto que aquele encontra o professor duas vezes por semana, e na pior das hipóteses um aluno tem uma aula na segunda e outra na sexta portanto tem quatro dias para preparar e depois tem mais dois ou três portanto o ritmo que eles são obrigados a adquirir de trabalho é muito forte. Depois as atividades que a escola organiza, a escola organiza *master classes* normalmente aqui na escola na semana de carnaval não há aulas, e também não há férias (risos) nós convidamos professores de fora, de universidades sejam Portuguesas ou estrangeiras, instrumentistas de renome para virem cá e para trabalharem com os nossos alunos e para darem aulas de instrumento a esses alunos onde os alunos trabalham cerca de oito horas por dia com esses professores e estão lá sempre com eles a trabalhar durante essa semana. Depois existem os estágios orquestra onde trabalham durante uma semana onde também são preparadas as aulas, de manhã e à tarde, ensaios de orquestra e no final têm de apresentar um concerto. Isto são ritmos de trabalho intenso, mas são ritmos de trabalho que são exigidos numa orquestra qualquer profissional, onde eles ao final de uma semana têm de apresentar um concerto e um programa completamente diferente, e, por isso essa exigência já é colocada aqui desde o início do ano. Para além das provas de todos os alunos, desde o mais pequenino ao mais velho, são todas abertas ao público tudo o que é uma prova artística, elas são todas abertas ao público, sejam os recitais a solo onde eles estão sozinhos a prestar uma prova juntamente com um professor a acompanhar ao piano a que chamamos os recitais de instrumento ou então os recitais de música de camara além deles onde os duetos, quartetos se apresentam também ou os concertos de orquestra. Todos eles têm de fazer provas a cada uma destas disciplinas três vezes por ano, por isso eles pelo menos umas nove ou dez vezes por ano são obrigados a apresentarem-se ao público, a tocar para o público por isso, tudo isto junto, dá um curso básico muito bem concebido, muito exigente, muito rigoroso, mas que também prepara os alunos para o futuro de uma forma muito boa e dá-lhe umas bases muito bem conseguidas de forma a

que eles depois noutros patamares consigam ter uma base de trabalho, de organização e objetivação que fazem toda a diferença de qualquer outro aluno.

Entrevistadora: E a escola tem estabelecido os protocolos, e consegue trazer vários professores de renome mesmo a nível internacional

Entrevistado: Sim, a escola para além desses protocolos a mais valia é que os próprios professores sabem que aqui se fazem músicos com grande qualidade e então muitas vezes eles próprios também ficam extremamente orgulhosos e aceitam de imediato o convite em virem trabalhar para cá com os nossos alunos. Porque são professores de universidade e são eles que daqui a um, dois, três cinco anos vão receber estes alunos lá, e como qualquer professor de universidade as aulas são de instrumento e como todas as pessoas vão à procura do professor do instrumento não querem saber se a universidade é no Porto, em Lisboa, na China ninguém quer saber porque se eu vou trabalhar com aquele professor eu vou para onde ele estiver e é assim que funciona na música tanto que o sistema de provas para a universidade é o sistema Americano em que o aluno tem que se deslocar à universidade e prestar uma prova de instrumento e de conhecimentos musicais também, por isso as notas que nós damos aqui valem zero na altura do aluno ingressar no ensino superior e então, esses próprios professores também querem conhecer e eles depois de virem cá convidam o aluno a, o b ou c e dizem-lhes "olha eu gostava que tu viesses estudar comigo depois, quando acabares o décimo segundo, por isso espero-te lá na minha universidade e espero que vás lá fazer provas."

Entrevistadora: E isso acontece algumas vezes?

Entrevistado: Muito regularmente. Ainda este ano um dos professores que veio da Holanda disse a uma aluno do décimo segundo ano "daqui a dois meses são as provas na Holanda, eu espero-te lá para fazeres as provas" e ela foi lá e ficou. E isto é perfeitamente normal de acontecer.

Entrevistadora: E existe um grupo de instrumentos que normalmente tire melhores notas ou que estejam melhores uns que outros?

Entrevistado: Não, isso não acontece. Pode acontecer gerações de alunos em que aquela turma é melhor a nível geral do que a outra. Agora um instrumento, não. Não existe isso de uma forma tão taxativa, existe sim por vezes um ano em que nós costumamos dizer que isto na música às vezes funciona como o vinho em que há anos melhores e anos em que as colheitas não são grande coisa, e realmente, há anos excepcionais. Por exemplo, este ano o nosso décimo segundo ano é um ano excepcional porque os alunos são todos de um nível muito muito elevado, tanto que a maior parte dos nossos alunos há de ir estudar

para o estrangeiro. Temos alunos que entraram na Holanda em mais do que uma universidade, temos alunos a fazer provas para a Suíça - uma delas foi a semana passada e entrou - temos alunos que daqui a uma, duas semanas vão à Alemanha, por isso temos alunos a percorrer ali o centro da Europa a fazer provas e as coisas têm corrido muito bem.

Entrevistadora: E a nível de prémios? A escola tem ganho alguns prémios nacionais, internacionais, ...

Entrevistado: A escola tem ganho, a escola, obviamente os alunos, bastantes prémios. Para ter uma ideia, o ano passado a escola ganhou mais de trinta prémios a nível nacional e internacional em cursos e competições individuais e de orquestra. O ano passado também tivemos a orquestra de guitarras da escola que ganhou um concurso internacional, por isso também é algo que os professores incutem aos alunos que é a competição. Os alunos precisam de ir às competições porque aqui dentro, é o que nós costumamos dizer, aqui dentro vocês são todos bons lá fora é que mostram realmente o que valem e então os próprios alunos são motivados a ir - ainda agora, nas férias da Pascoa, houve um aluno que foi a uma competição internacional em Espanha (Las Palmas) e ficou em primeiro lugar, por isso, aí sim é algo que também nos motiva como é lógico e que os alunos também fazem por merecer porque trabalham horas, semanas e anos a fio mas que depois também têm a sua compensação.

Entrevistadora: Claro, e como é que caracteriza a relação pedagógica, a relação que existe na escola entre professores e alunos

Entrevistado: A relação professores - alunos é muito próxima. Principalmente na área artística, devido ao facto de termos este corpo docente muito específico de querermos instrumentistas, de querermos pessoas com peso no meio musical faz com que os alunos também olhem para os professores como um exemplo e como muitos deles dizem "eu quero um dia ser assim ou tocar assim" e isso cria também um laço muito forte de amizade. O professor de instrumento é sem dúvida aquele que mais influência tem no aluno. Nós sabemos que aquele aluno, por exemplo, não tem bons resultados a Português ou a História e nós sabemos que uma conversa com o professor de instrumento é meio caminho andado para a coisa começar a resultar, isto porque o professor de instrumento tem uma conversa com o aluno e diz "okay, se tu não tem bons resultados a Português vai haver aquele curso aqui ou aquela *master classe* ali mas tu não vais. Porque eu não te deixo, porque quero que tenhas bons resultados a Português e a História" e existe, digamos, esse equilíbrio que é feito logicamente entre a direção e a orientação educativa

para que os alunos tenham uma formação abrangente e não só de um lado da parte artística e isso funciona muito bem. E funciona também a ligação com o professor e a influência que um professor tem sobre um aluno é impressionante, muitos pais dizem que ao fim de muito tempo deles cá andarem o professor de instrumento manda mais no filho do que o próprio pai porque a influência é tão grande e o tempo que passam, digamos que, o agradecimento que o aluno tem para com o professor e então se forem bons alunos em que ganham concursos e que sabem que o devem logicamente também ao professor é muito grande a influência que se cria. Existe uma relação muito próxima entre os professores e os alunos, digamos que é algo que é específico deste tipo de ensino, não é algo que se vê numa escola regular, é perfeitamente normal aqui qualquer aluno querer falar com o diretor da escola e nas outras escolas, alguns deles, nem o conhecem e aqui é super normal. Não existe uma distância onde existe a direção, os professores uma pirâmide. Claro que a pirâmide tem de ser respeitada e tem de existir mas existe uma proximidade entre todos porque trabalhamos todos para o mesmo.

Entrevistadora: E no que diz respeito às instalações e aos recursos da escola. Considera-os adequados ou ainda existem alguns aspetos que deveriam ser tidos em conta

Entrevistado: Existem sempre aspetos a terem de ser tidos em conta, mais não seja porque os instrumentos são muito caros, a manutenção também é muito cara e existem particularidades como a insonorização da sala mas nesse aspeto, não nos podemos queixar das nossas instalações e do material que temos. Logicamente que sabemos que temos muito ainda para fazer mas nem pouco mais ou menos nos podemos queixar.

Entrevistadora: Sim, há sempre bem pior. E considera que este curso (o de nível básico) Está mais direcionado para o prosseguimento de estudos ou para uma via mais profissionalizante?

Entrevistado: Não, o curso básico está direcionado para o prosseguimento de estudos. Qualquer aluno que queira prosseguir os estudos tem de fazer o curso básico porque o curso básico dá uma série de bases tanto a nível da disciplina como a nível das regras de estudo, prepara o aluno para o futuro. Esta é a primeira escada que o aluno tem que subir.

Entrevistadora: No entanto, atualmente surge o problema de que se o aluno termina o nono ano tem de começar no décimo e não pode voltar ao sétimo...

Entrevistado: Exatamente! Esse é um problema que nos foi colocado recentemente e que é um grande problema. Porque o aluno tem realmente a sua formação normal, curricular mas não tem a parte artística. Se um aluno vem para esta escola é porque quer ser músico e não lhe é permitido ter a base e o que este aluno tem de fazer em três anos, um aluno

faria normalmente em seis o que obriga a escola a fazer autênticos milagres com os alunos e colocá-los ao mesmo nível dos colegas da turma em apenas três anos é muito complicado. Logicamente que a escola tem organismos a funcionar de apoio, reforços de aulas

Entrevistadora: E isso, também, de certa forma, acha que poderá pôr em causa o prestígio da escola porque pode ter alunos que terminem o décimo segundo ano e como só tiveram três anos de instrumento não conseguem ingressar logo no ensino superior?

Entrevistado: Sim, eu acho que o prestígio da escola nunca será afetado porque logicamente porque havendo essas provas de seleção só entra na escola quem a escola quiser. E a escola também tem de ter a responsabilidade em se aceita o aluno tem de colocar num nível pelo menos aceitável. Agora quem sai sempre prejudicado é o aluno, porque não vai ter a oportunidade que outros tiveram de se preparar em seis anos e logicamente por muito que ele trabalhe e por muito que ele consiga até alcançar os mesmos níveis em três anos não vão ser da mesma solidez que o faria em seis anos porque logicamente que há passos que no ensino básico com tempo são levados e trabalhados e repetidos em que não há tempo para o fazer e há coisas que são passadas à frente porque há coisas que são secundárias e que para ali não vai ser importante, mas que se calhar daqui a quatro ou cinco anos fazem falta e o aluno não vai ter, ou não vai ter pelo menos tão bem estimulado e, por isso, aí é o aluno que será sempre prejudicado.

Entrevistadora: E centrando-nos agora nos percursos destes jovens, a taxa de alunos que prosseguem os estudos na área da música é altíssima. Não existe alunos que terminem o nono ano e decidam que querem ir para um curso científico-humanístico.

Entrevistado: Não, são muito muito poucos os casos. Digamos que em 99,9% dos casos os alunos prosseguem os estudos.

Entrevistadora: E também o facto de o curso ser tão exigente, quer dizer, só aguenta quem quer realmente ser músico.

Entrevistado: Exatamente! Daí digo que os três primeiros meses são sempre cruciais, nós sabemos quem vai aguentar e quem não vai e no final do ano aí sim temos mesmo a certeza de quem aguenta porque trabalha. Dificilmente nos enganamos ao final de um ano, e sabemos quem são os alunos que efetivamente vão conseguir alcançar o nono ano, há alunos que não conseguem porque não aguentam o ritmo da escola.

Entrevistadora: E também porque se calhar não estão tão motivados...

Entrevistado: Logicamente, e que não trabalham isso é uma bola de neve, não trabalhando não atingem níveis e não atingindo níveis não têm a aprovação.

Entrevistadora: E como é que tem decorrido a inserção desses jovens - e agora não me vou cingir só ao nível básico mas também aos alunos que têm passado por esta escola - Como é que tem decorrido a inserção destes no mercado de trabalho

Entrevistado: A inserção tem corrido muito bem até porque nós inclusivamente temos professores no nosso corpo docente que foram ex-alunos aqui da escola. Fizeram aqui o seu percurso, foram tirar a licenciatura fora e depois a escola reabriu portas para eles lecionarem porque foram alunos que marcaram, foram alunos que fizeram um excelente percurso e a escola orgulha-se depois de os ter tido como alunos de os ter como docentes e isso também é um estímulo ao alunos porque percebem que esse pode ser um trajeto completamente ao alcance deles se trabalharem, se mostrarem e se quiserem, pode ser um futuro. E depois existem as outras entidades que estão em grandes orquestras internacionais, por exemplo, o primeiro aluno Português a entrar na orquestra de Berlim foi ex-aluno aqui da escola por isso existe um pouco de músicos espalhados por essa Europa fora.

Entrevistadora: Exato, porque não quer dizer que os alunos que tenham seguido os estudos tenham prosseguido a área do ensino, existem solistas.

Entrevistado: Exato, solista não digo que exista porque solistas é muito muito difícil, tirando a Maria João Pires não há mais nenhum Português que faça a carreira de solista. Agora existe sim muitos músicos de orquestra. Logicamente que os músicos que quiseram seguir em grandes orquestras estão lá fora porque em Portugal há muito poucas oportunidades para além de haver muito poucas orquestras há muito poucas oportunidades, e quando as há ainda se vai preferindo o estrangeiro ao Português de forma que.

Entrevistadora: Sim, constata-se que os alunos têm muito o objetivo de ir para o estrangeiro.

Entrevistado: Sim... É perfeitamente normal, coisa que não acontece no ensino regular muitos a chegar ao décimo primeiro ou décimo segundo a falar com a mesma naturalidade que se fala em ir estudar para Lisboa como para Amsterdão, Berlim ou Londres. É perfeitamente natural, o único entrave é sempre a situação financeira, mas de resto é perfeitamente natural essa ambição e é legítima porque os alunos também têm noção do nível a que estão porque também têm feedback dos professores que vêm de fora ou das competições em que participam que têm a mesma facilidade em entrar em Lisboa ou qualquer universidade fora. Por isso é perfeitamente normal, e por isso é muito provável

que este ano, por exemplo, da turma de décimo segundo ano cinquenta por cento dos alunos vão lá para fora, é normal e passa pela ambição porque sabem que lá fora também têm muito mais oportunidades do que cá.

Entrevistadora: Sim, também vai sempre enriquecer o currículo, por isso...

Entrevistado: Sim, exatamente mas são muito poucos os alunos que vão estudar para lá e que regressam. Muito muito poucos. Mesmo muito poucos. Eu se calhar fui um desses casos porque sempre tive essa ambição, sempre disse que gostava de trabalhar cá em Portugal embora tenha estudado lá fora, mas se calhar da minha geração, eu estudei em Londres na altura éramos cerca de quinze Portugueses a estudar na escola e se calhar eu fui o único que vim, acho que não veio mais nenhum para cá trabalhar. Estão todos a trabalhar lá fora, outros mudaram de País mas estão todos lá fora. Cá o trabalho é completamente diferente ao nível de oportunidades.

Entrevistadora: Quer acrescentar algum tipo de informação que não tenha sido referido?

Entrevistado: Não, que me lembre não. Mas se me lembrar direi.

Entrevistadora: Muito obrigada!

ANEXO VII. TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA PROFESSOR 1

Entrevistadora: Muito bom dia, antes de mais obrigada pela sua disponibilidade. Os dados são confidenciais e destinam-se a um fim meramente académico.

Entrevistadora: Há quantos anos é professor?

Entrevistado: ah... este é o trigésimo ano. Há 30 anos que sou professor.

Entrevistadora: E sempre teve como objetivo sê-lo ou surgiu espontaneamente na sua vida enquanto músico?

Entrevistado: Surgiu, porque na altura quando eu estava a estudar. Ainda eu era estudante não havia muitos instrumentistas em Portugal que pudessem dar aulas, então eu comecei muito cedo, desde logo, ainda no curso superior a dar aulas e aconteceu e gosto muito, gosto muito de dar aulas.

Entrevistadora: Há quantos anos trabalha nesta escola?

Entrevistado: Desde sempre, fiz parte do projeto, ajudei a criar o projeto para a criação da escola.

Entrevistadora: Quais são as suas habilitações académicas?

Entrevistado: Tenho o curso superior de violoncelo e tenho pós-graduações no estrangeiro.

Entrevistadora: Que tipo de pós-graduações?

Entrevistado: Tenho uma pós graduação em violoncelo e uma pós-graduação como maestro.

Entrevistadora: Qual a disciplina que leciona?

Entrevistado: Aqui na escola? Leciono violoncelo, orquestra sinfónica, orquestra de cordas e *ensemble*, a aula a que assistiu é de *ensemble*.

Entrevistadora: Qual é que é a sua experiencia profissional? É apenas professor? É músico?

Entrevistado: Não... Basicamente sou músico porque na música não existem só professores é difícil. Aquilo que nós temos de transmitir aos alunos é um pouco mais do que ensinar notas, é um pouco mais o que é a experiência de ser artista, como estar em palco. E isso, muitas vezes perguntam-me qual a profissão e eu costumo dizer que sou músico, e também dou aulas como é óbvio, mas primordialmente toco e dirijo orquestras e toco violoncelo.

Entrevistadora: Para além de dar aulas nesta escola, acaba por desempenhar funções em orquestras...

Entrevistado: ah... não. Normalmente, eu sou *freelancer*, portanto eu sou, também, especialista em música antiga, tenho um grupo de música antiga, fazemos uma orquestra e tenho dois quartetos, e tenho também um grupo de música contemporânea que organizamos sempre o festival de música contemporânea internacional, em Novembro.

Entrevistadora: Centrando-nos no ensino e no curso em específico, considera que a componente de formação do curso de nível básico é adequada?

Entrevistado: Sim, eu... Os cursos estão bem organizados, eu acredito, talvez o peso, a carga horária é que creio que é um pouco extensa o que obriga a irmos até finais de Julho a dar aulas, mas atendendo à tipologia de curso acaba por ser positivo.

Entrevistadora: E no que diz respeito por exemplo aos vários tipos de eventos que a escola organiza?

Entrevistado: É fundamental, as dinâmicas de uma escola de música são um pouco diferentes da dinâmica de uma escola regular, onde não se ministram este tipo de cursos artísticos. A arte é uma ciência do saber em que exige, quase, desde que começamos a lidar com ela uma troca de filosofias e de formas de estar neste caso na música. E estas atividades que são organizadas pelas escolas, vão-lhes proporcionar isso, porque um aluno não deve estudar só com um professor uma vida inteira e deve ter conhecimento de outras abordagens do próprio instrumento, há orquestra, há música porque isso vai ser enriquecedor para ele e é fundamental que haja essa dinâmica numa escola.

Entrevistadora: Como caracteriza a relação pedagógica que estabelece com os seus alunos?

Entrevistado: A relação pedagógica? Como a caracterizo? Boa pergunta... nunca tinha pensado nisso. Risos – eu creio que é boa, eu tento ao máximo transmitir aquilo que sei e primordialmente não tanto só os conhecimentos, como é óbvio, mas temos que inculir neles um pouco de vontade de aprenderem e quererem saber, e quererem aprender. Porque um aluno que não queira aprender, eu posso dar-lhe todos os conhecimentos do mundo que ele não vai aprender nada, se eu o ensinar primeiro a querer muito, o culto do saber, desde o início quererem absorver as coisas, se isso acontecer, as poucas, o pouco conhecimento que eu lhe posso transmitir fica todo e eu acho que nós primordialmente temos de inculir nos alunos isso. É o que eu tento, tenho conseguido em alguns casos, tenho alguns casos de sucesso, o que me deixa contente, portanto, pensando para trás a minha relação com os alunos é positiva.

Entrevistadora: E o que considera ser necessário para que essa relação seja bem-sucedida?

Entrevistado: Primeiro é necessário ser pedagogo, intrinsecamente pedagogo, que é uma coisa que eu acho que sou. Não é ser professor, é outra coisa, a forma como chegamos aos alunos, tem de mudar de aluno para aluno, é diferente. Há alunos que se portam mal e nós devemos castigar, há outros em que nós devemos falar com eles, há muitas reações. E em relação ao saber a mesma coisa pode ser dita de várias maneiras e felizmente este ensino é um pouco um ensino individualizado, mesma as próprias orquestras estão divididas por instrumentos e é um pouco individualizada a transmissão do saber. Eu tento perceber como posso chegar ao aluno, como dar-lhe determinada informação e a partir daí trabalhar isso.

Entrevistadora: No que diz respeito às instalações e à própria escola, considera-as adequadas? Qual a sua perceção?

Entrevistado: Primeiro, estamos em Portugal. Temos que ter sempre isso em conta e por mais que queiram nós não somos um país desenvolvido senão não teríamos nem o QREN nem o POPH se isto fosse um país desenvolvido. Não existia um POPH nem os programas de apoio. Eu creio que partindo daí, partindo desse princípio, creio que houve grandes conquistas nos últimos 20 anos, se chega? Não chega. Como é óbvio falta muita coisa. As escolas deveriam ter condições a nível sonoro, deviam ser tratadas, mas não são. Isto é uma escola normal, como um liceu, imagine o que é uma orquestra sinfónica ensaiar ali, não há um tratamento de som. Eu sei que é muito caro e que fica muito caro a construção de uma escola de música, e com condições para música. Mas creio que já se deram passos positivos nos últimos 30 anos, há 30 anos as coisas eram bem piores, já existem no país escolas com muito boas condições.

Entrevistadora: E considera que esta faz parte dessas escolas?

Entrevistado: Esta tem condições, sim.

Entrevistadora: Relativamente à participação dos alunos nas atividades levadas a cabo pela escola, são alunos com facilidade de participação?

Entrevistado: Sim, normalmente são. Aliás todas as *master* classes que já organizamos a nível de violoncelo digamos que é a minha área, nunca tive nenhum aluno que não se inscreve-se. Outras atividades que tenhamos organizado também, eles participam. Sabe, quando um aluno vem para uma escola profissional é feito logo à partida, são feitos testes de aptidões e depois é feita uma entrevista e é explicado aos pais e às crianças o que é isto e o que é a escola e eles quando vêm já sabem, pronto e é porque querem muito. Para nós

é mais fácil, no ensino regular é mais difícil motivar alunos, para nós é muito fácil porque é isto que eles querem, eles querem tocar, querem ser músicos, querem aprender. Se nós dissermos “vem o professor x dar uma *master* classe”, eles dizem “ai... é, quando? Quando? Em que dias?” é automático.

Entrevistadora: Considera que este curso prepara os jovens para o prosseguimento de estudos, para a inserção no mercado de trabalho ou dá-lhes uma ideia geral do que é a música?

Entrevistado: Não, não. Este curso, eles no 9.º ano são profissionais praticamente. Obviamente a partir do 12.º ano eles procuram prosseguir estudos em Portugal ou no estrangeiro, isso é normal porque eu ainda hoje faço algumas reciclagens em cursos, a música é uma arte e as ideias não param, estão constantemente a evoluir, a estética muda e é natural que os alunos queiram estudar o máximo de tempo possível. Mas praticamente quando saem daqui no 12.º ano são músicos.

Entrevistadora: Estava a referir que existem alunos que vão estudar para o estrangeiro, é um número muito considerável?

Entrevistado: É, felizmente nós temos digamos a produtividade é muito boa. Os nossos alunos estão, estão a decorrer concursos em várias escolas nomeadamente na Alemanha em Berlim, Haia, Frankfurt e neste momento temos alunos a concorrer e a ocupar os primeiros lugares, e quando digo os primeiros lugares não é o 2.º, o 3.º ou o 4.º, é o 1.º lugar e isto são concursos a nível internacional para entrar nas escolas. Como sabe o ensino da música é diferente do ensino, acabam o 12.º ano, mas não serve para nada, as provas de ingresso é que definem se entra ou não no ensino superior. Felizmente, e felizmente temos casos no passado de alunos que ganharam, nomeadamente na Royal Cademi por exemplo, que é uma escola de referência em Londres, dá um prémio ao melhor aluno de cada ano. Durante 5 anos, com diferentes alunos, os nossos alunos ganharam esse premio. O que significa que alguma coisa está a ser bem-feita.

Entrevistadora: Então a percentagem de alunos que termina o curso e prossegue estudos, independentemente de ser em Portugal ou no estrangeiro é bastante elevada?

Entrevistado: 100% praticamente. E normalmente os alunos que não prosseguem é porque não fizeram o Português e não conseguem entrar, normalmente seguem.

Entrevistadora: Esses alunos normalmente têm notas nas outras unidades curriculares da componente sociocultural mais baixas?

Entrevistado: Sim, sempre mais baixa. É porque também nós temos uma tipologia de alunos, e estas escolas têm uma função interessante que é, o artista muitas vezes é um

aluno inadaptado no ensino regular. Porque o ensino regular não aceita a diferença, nunca, e o artista é sempre diferente logo desde muito novo, e à partida essa diferença pode ser colmatada com a educação, o pai obriga a estudar. Mas na maior parte dos casos o que acontece é que os alunos tornam-se maus alunos no ensino normal e tornam-se revoltados e etc. Nós tivemos muitos casos de aluno, eu tive um caso de aluno por exemplo que a mãe chegou aqui, ele tinha chumbado duas vezes no 7.º ano de escolaridade e a mãe chegou aqui e disse “oh professor, veja se faz alguma coisa dele porque ele é muito burro”, eu fiquei a olhar para a mãe, e pensei – pois coitado, como é que ele vai fazer alguma coisa. Foi um aluno que acabou o 12.º ano, foi para os Estados Unidos e neste momento está a tocar numa orquestra nos Estados Unidos, um alunos que era “burro”. Acontece muito, porque são alunos inadaptados e depois há alguns que não aceitam e ficam apáticos e há outros que não aceitam e se revoltam, que geralmente são os artistas.

Entrevistadora: Para terminarmos e centrando-nos nos alunos, como é que os caracteriza?

Entrevistado: São alunos muito especiais. Primeira coisa, quando decidem no 7.º ano o que querem, isso já é nos tempos que correm, já é ser especial porque a maior parte dos jovens chega ao 12.º ano e não sabe o que quer fazer da vida, a maior parte. Ter um gosto por uma coisa e ter coragem para dizer “ eu quero isto”, já é uma diferenciação muito grande. São alunos difíceis porque a arte implica a exploração de ideias e a exploração do ser, são alunos ao mesmo tempo, é preciso haver uma autodisciplina muito grande, e a autodisciplina é difícil de se ensinar, a disciplina é fácil. E são crianças diferentes, têm uma tipologia social... Neste momento está a acontecer uma coisa interessante que é, digamos a classe média e a classe média baixa que neste momento esta a procurar estas escolas, não sei se devido à situação do país, também. Já foram escolas frequentadas por classes altas, até consideravam aqui na cidade, as pessoas não se inscreviam porque consideravam que isto era uma escola para, que se devia pagar muito porque só os meninos ricos é que cá andavam. A tipologia mudou um pouco.

Entrevistadora: E as expectativas? Quando ingressão no curso, as expectativas é serem músicos?

Entrevistado: sim sim, um aluno que decide estudar música no 7.º ano já tem. Obviamente que alguns mudam, alguns chegam aqui a dizer que querem, as meninas que querem ser Madonas não é, só que isso depois é uma questão de conhecimento que vão adquirindo e vão mudando, mas na prática querem ser músicos e artistas.

ANEXO VIII. TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA PROFESSOR 2

Entrevistadora: Antes de mais, muito obrigada pela entrevista. Gostava de saber há quantos anos é professor?

Entrevistado: há para aí 12.

Entrevistadora: Sempre quis seguir a via profissional de ensino, ou foi algo que se proporcionou na sua vida?

Entrevistado: Foi algo que se proporcionou.

Entrevistadora: Porquê?

Entrevistado: Porque eu cheguei a um determinado ponto no conservatório que sentia que não queria parar, queria ir um pouco mais à além e daí ter pensado nas possibilidades que tinha à frente, na altura estava numa banda militar e queria continuar a estudar. Então, vi o leque de oportunidades que tinha, de opções que tinha e então tentei e consegui entrar.

Entrevistadora: Há quantos anos trabalha nesta escola?

Entrevistado: Há 8, este é o oitavo.

Entrevistadora: Quais são as suas habilitações académicas?

Entrevistado: Neste momento sou profissionalizado em formação musical.

Entrevistadora: Tem licenciatura? Algum tipo de pós-graduação?

Entrevistado: Tenho licenciatura em formação musical pela Escola Superior de Música de Lisboa.

Entrevistadora: Qual a disciplina que leciona?

Entrevistado: Introdução à composição.

Entrevistadora: Qual a sua experiencia profissional? É professor? É músico? Toca em alguma banca?

Entrevistado: Atualmente já não. Já toquei, o instrumento que tocava era trompete. Atualmente é só mesmo a parte pedagógica.

Entrevistadora: Dedicar-se apenas ao ensino da música?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: E para além de lecionar esta escola, fá-lo noutra instituição?

Entrevistado: Dou, também, aulas no conservatório.

Entrevistadora: Deixando de parte o seu percurso, mas incidindo no ensino e neste curso em específico, no curso de nível básico. Considera que as componentes de formação são adequadas?

Entrevistado: Eu penso que sim.

Entrevistadora: E relativamente à carga horária? Ao tipo de eventos que a escola organiza?

Entrevistado: Eu acho que também está adequado, se bem que talvez tenham uma carga demasiado alta, não sei, digo eu. Talvez tenham uma carga um bocadinho elevada ao nível de recitais, de parte musical, não é... disciplinas ligadas com a parte musical. Mas também não sei até que ponto é capaz de estar adequado. Diria que está adequado.

Entrevistadora: No entanto, considera que por vezes é um pouco excessivo?

Entrevistado: Não sei... também é a perceção com que às vezes fico. São miúdos com 11, 12, 13, 14 anos por aí, não é... Em que concertos aos fins de semana, entram num modo de vida que é quase como se fosse um profissional, não é... concertos às vezes às sextas à noite, sábados à noite, domingos à noite. Onde têm de efetuar viagens de ida, de volta, em que exige já uma certa responsabilidade. Acho que talvez não seja negativo, eles fazem por gosto obviamente, senão não estavam aqui, mas não sei... digo eu, falo na minha perspetiva, e acho que às vezes um bocadinho exagerado e demasiado.

Entrevistadora: E considera que esse é o “preço” a pagar para se ser músico, ou que eles conseguiriam atingir o mesmo nível de *performance* tendo uma carga mais baixa?

Entrevistado: Não sei... (Risos) Depende, não é... Eu acho que talvez conseguissem atingir um nível de *performance*, também, idêntico com uma carga talvez inferior, acredito que sim.

Entrevistadora: No que diz respeito com a relação pedagógica que estabelece com os seus alunos, como é que a caracteriza?

Entrevistado: Acho que não tenho problemas de relacionamento com eles, tento ao máximo pô-los à vontade e criar uma certa dinâmica de diálogo entre professor e aluno, que não haja assim grandes barreiras. Acho que não vejo assim...

Entrevistadora: Para que essa relação seja bem-sucedida o que acha que é fundamental existir para que essa situação ocorra?

Entrevistado: Acho que um certo espírito de camaradagem tem que, o professor tem que criar neles para que haja um bocadinho mais de à vontade, não é... porque nesta fase, eles... nesse tipo de faixa etária eles ainda são um bocadinho novos e pronto, têm assim um certo respeito e às vezes um bocado medo quando se trata de um homem... às vezes um bocadinho de respeito e medo, às vezes assim... Mas pronto, há que tentar criar um ambiente mais descontraído de intervenção com eles, brincadeira às vezes, também, em sala de aula.

Também com a regularidade com que a gente vai estando, vai-se criando assim um certo à vontade e um certo espírito de camaradagem entre professores e alunos.

Entrevistadora: Referindo-nos às instalações, considera que estas assim como os recursos disponíveis são adequados ou podiam ser melhorados?

Entrevistado: Eu acho que poderiam ser melhorados, por exemplo na colocação de projetores, há projetores que foram mal colocados em algumas salas e é pena porque se estivessem bem montados podia-se tirar muito mais partido, e melhor partido. Mas como estão mal montados não se consegue projetar e acabou-se por gastar dinheiro e não se estar a tirar partido, basicamente é isto. Depois, também há salas que não estão com a devida, não têm cortinas. Mas a nível de instalações a escola é recente e tem boas instalações.

Entrevistadora: No que diz respeito à participação dos alunos nos vários tipos de atividades propostas pela escola, como é que acha que é o nível de participação dos alunos?

Entrevistado: motivados e participam, sem dúvida.

Entrevistadora: Eles têm consciência da importância que esse tipo de eventos tem para o seu futuro enquanto músicos, apesar de serem tão novos?

Entrevistado: Podem não ter ainda um real e muito profundo conhecimento do que lhes pode trazer, mas são responsáveis e fazem o seu melhor.

Entrevistadora: Considera que o curso de nível básico prepara os jovens para a prossecução de estudos, para o mercado de trabalho ou para a música num geral?

Entrevistado: Mais as duas últimas talvez [mercado de trabalho e música em geral] ... não tanto a primeira [prossecução de estudos]. Mas as duas últimas sim... Até porque muitos deles acabam por seguir para o ensino superior e acabam por enveredar por uma carreira profissional.

Entrevistadora: Considera que a taxa de alunos que prossegue os estudos é elevada?

Entrevistado: Dentro da área da música? Nesta escola? Bom, vamos lá ver... Eu dou o 9.º ano apenas, não dou o 7.º nem o 8.º. Sei que entram muitas vezes alunos no 7.º e acabam por desistir ao longo do percurso e nem chegam a ter aulas comigo no 9.º ano, mas muitos dos que chegam a mim no 9.º ano normalmente acabam por seguir, normalmente na ordem dos 95%, lá há uma ou outra desistência, mas muito muito pouco.

Entrevistadora: E têm tendência a prosseguir os estudos na área da música?

Entrevistado: Sim, sim.

Entrevistadora: Referindo-nos apenas aos alunos, como é que os caracteriza?

Entrevistado: Normalmente vêm para cá... bom... quer dizer, para o 7.º ano vêm alguns já com alguns conhecimentos, já com 2.º grau de conservatório, outros vêm mesmo a partir do zero.

Entrevistadora: E como é que um professor gere essas situações?

Entrevistado: Bom, não sou eu que dou esse dois graus iniciais de formação musical, eu só os apanho no 3.º grau, portanto não lhe sei dizer

Entrevistadora: pois... Mas quando chegam ao 3.º grau, ainda nota essa discrepância?

Entrevistado: Se houver é uma coisinha mínima, eles recuperam e vão evoluindo, mais ou menos... pronto, há uns que aprendem um bocadinho mais depressa outros mais lentamente. Mas quando chegam ao 9.º ano acabam por estar mais ou menos equilibrados ao nível de competências.

Entrevistadora: Considera que são jovens motivados?

Entrevistado: sim, são.

Entrevistadora: E as expectativas deles também se centram num percurso musical?

Entrevistado: Sim, sim. Lá está, como disse 95% acaba por seguir para o 10.º ano para o curso de ensino secundário na área da música profissional e depois continuam carreira.

ANEXO IX. TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA PROFESSOR 3

Entrevistadora: Antes de mais, muito obrigada pela disponibilidade Gostava de saber há quantos anos é professor?

Entrevistado: Há quase 10 anos, faz no próximo ano 10 anos.

Entrevistadora: Sempre quis ser professor ou foi algo que surgiu na sua vida?

Entrevistado: Hum... Quando nós tiramos um curso nesta área, o que mais ambicionamos é ter uma vida ativa na parte musical, ou seja, quem estuda um instrumento quer é tocar. É um trabalho um bocado prático mas para todos os efeitos depois há sempre várias possibilidades, a primeira ideia para qualquer jovem e para qualquer pessoa que entre para um curso superior como é o caso, de hoje em dia, os licenciados e mestrados também é entrar num curso superior e sair dali e ter possibilidade de tocar. Ao longo desse percurso, vamos tendo a oportunidade de tocar e de dar aulas, e foi o que aconteceu comigo. E para mim foi uma descoberta, mas uma descoberta bastante interessante, até que acabei a licenciatura e continuei a trabalhar, a tocar, etc e passado uns anos dediquei-me exclusivamente ao ensino, claro que não deixei a vida ativa de tocar o meu instrumento porque nós, nesta profissão, não pudemos parar quer seja de estudar ou de ter contacto com outros músicos e daí o enriquecimento.

Entrevistadora: Hum hum, há quantos anos é professor nesta escola?

Entrevistado: Nesta escola, desde 2010 portanto sou recente nesta escola. Faz 4 anos.

Entrevistadora: Quais são as suas habilitações académicas? É licenciado, tem tirado pós graduações, mestrado...

Entrevistado: Isto a nível de currículo vá, aquilo que acontece há um curso superior neste caso eu tirei ainda pré-Bolonha, portanto, licenciatura - 4 anos e não havia ainda nem mestrados nem doutoramento, muito menos doutoramentos pelo menos em Portugal, e então sou licenciado pela academia nacional superior de orquestra, e paralelamente fui sempre fazendo cursos, master classes que só transmitem currículo não tanto...

Entrevistadora: ... Académico, mas mais profissional?

Entrevistado: Exatamente, exatamente! E continuo a fazer, eu pelo menos, tento sempre fazer aulas com outros professores mesmo, nunca deixamos de aprender (risos)

Entrevistadora: (risos) sim isso é verdade! Qual é que é ou quais são as disciplinas que leciona aqui na escola?

Entrevistado: Apesar de ter habilitações para várias, neste momento aqui na escola só desempenho as funções de professor de viola de arco.

Entrevistadora: Então acaba por dar aulas de instrumento específico?

Entrevistado: Exato, especificamente de instrumento.

Entrevistadora: Já foi referindo que nunca deixou o contacto com a via profissional, por isso para além de ser professor é músico, toca em alguma orquestra?

Entrevistado: Faço participações em orquestras, a nível nacional. Conforme a disponibilidade que tenha academicamente ou no desempenho das minhas funções enquanto docente desta escola, e felizmente há abertura desta entidade a por entraves a um músico porque nós somos formados como músicos para continuar a ter uma função ativa de tocar, e continuo a fazer essas participações sim.

Entrevistadora: Centrando-nos agora apenas no curso de nível básico, considera que as componentes de formação do curso são adequadas: A carga horária, o tipo de atividades que a escola propicia aos alunos. Qual é a sua perceção relativamente a isto?

Entrevistado: Acho que este tipo de ensino, sendo um ensino profissional está bem direcionado, nos últimos anos tem havido alguma diminuição do número de horas de formação especificamente do instrumento e os alunos entram para aqui, para uma escola deste tipo direcionados para um instrumento e então quanto mais contacto tiverem com o instrumento melhor e nos últimos tempos como referi, têm vindo a diminuir esse número de horas de formação, consegue-se fazer um bom trabalho muito também por força dos funcionários de cada escola e do brio profissional que existe sempre por quem leciona de tentar que os alunos tenham uma boa formação e um bom desempenho mas, resumindo, quanto mais horas de formação do instrumento especificamente melhor.

Entrevistadora: E relativamente às atividades que a escola propicia: os concertos, as *master classes* acha que são adequadas e que fazem falta?

Entrevistado: São adequadas e fazem muita falta. Todo o trabalho exterior às aulas de instrumento são reflexo daquilo que se faz nas aulas de instrumento. Isto é um estudo muito individual, e qualquer pessoa não pode viver só encerrado numa sala portanto, todo e qualquer contacto com a vida profissional, que é isso que vão desempenhar no futuro é extremamente saudável e ainda bem que acontece.

Entrevistadora: E tratando-se de um professor de instrumento, como caracteriza a sua relação pedagógica com os alunos?

Entrevistado: Eu considero que é boa, mas se calhar tem de perguntar aos alunos e a quem avalia aos júris das provas, mas eu considero boa tento orientar sempre o meu

trabalho, não vejo todos os alunos da mesma forma. Tento estabelecer pedagogicamente um percurso que seja mais fácil aprenderem o conhecimento que eu quero dar naquele momento, mas nem todas as pessoas são iguais nem todas as pessoas têm a mesma estrutura física, têm desempenhos diferentes e têm mais facilidade de coordenação motora. Uns têm mais facilidade na parte motora e há outro aluno que é o contrário e não há uma regra fabril para formar músicos.

Entrevistadora: E qual é a importância de um professor de instrumento na formação de um jovem e uma vez que no âmbito dos cursos profissionais, este é o único curso em que existe um professor para um aluno pelo menos 1 vez por semana?

Entrevistado: Eu acho que é importante. Nós aqui, obviamente que o principal interesse é formar instrumentistas. Mas obviamente por essas 2h individualmente que passamos com cada um dos alunos acabamos por não nos focar, damos uma forma abrangente que vai um bocadinho para além da sala de aula. Acaba por ser saudável, isto na minha visão, poder transmitir alguma coisa aos miúdos, é bom e acho que é saudável e espero que eles também aprendam um bocadinho e tentem explorar, basicamente, porque aqui é uma questão de passar a formação adequada mas ao mesmo tempo de suscitar interesse na busca de fatores que eles considerem curiosos e que os enriqueça enquanto pessoa.

Entrevistadora: E considera que um dos fatores fundamentais para o enriquecimento desta relação pedagógica se centra exatamente nisso, no tentar fazer com que o aluno seja autónomo e que vá procurando o seu próprio conhecimento?

Entrevistado: Sim, acho que sim! Isto devia ser pretensão da minha parte, mas devia ser uma preocupação de todas as escolas dar autonomia às pessoas, dar confiança às pessoas. Saber onde ir buscar a informação e a curiosidade que é importantíssimo para se manterem informadas, só assim conseguem evoluir mais um bocadinho. No caso da música, acontece isso mesmo - Nós não podemos estagnar e ficar satisfeitos com o trabalho desempenhado em cada um dos momentos em que executamos. Ainda por cima, os músicos normalmente são insatisfeitos por natureza, nunca estão contentes com a prestação porque o trabalho que se faz numa sala sozinho é diferente daquele que acontece quando temos uma sala cheia. portanto há aqui uma gestão que é importante e obedece a uma aprendizagem importante.

Entrevistadora: Altera o seu comportamento se, por exemplo, tiver um aluno deslocado e que vai a casa poucas vezes, temos nesta escola muitos alunos que são deslocados e que vivem sozinhos desde os 13 anos. Qual é o papel do professor de instrumento nessas situações?

Entrevistado: É grande, é grande! Tem de haver um acompanhamento, estamos a falar de idades em que a vontade de experimentar é muita e a vontade de adquirir conhecimento também é muita, e portanto é preciso um acompanhamento mais próximo dos alunos, nessa fase, acho eu.

Entrevistadora: Focando-nos nos recursos e nas instalações existentes, considera que adequadas?

Entrevistado: Sim, considero adequadas para este tipo de ensino, sim.

Entrevistadora: E no que diz respeito à participação das atividades propostas, o grau de participação é elevado?

Entrevistado: Tenho ideia que o grau de participação é elevado. Não nos podemos esquecer aqui que todas as atividades que são feitas fazem parte da formação, contam como horas de formação quase como se fosse um plano curricular estipulado ao minuto, à semana ao mês uma forma muito próxima com os alunos. Isto faz com que eles tenham uma participação grande, se interessem e obviamente exista um espírito, de certa forma, competitivo para fazer com que seja mais fácil a entrada no mundo profissional, que é isso vão encontrar.

Entrevistadora: E o que acha que os motiva para essa participação?

Entrevistado: Há aqui um fator interessante, nós lidamos com música. Música é lidar com emoções, quaisquer que sejam, e então acho que é isso mesmo o que os alunos vêm é um resultado prático mas que estão a contribuir de alguma forma para provocar emocionalmente as outras pessoas, suscitar algum tipo de reação: desagrado; não; assobio; palmas... O que for mas que têm um contacto direto e acho que acaba por ser motivador. Depois há a componente de nota, é uma das formações mas isto é académico e é curricular.

Entrevistadora: Hum, e considera que o curso (e podemos considerar o curso de 6 anos) está mais direcionado para o prosseguimento de estudos ou tem um cariz fortemente profissionalizante e espera-se que o aluno ingresse o mais cedo possível no mercado de trabalho?

Entrevistado: Eu acho que este ensino abrange as duas vertentes, essas duas vertentes que referiu porque um aluno sai da escola profissional com o equivalente ao décimo segundo portanto, com 17/18 anos, no caso de ter feito um seguimento dito normal, e portanto tem essas duas vertentes: entrar numa orquestra e fazer o seu trabalho mas ao mesmo tempo pode prosseguir estudos, claro que nós não paramos de estudar e especialmente hoje em dia o aluno sai daqui e se quiser dar aulas tem de ter um mestrado,

portanto toda a gente acaba uma escola profissional e tenta ingressar num ensino superior agora existe uma componente muito forte nas escolas profissionais por força do tempo que os alunos passam com o instrumento que faz com que o nível suba muito, o nível musical suba muito, e mesmo o grau de maturidade e isto pegando no que estava a dizer os alunos são deslocados, e por isso o grau de maturidade com que chegam aos 18 anos é infinitamente maior do que um aluno que sempre viveu em casa dos pais, eu também sempre vivi em casa dos meus pais até ir tirar um curso, mas dá-lhes um grau de maturidade maior e acho que acabam por ter contacto com mais pessoas são obrigados a tomar as suas próprias decisões e portanto dá-lhes uma bagagem ligeiramente maior de outro aluno, portanto há sempre duas componentes numa escola profissional.

Entrevistadora: É elevado o número de alunos que prossegue os estudos comparativamente com quem se fica apenas com o décimo segundo ano?

Entrevistado: Sim, numa escola profissional ao fim de seis anos todos os alunos que tiveram contacto com música e o levaram de uma forma séria é, numa linguagem corriqueira, ficou com o bichinho da música e então é quase impossível desligarem-se, portanto a maior parte deles seguem música. É um ensino que é direccionado para isso apesar de haver alguns que não o fazem.

Entrevistadora: Como caracteriza um aluno que vem para este curso com 13 anos? Será que existe alguma distinção entre o aluno que procura este tipo de ensino e os outros alunos? Será que eles têm algumas características próprias?

Entrevistado: É possível. Nunca fiz uma avaliação sobre isso até porque eu não ensino em ensino regular, portanto a comparação acaba por ser diferente porque não conheço outra realidade. Aquilo que eu noto dos alunos daqui é que são alunos que têm vontade de fazer alguma coisa, têm vontade de aprender, um gosto por música. Aqueles que entram com menos vontade de trabalhar e um gosto musical não tão aprofundado rapidamente conseguem explorar um bocadinho pela quantidade de informação que nos primeiros anos é passada, conseguem adquirir ritmos de trabalho e interessar-se mais ainda pela parte musical e de uma forma cuidada e com conhecimento. Mas basicamente são miúdos de 13 anos que precisam de acompanhamento e de serem direccionados da melhor maneira.

Entrevistadora: E são jovens muito motivados para a aprendizagem, não?

Entrevistado: Sim, a maior parte deles sim. Porque depois estamos a falar de miúdos que entram para esta escola e vêem o resultado prático, vêem que, no caso do meu instrumento, se mexem os dedos e andam com o braço produz um som e esse som pode ser bonito ou

feito portanto, é um resultado prático e eles entusiasmam-se com isso mesmo. O estudo que eles fazem de forma regular, vai-lhes dando motivação automaticamente. Começam a ver que começam a tocar melhor e começam a ver o resultado prático e eles entusiasmam-se com isso e acaba por ser assim. Alguns alunos que entram já para um curso profissional logo no sétimo ano que já tiveram aulas de música no ensino regular, no ensino articulado no quinto e sexto ano como tiveram contacto com música também já vêm direcionados, e nesses alunos a motivação é ligeiramente maior do que quem entra sem conhecimento aprofundado da música porque como já sabem como poderão trabalhar e o que poderão fazer profissionalmente.

Entrevistadora: Qual é o desafio para um professor quando chega a uma turma de sétimo ano e tem alunos com essa discrepância: Os que já tiveram contacto com uma formação musical e os que estão a ter, pela primeira vez?

Entrevistado: Eu não tenho aulas de grupo, só aulas individuais. Para todos os efeitos, tendo essas duas fases aquilo que, sendo o objetivo, tento fazer é o que já entrou com algum conhecimento musical continue o seu percurso na tentativa de melhorar o seu desempenho a nível de instrumento, o outro é que ele apanhe rapidamente o barco e que a nível musical, pelo menos, desenvolva rapidamente.

Entrevistadora: E acha que a idade com que eles começam a tocar o seu instrumento influencia o seu desempenho a longo prazo?

Entrevistado: Sim, uma criança que comece a tocar aos cinco ou seis anos de idade, chega aos treze anos e já tem contacto com o instrumento há dez anos, quase, o que faz com que o desempenho depois, isto é um trabalho físico e sendo um trabalho físico é necessário repetir e repetir, andar com um cronómetro na mão para ver quem faz os melhores tempos mas, portanto, quando mais cedo se começa há uma série de processos que já está interiorizada e eles conseguem acompanhar os novos processos e o novo conhecimento de uma forma muito mais fácil, claro que o nível a partir daqui acaba por ser mais alto.

Entrevistadora: Nesse sentido, considera que existe um grande número de alunos que, pelo facto, de terem contacto com o instrumento aos doze ou treze anos estão a condicionar o seu futuro enquanto músicos? Na medida, em que, se calhar a probabilidade de se tornarem um músico de topo vai diminuindo?

Entrevistado: (risos) Isso é uma pergunta provocatória. Mas para todos os efeitos, aquilo que se tenta no ensino profissional é que no final do décimo segundo ele tenha possibilidade de ingressar no mundo profissional. Agora como em qualquer área prática

e física, quanto mais cedo começar mais facilidade tem de chegar, se for bem acompanhado e bem direcionado mais facilidade tem.

Entrevistadora: Claro que depois a especificidade do aluno, também influenciará as horas de treino e tudo mais...

Entrevistado: Sim sim, mas no ensino profissional, há pouco estava a falar do plano curricular acaba por estar estruturado para que eles tenham aulas teóricas, componente prática com o professor nas aulas e depois horas de estudo individual, que é importantíssimo para eles conhecerem o instrumento e para lidarem com as frustrações, que também é importante a aprenderem a lidar com isso sozinhos ou acompanhados na sala com o professor a passar para ver se o estudo está a correr bem, mas portanto há estudo acompanhado e enquanto estão aqui na escola estão sempre acompanhados.

Entrevistadora: E relativamente à inserção no mercado de trabalho? Qual a sua perceção relativamente a isto?

Entrevistado: Eu posso-lhe falar porque a maior parte dos alunos tem acontecido desta forma, acabam a escola profissional entram para uma universidade, portanto, universidade; faculdade em que realizam mais quatro anos e depois ingressam no mercado profissional e não é fácil, é uma área que não é fácil é uma área extremamente competitiva em que em Portugal estamos a falar de um mercado de trabalho que a nível de orquestras, por exemplo, não é assim dos maiores mercados e especialmente a segurança que se tem a trabalhar numa orquestra é relativa. Há a parte de ensino mas que ao mesmo tempo também é preciso ter alguma vontade de querer ensinar e acaba por não ser fácil. Em relação há entrada deles para o mercado de trabalho acho que vai acontecendo e, se calhar, felizmente, apesar de tudo, ainda não é das áreas que está mais sobrelotada ou com os lugares completamente preenchidos em que toda a gente fica de fora.

Entrevistadora: Acha que uma pessoa que prossegue os estudos na área da música tem menos oportunidades do que se tivesse ingressado noutra tipo de área?

Entrevistadora: Não não, porque felizmente e até agora, nos últimos anos tem invertido um pouco mas até agora têm saído um número das escolas profissionais ou das universidades quase suficiente para preencher os lugares que estão disponíveis. Claro que há pessoas sem emprego na minha área, mas em relação aos números disponíveis a discrepância não é tão grande quanto outras áreas.

Entrevistadora: Quer acrescentar alguma coisa que eu não tenha dito e que considere relevante?

Entrevistado: Não, acho que está uma entrevista bem realizada e bem estruturada (risos)

Entrevistadora: (risos) Muito obrigada pela sua disponibilidade.

ANEXO X. TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA *FOCUS GROUP* 1 (ALUNOS)

Entrevistadora: Qual o instrumento que tocam?

Entrevistado 1: Guitarra

Entrevistado 2: Precursão, bateria.

Entrevistado 3: Violino

Entrevistadora: E porquê? O que esteve na base da escolha desse instrumento?

Entrevistado 2: Foi influência de amigos principalmente, no meu caso como é precursão é muito ligado a bateria e toco até hoje. Foi um pouco por aí, foi pela bateria, foi por aí que escolhi este instrumento.

Entrevistado 3: No meu caso, desde mais nova que sempre gostei de ouvir música clássica, a minha mãe até dizia que eu era doida, o que eu estava a fazer. A minha mãe não gostava e não queria que eu seguisse música, é uma realidade. Mas desde o momento em que eu disse que queria seguir música, ela apoiou-me, mas eu quando era mais nova, quando dava aqueles concertos na televisão, ficava louca, eu queria tocar.

Entrevistadora: Mas a sua família não tem por hábito ouvir esse estilo musical, foi por sua iniciativa própria que começou?

Entrevistado 3: Sim, não ouvem... os meus primos, também, depois de eu começar os meus primos começaram a vir, também andam todos na academia onde eu andei, mas não quiseram seguir.

Entrevistado 1: Eu... bom é uma longa história. Por acaso, mas vou tentar resumir. Vem tudo do meu pai, ele sempre foi um amante de música e de certa maneira passou isso para mim. Rock antigo, eu comecei de certa maneira a sair um bocado dessa visão do meu pai e a descobrir uma certa visão do meu próprio mundo, recebi uma guitarra de três cordas e aprendi a tocar, não fazia a mínima ideia de notas, não fazia a mínima ideia de nada. Aprendi a tocar aí, autodidata desde então e agora estou a estudar guitarra clássica, e vamos lá ver onde isto vai parar...

Entrevistadora: Com que idade começaram a tocar?

Entrevistado 2: 14, por aí.

Entrevistado 3: 8 ou 9, já não sei bem.

Entrevistado 1: 17 ou 16. Eu comecei um bocado velho, mesmo. Comecei com 16, mas toco horas e horas.

Entrevistadora: Há pouco referiu que começou a tocar numa academia e no vosso caso? No seu caso disse que tinha sido autodidata.

Entrevistado 1: Sim, foi procurar na internet, no *youtube* e com a ajuda de colegas meus que já tocavam na altura, desenvolve-se sempre mais rápido.

Entrevistadora: E no seu caso? (Dirigindo-se ao entrevistado B)

Entrevistado 2: Em relação à bateria, comecei numa banda, normal, de garagem e a partir daí, pronto, vim para o profissional. Quando cheguei aqui não fazia a mínima ideia que ia ter orquestra, nada disso. Cheguei aqui e deparei-me com isso.

Entrevistadora: Então desde o início o vosso objetivo era serem músicos ou foi algo que tem vindo a surgir?

Entrevistado 3: Já surgiu há muitos anos

Entrevistadora: E para além das aulas de música deste curso, vocês têm aulas fora da escola, com professores privados, ou fazem parte de algum tipo de banda.

Entrevistado 1: Isso sim, tenho alguns projetos. Tenho uma banda já de há muitos anos em que sou baixista, é uma banda metal, foi aí que nasceu o bichinho da música. Tenho uma espécie de grupos de Jazz com uns colegas cá da escola, de vez em quando vamos atuar, já atuamos várias vezes.

Entrevistadora: E no vosso caso? (referindo-se aos entrevistados B e C)

Entrevistado 2: Eu tenho uma banda, mas assim professores lá fora não.

Entrevistado 3: Não...

Entrevistadora: Neste caso, o primeiro contacto que vocês tiveram com a música, nomeadamente com um cariz mais formal foi aqui só neste curso? Excecionalmente o seu caso (entrevistado C). No vosso caso, vocês começaram a ter aulas de música **apenas aqui?**

Entrevistado 3: A ter aulas mesmo de música, foi mais aqui. Lá (na academia) era uma espécie de *hobby*.

Entrevistado 1: Não é bem assim... Aprendeste a ler música a ler uma partitura

Entrevistado 3: Sim, isso sim.

Entrevistadora: O que é que vos levou a ingressar neste curso? O porquê de escolherem um curso profissional de música, nesta escola?

Entrevistado C- Essa é difícil.

Entrevistado 2: Lá está, foi amigos, foi sempre passando a palavra.

Entrevistadora: Tinha amigos que já frequentavam a escola?

Entrevistado 2: Exato, já andavam aqui e foi passando a palavra.

Entrevistadora: Vocês moram aqui na região ou vieram de longe?

Entrevistado 3: Eu sou um bocado de longe, eu sou de Pinhel. Fica a 30 ou 40 km para lá da Guarda.

Entrevistado 1: eu sou de Gouveia.

Entrevistadora: Então vão e vêm todos os dias ou vivem cá?

Entrevistado 1: Vivemos cá

Entrevistadora: Sozinhos? Sem pais nem ninguém?

Entrevistado 1: Assim é que se está bem.

Entrevistado 2: Eu neste caso tive muita sorte, sou mesmo de cá da cidade.

Entrevistadora: Então e não me responderam à primeira pergunta, o motivo pelo qual escolheram esta escola? O que vos fez por exemplo, vir de propósito de Gouveia?

Entrevistado 3: Primeiro porque gosto mesmo muito de música e a partir de uma certa idade, se alguém me perguntava, a partir daí comecei a ver a música de outra maneira, comecei a ouvir mais... a partir dos 6 anos, eu já desde aí queria seguir música, comecei a estudar violino. Como andava numa banda, é que comecei mesmo a aprender e como andava na banda entrei nos dois ao mesmo ano (banca e academia). Pronto, depois estive lá durante 4 anos e depois vim para esta escola, porque a minha professora de violino, como ela sabia que eu queria seguir, falou-me da escola e sempre me falou muito bem do professor, e como andava na banda foram colegas daqui lá tocar e também me deram a conhecer o professor, e que era muito bom... e então pronto, também era a escola mais perto.

Entrevistadora: e a si? O que o faz vir de propósito de Gouveia?

Entrevistado 1: É mesmo paixão pela camisola... Quer dizer, no início quando eu vim para cá, era mais uma coisa do género, querer ter a minha própria banda, querer ter as minhas próprias coisinhas, querer ter... Mas só depois percebi que não é bem assim, ou seja, tem de se estudar, tem de se ter trabalho para se ter algo em troca. Foi a partir daí que a cabeça começa a mudar, que se começa a mudar a maneira de ver a musica, de interpretar muita coisa e começamos a nos apaixonar pelo que está por detrás de da música, e é mesmo assim, são coisas que a maioria das pessoas não sabem, mas valia a pena estudarem musica, ou tocarem um instrumento.

Entrevistadora: Porquê?

Entrevistado 3: Nem que fosse só um *hobby*.

Entrevistado 1: Nem que seja por alívio mental, alívio espiritual, por aí... uma coisa completamente diferente, pode-se agarrar num instrumento e tentar resolver problemas a partir daí, mesmo para tranquilizar. Ou então quando se está eufórico, partir aquilo tudo.

Entrevistadora: E no nosso caso, partilham da mesma opinião?

Entrevistado 3: Claro.

Entrevistado 1: Acho bem.

Entrevistadora: Então e porque escolheram esta escola e um curso profissional, e não escolheram o conservatório ou outra coisa?

Entrevistado 3: Pelo menos, eu falo por mim. Acho que vocês pensam o mesmo... nós aqui estamos todo o dia, tirando a manhã que estamos a ter aulas de sociocultural, ligados a isto. É isto que nós estamos a fazer, nós saímos de uma sala e temos de ir estudar porque ou temos aula a seguir ou temos aula de instrumento a seguir, ou temos orquestra, ou temos concertos. Temos sempre alguma coisa para fazer, e muitas vezes as pessoas pensam “músicos? Isso não é vida” – claro que é, muito mais vida do que a maioria das pessoas pensam, dá muito mais trabalho do que aquilo que a maioria das pessoas pensam, eu pelo menos falo por mim... quando entrei para esta escola, achava que isto ia ser soft... Mas passou a primeira semana e pensei “mas o que é isto?”, foi como se caísse aqui de paraquedas.

Entrevistadora: E o que vos levou a escolherem entre o curso profissional e o conservatório?

Entrevistado 1: Curso profissional sem dúvida, o conservatório tem aquele problema de estarmos em duas coisas ao mesmo tempo, que é escola secundária e conservatório, a pessoa a partir desse momento começam a dividir as ideias. Na escola profissional é só a música, nas escolas secundárias com conservatório começa a deixar-se o instrumento um bocado de parte, qualquer coisa, problemas financeiros ou assim é no conservatório que se deixa, os pais dizem para se agarrar à escola porque isso é que é. Mas lá está, cada um vê as coisas à sua maneira, a minha mãe também queria que eu fosse para conservatório e escola secundária ao mesmo tempo. Eu, preguiçoso, disse que não... E agora estou aqui.

Entrevistado 3: Eu vim fazer provas dois anos seguidos, porque no primeiro ainda era muito nova e a minha mãe não me deixou cá ficar sozinha.

Entrevistadora: Pois... Deve ser um pouco complicado para os vossos pais, deixarem-vos...

Entrevistado 1: Um bocadinho

Entrevistado 3: Eu queria entrar para a escola já há quatro anos.

Entrevistadora: Então veio fazer provas, no primeiro ano, com que idade?

Entrevistado 3: 11 ou 12, já não sei bem... entrei... a minha mãe não me deixou cá ficar. Pronto, depois não segui na escola... não fiz mesmo nada (risos). A minha mãe percebeu mesmo que era isto que eu queria.

Entrevistadora: E vieram viver para cá com que idade?

Entrevistado 3: 13

Entrevistado 1: 19... acho eu

Entrevistado 2: 18

Entrevistadora: E com 13 anos, entrou no 7.º...

Entrevistado 3: Sim... entrei para aqui, uma semana e meia depois diz 14

Entrevistadora: E já tinha frequentado o 7.º ano ou teve que repetir?

Entrevistado 3: Frequentei até ao 8.º, ia passar para o 9.º quando voltei para o 7.º

Entrevistadora: E no seu caso?

Entrevistado 1: No meu caso, foi mais um bocadinho... já tinha acabado e tive de voltar ao 7.º.

Entrevistadora: E o que acham acerca disso?

Entrevistado 1: No início foi um choque um bocado grande, tanto tempo a estudar para depois não servir de nada... tive de voltar tudo para trás, mas agora visto e conhecendo pessoal que foi diretamente para o 10.º ano penso “ainda bem que fui para o 7.º ano”, estaria completamente tramado para ir para o superior.

Entrevistadora: Sim, porque há pouco estava a falar com o diretor e agora já não se entra para o 7.º ano, mas sim para 10.º ano. Mas de qualquer forma, depois não têm tantas horas de instrumento...

Entrevistado 3: Lá está... o que eu vou dizer é da opinião de todos os alunos que frequentam o curso e que sabem o que isto é. É muito pouco tempo, três anos é muito pouco tempo para nos formar. Porque eles têm três anos para aprender, evoluir para se preparar para o superior e para fazer provas. Eu acho que é muito pouco tempo...

Entrevistado 1: Um músico faz-se em 10, 11 ou 12 anos, para ser um músico a 100%.

Entrevistado 3: Sim... porque nós precisamos de muito tempo para conhecer o instrumento, nós precisamos de ganhar material musical...

Entrevistado A - Leitura, processos mentais...

Entrevistado 3: Nós precisamos de fazer muita coisa e três anos é muito pouco para um instrumentista conseguir...

Entrevistado 1: Se em 6 anos já é difícil, quanto mais...

Entrevistadora: Vocês acham que 6 anos é pouco?

Entrevistado 1: Um bocado, especialmente se... Eu conheço pessoal que está agora no 12.º ano a fazer provas para o superior e o pessoal é barra, percebem bastante daquilo... Quando chegam a provas escritas ou provas de instrumento, nos superiores vêm-se um bocado à rasca, porque lá está... as dificuldades de faculdade para faculdade, é tudo um bocado diferente. Numa são mais difíceis as provas escritas, noutras as provas de instrumento, e noutras faculdades é exatamente o contrário. Uma pessoa tem que estar habituado a tudo.

Entrevistadora: E depois para além disso, vocês privilegiam sempre muito a prática de instrumento, mas depois para entrarem no ensino superior precisam dos exames nacionais de outras disciplinas... Esse às vezes é um grande problema, não?

(Risos)

Entrevistado 3: Um grande problema...

Entrevistado 1: Já houve muitos músicos a ficarem aqui, depois de terminarem o 12.º ano à espera para fazerem o exame de Português em condições para depois continuarem os estudos na faculdade.

Entrevistadora: Qual o principal motivo para isso acontecer, se vocês sabem que à partida que ao irem para o ensino superior vão ter de fazer um exame nacional?

Entrevistado A - É mesmo o 12.º ano, pelo menos nesta escola e ao nível da escola profissional de música é a *red line* completa. Chega uma determinada altura do ano em que são provas aqui, provas ali, a cabeça anda completamente disparatada e esquece-se de muita coisa... uma das coisas que se esquece é das socioculturais, neste caso o exame de português e depois há muita gente que é ao lado... Ou seja, se agarrar em tudo e levar tudo ao mesmo tempo, isso é uma cena que tira muito de nós, tira-nos tempo, mas vai todo consolidado. Se formos bons a instrumento, se formos bons na leitura e se não formos tão bons a português...

Entrevistado 3: Acho que isso também é um bocado desleixo, ao início do 10.º ano. Acho que é bom bocado por aí, aí e tal... temos provas daqui a dois anos... Nós temos que estudar instrumento, mas acho que nos esquecemos um bocado das partes teóricas.

Entrevistado 2: E depois ainda é mais difícil quando por exemplo nos voltamos para o 7.º ano, estamos três anos sem ter sociocultural, agora apanharmos o 10.º ano...

Entrevistado 3: Só tive 2 anos sem ter, mas é muito complicado.

Entrevistado 1: Eu vou-me ver à rasca.

Entrevistadora: Sim, mas de facto é complicado, para não falar de que vocês têm uma carga horária muito reduzida...

Entrevistado 1: Sim, eu este ano tenho, mas para o ano já vai ser....

Entrevistadora: Tem quantas horas de aulas por semana, assim mais ou menos?

Entrevistado 1: Ai agora...

Entrevistadora: Num dia tem quantas horas de aulas?

Entrevistado 3: 10 (risos) quando não é mais.

Entrevistado 1: 4, 5, 4, 6, mais ou menos assim. Média de 5 ou 6 horas por dia, o resto são de estudo.

Entrevistado 3: Eu é entre 8 e 10, todos os dias.

Entrevistado 1: Pois... Mas vocês têm sociocultural.

Entrevistadora: Chega a ter 8 a 10 horas de aulas por dia...

Entrevistado 3: E ainda tenho que estudar para instrumento.

Entrevistado 1: É preciso ter estofo.

Entrevistado 3: (risos), agora percebem porque me deito às 11 e meia

Entrevistadora: Vocês conhecem muitos colegas que tenham desistido do curso por não conseguirem aguentar essa pressão?

Entrevistado 2: Na nossa turma, por exemplo...

Entrevistado 3: Eramos 24 para aí...

Entrevistado 1: Só cá estamos 14, os 14 sobreviventes.

Entrevistado 3: E nós, também, quando entrámos havia aquele ritual que era da praxe e também houve muitas pessoas que não aguentaram a pressão, pelo menos eu falo por mim... posso ter chorado, posso tudo, mas acho que me ajudou enquanto pessoa, a respeitarmos os outros principalmente.

Entrevistadora: Estão-se a referir a praxe, como há no ensino superior?

Entrevistado 3: Mais ou menos

Entrevistado 1: Mais ou menos a mesma coisa, agora falta um bocado o respeito pelos mais velhos e pelas pessoas que estão cá mesmo para fazer música. Que não andam cá a correr e a jogar às apanhadas, infelizmente há aí muitos que só pensam nisso. Lá está, há uns anos atrás isto não tinha nada a ver com o que é hoje em dia, era tudo de 18 anos para cima, agora já se apanha aqui pessoal do ano de 2001, eu sou de 1993

Entrevistado 3: Queremos estudar, não há estúdios. Eles estão nos estúdios a estudar para português, ou estão a brincar... e não têm respeito se têm a biblioteca cá em cima porque não vão para lá.

Entrevistado 1: As praxes antigamente serviam para meter o pessoal...

Entrevistado 3: Ele deve lembrar-se de mim quando entrei... eu era refileira, refileira com toda a gente, tinha que ser tudo à minha maneira...

Entrevistadora: E não acham que o tal processo de crescimento... se calhar se todos nós pensássemos em como eramos no 7.º ano, tínhamos todos o mesmo comportamento.

Entrevistado 3: Eu vi isso lá onde eu moro, desde o meu 7.º para o meu 8.º ano, eu disse. Na minha idade eu não era assim, eu não andava a andar no meio dos corredores, eu não me andava a deitar para o chão.

Entrevistado 1: É a geração morangos com açúcar

(Risos)

Entrevistado 1: É o nome que eu lhe dou

Entrevistadora: Poderá estar relacionado com a diferença de idades... Centramo-nos então, na componente de ensino, no curso de nível básico, consideram que a componente de formação é adequada? Acham que o número de aulas de instrumento é adequado? A vossa carga horária?

Entrevistado 1: No meu caso é!

Entrevistadora: Pois... quatro horas por dia

Entrevistado 2: É mais ou menos adequado, se bem que há quem diga que devíamos ter pelo menos três horas de instrumento por semana, aqui só temos duas. Mas é um pouco relativo.

Entrevistadora: Isso quer dizer que noutros sítios é de três?

Entrevistado 1: Aí eu discordo... nem é bem aulas de instrumento, é mesmo pôr o pessoal a tocar.

Entrevistado 2: Sim, sim... Eu estou a dizer disso...

Entrevistado 1: Pôr o pessoal a tocar, em frente ao público... Uma coisa é tocar, estarmos dentro de uma sala com o professor à frente ou com dois ou três amigos. Outra coisa é termos uma plateia a olhar para nós, isso são coisas diferentes.

Entrevistado 3: Isso é na orquestra, por exemplo, eu tenho a orquestra sinfónica e a orquestra de cordas. Tenho concerto na sexta e outro no domingo, temos um dia entre eles. Portanto, na orquestra sinfónica temos estágios e pronto, aí acho que já estamos um bocado habituados. A solo, eu acho que não. Porque nós só temos um recital por período, pelo menos eu falo por mim e eles, tenho a certeza que é igual. Temos PAP no final do ano e nós não estamos habituados a tocar quase nada em público, porque vai ser a nossa PAP, a nossa ... Só lá estão as pessoas para nos verem. Só lá vai quem realmente nos

quer ver, e nós temos de nos sentir bem em palco. Acho que nós nos vamos sentir um bocado presos, porque não estamos muito habituados, mas pronto... é normal, aquele nervosismo, o estarmos em público, mas acho que não vamos para lá tão há vontade como se tivéssemos mais vezes.

Entrevistado 1: É mesmo por aí. As aulas de instrumento, não era preciso ter mais uma nem menos uma. Era mesmo termos mais contacto com o público possível. Pronto a plateias, o ensino no estrangeiro funciona muito à base de meter pessoal a tocar num auditório com por exemplo o cineteatro daqui cheio de gente, e agora desenrasca-te, é mesmo assim. Uma pessoa tem de aprender a controlar erros, e começamos a conhecermo-nos muito mais.

Entrevistadora: E no que se refere aos vários eventos que a escola proporciona.

Entrevistado 3: Acho que devíamos ter mais *Master classes* (Entrevistado 1, concorda), os estágios estão bem dividido, uma semana pronto não é muito tempo, mas dá para alguma coisa, dá para aprender. E agora com o estágio estivemos com o professor Frank, não é o primeiro ano que estamos com ele e falo dele, porque foi com ele que estivemos a trabalhar, ele sabe trabalhar muito bem as cordas e acho que evoluímos muito enquanto orquestra, mas acho que tempo de *master class* devíamos ter mais, para trabalharmos mais coisas técnicas, mais tudo.

Entrevistadora: As *master classes* duram mais ou menos quanto tempo?

Entrevistado 3: três dias

Entrevistado 1: três ou quatro dias

Entrevistado 2: Eu já tive *master classe* de 2 dias

Entrevistado 3: E acho que é muito pouco tempo para nós mudarmos alguma coisa, por exemplo... eu... Estas *master classes* que nós só tivemos para aí dois dias, eu tive meia hora de aulas, tive mesmo muito pouco tempo de aula, nem chegou a 45 minutos.

Entrevistado 1: temos a oportunidade de estar com grandes músicos e só temos meia hora para estar com eles, não dá para retirar quase nada da sabedoria deles, é mesmo assim.

Entrevistadora: E qual o motivo? O que deveria ser melhorado para essas situações?

Entrevistado 3: Aumento do tempo, percebo que também seja complicado para eles porque não são de cá ou por questões monetárias

Entrevistado 1: E também conseguir estar concentrado aquele tempo todo... é preciso ter cabecinha

Entrevistadora: Mas consideram uma mais-valia esse tipo de experiências?

Entrevistado 1: Quanto mais melhor

Entrevistado 2: Quanto mais experiências com o exterior melhor...

Entrevistado 1: É muito importante conhecermos bem o nosso instrumento, vermos mesmo *master classes* na internet, para termos o máximo de informação possível. Dado que hoje em dia as *master classes* estão cada vez mais caras, para se ir a uma *master classe* de jeito é preciso ir a Fafe ou ir a Lisboa, ou ao Porto.

Entrevistado 3: Ou até mesmo sair de Portugal

Entrevistado 1: Às vezes é preciso sair de Portugal para se ver o professor de jeito, no bolso pesa

Entrevistadora: Então vocês de certa forma também vêm que estão sempre condicionados a essas questões financeiras porque sai do vosso bolso esse tipo de atividades?

Entrevistado 3: Não é só isso, se nós estivemos na nossa casa... Assim temos de alugar outra coisa... Se não tivéssemos, já tínhamos dinheiro para essas coisas. Agora também estamos um bocado condicionados, porque chega ao final do mês e temos de pagar a casa, temos de comprar a comida, isto é muito complicado...

Entrevistadora: Vocês não têm bolsa?

Entrevistado 3: Nós temos um subsídio

Entrevistado 1: Temos um subsídio que a escola nos dá

Entrevistado 3: É de 125€ por mês, só que é muito pouco.

Entrevistadora: Acaba por não chegar para todas as despesas... Então conhecem pessoas que se viram condicionadas à frequência do curso por causa disso?

Entrevistado 1: Muita gente.

Entrevistado 3: As pessoas acabam por ir embora por não terem dinheiro para estudar

Entrevistadora: Depois também o facto geográfico também condiciona.

Entrevistado 1: Há aqui pessoal dos Açores, vêm para cá de propósito

Entrevistadora: Remetendo-nos para a relação que estabelecem com os professores, como é que a caracterizam? É uma relação de proximidade? Não é?

Entrevistado 1: Nos primeiros dois anos foi uma guerra.

Entrevistadora: Foi uma guerra? Então?

Entrevistado 1: Porque eu... Pronto... uma pessoa está habituada a que... eu pelo menos falo por mim, eu queria tocar coisas mais avançadas e não estava preparado para isso e não sabia. E dizia, o meu professor isto, o meu professor aquilo, mas não... quem era burro era eu, que é mesmo assim e pronto, é uma evolução que tem de ser feita dia-a-dia,

especialmente quando se mete os pés. Foi isso que eu fiz. E pronto, agora está tudo bem... pelo menos no meu caso.

Entrevistado 3: Eu acho que o meu professor está sempre ao pé de nó, seja para o que for. Também tem aqueles momentos dele, e aqueles dias quando as coisas não começam a correr bem, como toda a gente, é normal. Mas eu acho que é um professor que ensina muito bem, que está sempre perto de nós para tudo o que for preciso, se for preciso é o primeiro a ajudar, a defender-nos, não tenho nada contra, muito pelo contrario. Para mim, é o meu segundo pai (Risos)

Entrevistado 2: Eu sou quase igual aqui ao que a colega disse. Mesmo não tendo direito às horas ele ajuda-me, não há problema nenhum nisso.

Entrevistado 3: Como estou em ano de PAP o meu professor esteve um bocado ausente porque um mês teve concertos, uma digressão, agora teve uma filha e também não veio dar aulas, de certeza que se eu precisar de aulas a mais que ele me vai dar

Entrevistadora: Acho curioso, assim que falamos de professores referem-se apenas ao professor de instrumento, então e os outros?

Entrevistado 3: Depende se nos estamos a referir a sociocultural ou musica...

Entrevistado 1: Isso já não é uma relação de professor aluno, isso já é uma coisa diferente. Não nos damos tão bem com os outros professores como com os de instrumento... é diferente.

Entrevistado 3: É diferente, os professores nesta escola são diferentes dos outros. Com os outros não íamos beber um copo com o professor, ou não íamos aqui. Se tivermos um concerto, depois vamos sair com os professores.

Entrevistado 1: Conversamos acerca do que correu bem, do que correu mal...

Entrevistadora: E o que consideram ser necessário para que essa relação seja positiva?

Entrevistado 1: Mostrar trabalho, e não ter medo de receber um não como resposta que é mesmo assim... Há pessoas que pronto fazem uma birra do caraças e outras que não. O professor também tem de conhecer bem o aluno, tem que conhecer até que ponto é que pode ir, até que ponto não pode ir... é um jogo continuo basicamente.

Entrevistadora: E consideram essa relação importante para o vosso futuro enquanto músicos?

Entrevistado 3: Muito importante. Eu posso falar por experiência própria, e eles sabem que no ano passado andei a bater com as paredes, andava muito mal e o professor começou a chatear-se comigo... foi muita coisa ao mesmo tempo, foram assuntos pessoais, depois começaram a afetar, também, o violino. Pronto, depois era também a

preguiça de não fazer nada e o professor começou a chatear-se um bocado comigo, quando bati mesmo com a cabeça na parede e quando o professor via que eu não queria fazer, pronto a partir do momento em que eu não falava com ele. E depois fui falar com o meu professor e resolvemos as coisas... A partir daí foi espetacular, as aulas têm sido muito boas. Se chegarmos a uma aula e sentirmos que o nosso professor está lá e que também nos quer puxar para cima, é muito importante.

Entrevistado 2: O professor de instrumento é um pilar.

Entrevistado 3: Como eu disse há bocado o professor de instrumento é como se fosse um pai para nós.

Entrevistadora: acabam por achar que é ele que também vos motiva para serem cada vez melhores?

Entrevistado 1: Por exemplo, já vi o meu professor a mudar a maneira de dar aulas para aí umas seis ou sete vezes este ano, há medida que o aluno vai evoluindo, que o aluno vai estudando, de certa maneira vai mostrando coisas mais difíceis, mais trabalho... os professores também querem acompanhar o aluno e uma das coisas que o meu professor mudou muito foi a *master classe* com aquele pessoal da Holanda, em que eles tiram ao máximo a maneira como eles dão aulas e tentam meter em nós.

Entrevistadora: Vocês vêem que os vossos professores estão sempre a tentar melhorar as suas práticas de ensino?

Entrevistado 3: Claro

Entrevistado 1: Eles treinam o nosso repertório, também têm de estudar.

Entrevistadora: Vocês notam que os vossos professores são empenhados, também, em vocês.

[Todos] – Sim, sem dúvida

Entrevistadora: e que estão constantemente a tentar melhorar a sua prática enquanto professores, nesse sentido podemos, também, dizer que as *master classes* com professores estrangeiros acabam por ser uma mais-valia para os vossos professores.

Entrevistado 1: Quem é músico estuda até morrer

Entrevistado 3: Mas depois aí também já dependem as opções pessoais, eu gosto deste músico e da maneira como ele ensina, como ele toca, ou não gosto da maneira como ele ensina e de como ele toca. Isso depois, também, já vem da parte pessoal. Se nós gostarmos da música é claro que vamos querer imitar, vamos querer ser melhores que eles, como é óbvio. Mas se não gostarmos não vale a pena... não vamos estragar o que fizemos até agora.

Entrevistadora: E consideram que as instalações e os recursos daqui da escola são os mais adequados? Há bocado falavam da falta de salas de estudo?

Entrevistado 3: Das salas de estudo.

Entrevistado 1: E de condições sonoras. Se estiver uma guitarra a estudar e um violino ao lado. Eu não me oiço.

Entrevistado 3: E se nós tivermos um contrabaixo ou um violoncelo é igual (risos)

Entrevistado 1: É que não vale mesmo a pena.

Entrevistado 3: Por exemplo, agora puseram os espelhos para nos vermos. Uns espelhos pequeníssimos que mal dá para nos ver-nos. E a nível das salas fazem muito ruído.

Entrevistadora: há pouco eu soube que a escola empresta-vos instrumentos pelo menos no curso básico, são adequados? Têm um instrumento só para vocês?

Entrevistado 1: Eu por acaso não sei, nunca precisei de instrumento da escola. Sempre tive o meu.

Entrevistadora: Vocês também têm o vosso?

Entrevistado 2: No meu caso é diferente porque os instrumentos que eu toco são enormes, e a escola fornece tudo. Neste momento somos 10 a estudar precursão e não há instrumentos suficientes para todos e é uma guerra constante. Há pouco estávamos a falar da escola, aproveito para dizer que nisso a gente também está um pouco condicionados, temos concertos ali e além e transportar os instrumentos é muito complicado por serem enormes e temos de subir e descer escadas com aquilo tudo... pronto, esses são os nossos problemas. No nosso caso, o instrumento, mesmo não sendo comprado por nós... a escola é que compra tudo. Dá-nos a possibilidade de contactar com esses instrumentos.

Entrevistadora: Acabam por ter sempre esse problema, um instrumento vosso é muito caro.

Entrevistado 3: Eu falo por mim, quando entrei para aqui, a escola já tinha instrumento e cheguei ao ponto em que o meu professor disse que aquele já não dava e na escola não havia melhor, então tive de comprar. Andei uns mesitos bem grandes à espera que a minha mãe me desse. Para que o meu professor disse-se “este é bom para ti”, até pelo menos eu ganhar a vida.

Entrevistadora: Pois... depois também há essa questão da qualidade do instrumento e do facto de por vezes os da escola não terem qualidade suficiente para acompanhar o vosso nível de crescimento enquanto músicos.

Entrevistado 3: Por um lado é bom, mas por um curto espaço de tempo. Pelo menos nos violinos, porque como o violino é um instrumento difícil, se nos num instrumento mau

conseguirmos tirar um bom som e fazermos as coisas bem, então num instrumento bom... Mas não é durante um grande período de tempo porque senão começamos a habituar-nos àquilo que é mau.

Entrevistado 1: Lá está, por isso é que há muita gente com instrumentos de estudo e instrumentos de concerto. Estudo que são instrumentos com mais extensão, mais difíceis de tocar, e depois agarra-se na guitarra de concerto, maravilha.

Entrevistado 3: Pronto, no nosso caso dos violinos não. Só temos um.

Entrevistadora: No que diz respeito às atividades que a escola vos proporciona, vocês costumam participar? Têm motivação?

Entrevistado 3: Sim... Isso aí na escola é mesmo obrigatório, mas mesmo se não fosse eu acho que ia toca a gente, portanto.

Entrevistadora: Vocês acabam por ser obrigados a ir, mas no entanto são vocês que pagam?

Entrevistado 3: A escola diz, por exemplo... há aqui pessoa que não querem isto, isso é uma realidade e acho que toda a gente concorda com isso, e muitas vezes há um estágio e começam “ah... não quero ir”

Entrevistadora: Acha que esse número de alunos é muito significativo?

Entrevistado 1: É um bocado

Entrevistado 3: Demasiado para uma escola de música

Entrevistado 1: Lá está, é uma coisa que não havia há 4 ou 5 anos atrás.

Entrevistadora: E porque é que acha que agora existe?

Entrevistado 1: Filosofias diferentes e gerações diferentes, gerações morangos com açúcar, era o que eu estava a dizer. Baseiam-se mais na brincadeira e querem ser o centro das atenções, serem conhecidos na escola toda.

Entrevistado 3: Nem que seja por fazerem montes de asneiras

Entrevistado 1: Lá está, em vez de fazerem o que deviam – música, não. E em vez de se habituarem ao que está à volta, não... Só fazem porcarias. Acabam por chatear é os outros.

Entrevistado 3: Eles pensam que as coisas caem um bocado do céu, sim... porque agora também é outra realidade... eles têm mais facilidades do que nós

Entrevistadora: A que nível?

Entrevistado 3: A nível musical, a nível técnico. Não precisam de estudar tanto como nós entre aspas. O que é certo é que eles se não estudarem vão chegar a um ponto em que os professores lhes vão pedir mais e eles não vão dar. Têm mais facilidades, e a verdade é que eles chegam àquele ponto em que ou começam a gostar a sério ou estudam muitas

horas por dia para conseguirem repor aquilo que não conseguiram. Que nunca é reposto não é, ou desistem.

Entrevistado 1: Ou há uma grande força de vontade do professor ou então...

Entrevistado 2: É muito difícil porque não estão habituados a trabalhar, quando chegam àquele ponto que têm de trabalhar não aguentam.

Entrevistadora: E vocês conhecem muitos casos?

Entrevistado 3: Mais do que devia.

Entrevistado 1: Em todos os naipes, em todos os instrumentos há um ou dois pelo menos.

Entrevistado 3: Ou mais.

Entrevistado 1: No meu naipe há pelo menos... ah... somos 22, para aí uns 5 ou 6 que não pescam nada daquilo, estão aqui a ocupar espaço.

Entrevistado 3: Então... Deixa-me conta... nós somos 10. São para aí... 1, 2...

Entrevistado 1: O Luís quer tocar violino em comboios.

Entrevistado 3: 3 ou 4... E somos 10

Entrevistadora: E no seu caso (referindo-se ao entrevistado 2)?

Entrevistado 3: 4 não... para aí uns 5

Entrevistado 1: Pois... com o Luís.

Entrevistado 3: E com o João

Entrevistadora: Centrando-nos outra vez na vossa participação, (risos), gostam de participar? Acham que isso é uma mais-valia?

Entrevistado 1: E puxamo-nos uns aos outros, dos mesmos naipes, claro. Puxamo-nos uns aos outros para discutir

Entrevistadora: Não existem rivalidades?

Entrevistado 1: Existe, mas é uma rivalidade positiva

Entrevistado 3: Amigável

Entrevistado 1: De certa maneira picamo-nos uns aos outros para evoluirmos cada vez mais rápido

Entrevistado 3: Isso às vezes até acontece entre naipes, um piropo aqui, um piropo ali. Nem que seja a brincar, uma pessoa sempre fica com aquilo. Não gosta...

Entrevistado 1: As guitarras e os Violinos, por exemplo, são dos naipes mais desenvolvidos desta escola, percussão nem sei, vou-te ser sincero... não estou a criticar, juro que não estou a criticar (Risos)

Entrevistadora: O que tem a dizer (dirigindo-se ao entrevistado 2)

Entrevistado 2: Só tenho a dizer que faço o meu trabalho (Risos), até porque é um pouco difícil juntar guitarras e percussão

Entrevistadora: E vocês consideram que este curso vos prepara para vocês seguirem uma via mais profissional, para o prosseguimento de estudos ou apenas para vocês terem uma breve noção do que é a música e da arte?

Entrevistado 1: Pelo menos, nem os professores nos deixam. A partir do 10.º ano o professor Paulo não nos deixa ser maus... é mesmo assim. Eles prepara os alunos para exames que são possivelmente o dobro da dificuldade que os exames de entrada para a faculdade, quando se chega lá... Se se está preparado para um exame aqui, ou seja... faço aquilo na boa. Só que até lá chegar é preciso... bater muito com a cabeça.

Entrevistado 3: E como disse abocado, acho que se tivéssemos mais exposição em público e... acho que falta muito nesta escola termos contacto com outras escolas, porque nos estamos aqui e não sabemos muitas vezes o que se passa lá fora, mesmo dentro do país o que é que as outras escolas estão a tocar.

Entrevistadora: E depois também existe o facto das outras escolas profissionais de música ficarem todas no mesmo sítio faz com que vocês fiquem mais deslocados...

Entrevistado 3: Sim... nós estamos aqui...

Entrevistado 2: Nós estamos aqui... não temos muito contacto com o exterior

Entrevistado 1: O único contacto que temos é às vezes pessoal que vai a concursos e diz “aquele bacano que é daquela escola está a tocar muito” e uma pessoa vai começando a gerir as coisas a partir daí, mas é só ao nível do nosso instrumento. Ao nível dos violinos não faço ideia.

Entrevistado 3: A única coisa que há são, também, os concursos e é muito poucos. São muito poucos. Há dois por ano? Se tanto... e única coisa que há assim é a orquestra sinfónica e não são todos os alunos. São feitas provas e nem todos os alunos entram, e há também a orquestra da APROARTE e que junta vários instrumentistas de várias escolas, é a única coisa onde nós podemos ver quem toca, a nível de cada escola. E muitas vezes... há colega nossos que chegaram lá e viram aquilo... “o quê? Nós estamos aqui e não sabemos de nada, já estão a tocar assim?”

Entrevistadora: Sim... E depois o facto de por exemplo a APROARTE estar localizada numa dada região influencia

Entrevistado 3: E nós, também, estamos muito longe de concertos, nós cada vez que queremos ver um concerto é de mês a mês ou então para vermos em Lisboa um concerto é muito complicado porque... fui lá, fui lá nas férias da pascoa... fui ver o meu professor

quando estive na digressão, eu paguei mais de 60€ em viagens, transportes... de viagens, de bilhete, comida... E comida ainda levei, comemos ao almoço e levamos jantar. Pronto, são 60€ num dia. É muito caro...

Entrevistado 1: Lá vão 4 ou 5 conjuntos de cordas...

Entrevistadora: E então, voltando à questão que eu vos coloquei acham que vos prepara mais para assim que terminam o 9.º ano, e no vosso caso que já vão terminar o 9.º ano fora da escolaridade obrigatória. Acham que o curso vos prepara para ingressarem logo no mercado de trabalho? Ou que vos tenta preparar para vocês prosseguirem os estudos?

Entrevistado 1: Sim... É óbvio que prepara, uma pessoa é que não pode perder o tino ao estudo.

Entrevistadora: Então vocês acham que o curso vos prepara para o mercado de trabalho, para o mundo profissional, no entanto vocês tentam ir sempre à procura de mais?

Entrevistado 3: Nós quando acabarmos este curso... Acho que todos vão querer seguir

Entrevistado 1: Sim... tem que ser

Entrevistado 3: Pronto, nós quando terminamos já sabemos as bases. Pronto, eu para o ano... se eu tivesse possibilidades... eu gostava de começar a dar aulas porque tenho experiências de como trabalhamos com miúdos, lá onde eu vivo há lá a academia que foi onde eu comecei a estudar que são miúdos que começam a aprender violino, isso eu consigo ensinar. Portanto, acho que era muito bom para mim, para uma pessoa que quer dar aulas e aprendo como ensino melhor isto... porque nós ao ensinar também organizamos a nossa cabeça e nós para conseguirmos ser bons a música precisamos de estar muito bem organizados, é quase como se fosse um computador e tivesse tudo por pastas, mesmo para tocar em diferentes períodos da música, nós temos de saber como é que temos de fazer... nós temos diferentes técnicas para todos os períodos, nós temos de ter tudo muito bem organizado porque senão é muito complicado para conseguirmos fazer alguma coisa.

Entrevistado 1: As críticas é que é um problema...

Entrevistadora: E uma vez que estão quase a terminar o 9.º ano, o que é que pretendem seguir?

Entrevistado 3: Continuar no curso de instrumentista.

Entrevistado 2: Continuar para a frente, fazer o 12.º ano.

Entrevistadora: No curso profissional na mesma?

Entrevistado 3: Acabar o 12.º ano e se deus quiser entrar no superior fora de Portugal.

Entrevistadora: O objetivo é entrarem no ensino superior fora de Portugal? Porquê?

Entrevistado 3: Portugal é muito retardado, a nível musical. Tanto ao resto como a nível musical... Mas pronto estamos a falar disto. Muita gente diz “txi... música clássica é uma seca! O que é que é isso?, é horrível”.

Entrevistado 1: É a base.

Entrevistado 3: Se não houvesse música clássica não havia nada, e no entanto a música clássica surgiu de um coro, de duas vozes, de uma coisa muito simples.

Entrevistado 1: Estivemos a ver isso há uns tempinhos atrás

Entrevistado 3: Surgiu de duas vozes, de uma até... surgiu tudo daí e o que é hoje, diferentes tipos de música, diferentes formas de tocar instrumentos, instrumentos elétricos... tudo. Claro que isso também tem que ver um bocado com as tecnologias, mas se não houvesse o desenvolvimento, também não havia música e muitas vezes esquecem-se que muita coisa que existe hoje, música pop que é aquilo que as pessoas gostam de ouvir e reggae, e metálica e tudo... tudo surgiu da música clássica, esquecem-se um bocado disso e portanto, sim... queria ir para fora do país, ver outras culturas, conhecer outras coisas, trabalhar com outros músicos, ver um ambiente diferente.

Entrevistadora: E no vosso caso?

Entrevistado 2: Eu é mais ou menos o mesmo, se bem que eu não sei se tenho possibilidades de ir lá para fora.

Entrevistado 3: Pois... eu também não, mas...

Entrevistado 2: Até ao 12.º ano vai ser sempre uma incógnita.

Entrevistadora: Sim... compreendo

Entrevistado 3: Mas se estudarmos, também, podemos ter a possibilidade de ter uma bolsa e também ajuda muito.

Entrevistadora: E no seu caso? (referindo-se ao entrevistado 1)

Entrevistado 3: Vou tentar... Até porque fora de Portugal há muito mais oportunidades, mais orquestras profissionais com muito melhor nível. Não digo... há uma orquestra boa em Portugal, eu que acho que é mesmo boa, que é a Gulbenkian e... de resto, há orquestras boas. Mas se formos ver fora do país, há muito mais trabalho...

Entrevistado 1: Holanda, Alemanha, aquilo é só máquinas para aquele lado, Itália...

Entrevistado 3: Há muita coisa que nós aqui não temos essa noção e lá fora há muito melhores condições.

Entrevistadora: E no seu caso (referindo ao entrevistado 1)?

Entrevistado 1: No meu caso... eu ainda estou a estudar o meu caso (risos). Vou fazer provas daqui a cerca de 1 mês a uma escola de Jazz se Coimbra porque a meio deste ano

surgiu, assim... umas ideias um bocado diferentes, começar a ver a música de maneira diferente. Não é que eu não goste de música clássica, gosto. Só que há coisas... há pessoas que foram feitas para isto, outras não. Eu gosto muito de música clássica, mas há uma coisa que eu não gosto é da falta de tecnologia, eu adoro guitarra elétrica, a meter pedais a fazer barulhinhos, gravar coisas. Cenas diferentes, e uma das coisas que o jazz explora é a improvisação e desenvolvimento rápido, por exemplo... ter uma melodia, a melodia está escrita desta maneira, fazer uma improvisação a partir daquilo, uma pessoa tem que estar logo preparada a nível de cabeça para mudar aquilo, notas aqui, notas ali... E é um bocado por aí, mas pronto.

Entrevistadora: E vocês conhecem muitos colegas que tenham ido para o estrangeiro estudar?

Entrevistado 1: Conheço colegas que foram fazer provas este ano para ir estudar para fora, eu conheço pessoal que está a estudar fora, especialmente na Holanda.

Entrevistadora: E qual é a vossa perceção, a maioria dos vossos colegas prosseguem os estudos para o ensino superior? Ou há muitos que ficam apenas com o curso profissional?

Entrevistado 3: Quer dizer... Este ano já tivemos conhecimentos de mais casos que entraram no curso superior, mas que depois deixaram, não sei se por questões monetárias, não sei se já por não quererem aquilo.

Entrevistado 1: E grandes máquinas.

Entrevistado 3: Mesmo... Tocavam muito bem.

Entrevistado 1: O facto dinheiro é uma coisa que hoje em dia tem muito peso, mas hoje em dia em Portugal, eu não sei como eles querem fazer as coisas, aumentam os preços diminuem o dinheiro, não percebo.

Entrevistadora: E nesse sentido, após vocês terminarem a escolaridade obrigatória pretendem ir quase todos para o ensino superior, sendo que no seu caso ainda está a pensar.

Entrevistado 1: Para mim qualquer género de música, vou continuar no superior e ir para fora

Entrevistadora: E qual é o vosso objetivo enquanto músicos? Todos querem ser músicos? Querem ser professores de música?

Entrevistado 2: Pois isso ainda não sei...

Entrevistado 3: Eu acho que sempre tive um bocado ideia disse desde que escolhi música, que era dar aulas, sempre quis ser solista mas já não dá porque já comecei... Já

tive aulas muito tarde, já comecei a ter aulas a sério muito tarde, já com 8 ou 9 anos tinha de ter solista a solo com grandes orquestras, mas não dá. Gostava de tocar em orquestras.

Entrevistadora: Achei interessante o que acabou de dizer... conta que o facto de não ter tido formação musical tão cedo, influenciou todo o seu percurso.

Entrevistado 3: Claro... se eu começa-se com 2, 3 anos e se não vivesse onde vido, se fosse em Lisboa, Madrid, sei lá... em capitais.

Entrevistado 1: O pessoal de fora por o limite muito alto e se querem ser iguais têm de estar lá naquele nível

Entrevistado 3: E muitos dos grandes solistas que há hoje é porque estavam na hora certa, no local certo, porque estavam em grandes cidades, porque tinham lá muitos contactos, porque viram e porque gostaram, pronto. Começaram a tocar um instrumento muito cedo, tanto nos ajuda a nível cognitivo como pessoal, musical, para ganhar estaleca como dizem os nossos professores. Eu acho que isso é tudo muito importante e arrependo-me de não ter começado a estudar mais cedo.

Entrevistadora: Vocês arrependem-se do mesmo?

Entrevistado 1: Sem dúvida.

Entrevistado 2: Foi um bocado tarde, começámos tarde.

Entrevistadora: E para terminarmos, em que medida é que consideram que o curso de nível básico os ajudará a atingir os vossos objetivos profissionais?

Entrevistado 1: Muitas bases.

Entrevistado 3: Eu posso dar um exemplo muito fácil, se nós tivermos uma casa e não construirmos as bases a casa não é construída.

Entrevistado 1: É mesmo por aí.

Entrevistado 3: Se nós fizermos as paredes e não tivermos as bases não dá, pronto... é mais ou menos como nós, é mais ou menos, não! É igual a nós, se nós não tivermos as bases, se nós não tivermos as coisas no sítio não dá para construirmos nada a partir daí e nunca vamos sair da cepa torta.

Entrevistado 2: Nós temos de ter uma boa base, sem ela nunca vamos chegar lá.

Entrevistado 1: Tem de ser mesmo um estudo diário.

ANEXO XI. TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA *FOCUS GROUP 2* (ALUNOS)

Entrevistadora: Muito boa tarde, antes de mais obrigada pela vossa disponibilidade. Qual é o instrumento que vocês tocam?

Entrevistado 4: Flauta transversal

Entrevistado 5: Oboé

Entrevistado 6: Clarinete

Entrevistadora: Só sopros (Risos)

Entrevistados: (risos) sim, e madeiras.

Entrevistadora: Porque escolheram esse instrumento? Qual foi o motivo que vos levou a tocar?

Entrevistado 5: No meu caso, por causa do som, eu achei interessante e um amigo apresentou-me o Oboé e eu quis vir fazer as provas e entrei

Entrevistado 4: Eu comecei a tocar através da minha banda. Eu tenho uma prima que toca flauta, e eu estava sempre com ela e gostava do som e disso tudo, ela deu-me umas aulas no início e depois vim para aqui e pronto, agora é o que eu quero seguir.

Entrevistadora: hum hum, e no seu caso?

Entrevistado 6: Eu comecei por causa de uma tia minha que tocava clarinete e eu comecei a ouvi-la tocar e estava várias vezes com ela, depois entrei na mesma banda onde ela estava e foi aí que comecei a aprender mesmo e depois vim para aqui e pronto.

Entrevistadora: Hum hum, e com que idade é que começaram a tocar os vossos instrumentos?

Entrevistado 5: Eu foi quando entrei para aqui, tinha 14. Não.... 13.

Entrevistado 4: Eu comecei com 9 anos.

Entrevistado 6: eu comecei com 10

Entrevistadora: Vocês falaram em bandas, referem-se a bandas filarmônicas, a que tipo de bandas?

Entrevistado 5: Bandas filarmônicas

Entrevistadora: E foi na banda que vocês começaram a ter contacto com o instrumento?

Entrevistados: Sim

Entrevistadora: E sentem que, no seu caso falou de uma tia e de uma prima, a questão familiar acabou por influenciar a vossa escolha?

Entrevistado 4: Porque eu tenho mais família que está inserida na música, o meu tio é maestro na mesma banda e tudo foi assim...

Entrevistadora: À ok, tudo foi mais fácil

Entrevistado 6: Eu também tenho familiares que seguiram música e também vieram para esta escola há uns anos anteriores e, pronto, eu quis conhecer e gostei.

Entrevistadora: E no seu caso?

Entrevistado 5: Eu não toquei numa banda, e nem pretendo.

Entrevistadora: Não?

Entrevistado 5: Por agora.

Entrevistadora: Então? (risos)

Entrevistado 5: Hum, não preciso. Não preciso, acho eu.

Entrevistadora: Como assim? Não estou a perceber.

Entrevistado 5: Acho que ainda não é o momento certo para entrar numa banda.

Entrevistadora: Hum hum, prefere primeiro adquirir conhecimentos para depois fazer isso..

Entrevistado 5: Se calhar... Eu não estou na onda de entrar numa banda, acho eu.

Entrevistadora: Ok. (risos) E para além das aulas de música que vocês têm aqui neste curso, têm aulas de música na banda, se continuarem na banda, têm algum professor privado, ou alguma coisa?

Entrevistado 6: Eu não tenho, no meu caso não.

Entrevistado 4: Eu também não.

Entrevistadora: E no seu também não?

Entrevistado 5: Não. (risos)

Entrevistadora: E nesse caso, vocês não tocam em nenhuma banda nem nenhuma orquestra nem nada fora da escola?

Entrevistado 4: Na banda sim, na orquestra.

Entrevistadora: Na orquestra da banda?

Entrevistado 4: Sim, da banda.

Entrevistado 6: Eu toco na minha banda.

Entrevistadora: E no seu caso tem aulas de música na banda ou não?

Entrevistado 6: Não.

Entrevistadora: Ok... E o que é que vos levou a frequentar um curso profissional de música, porque é que é não foram para o conservatório ou.. Porque é que vieram tirar um curso profissional de música?

Entrevistado 6: Eu falo no meu caso, a minha tia que anda aqui na escola, está no 11º, eu disse que estava a gostar de música e que se calhar era o que eu queria seguir. E ela como estava aqui falou com a minha mãe que esta escola era assim, e pronto eu vim para aqui.

Entrevistadora: Hum hum, e no seu caso?

Entrevistado 5: No meu caso, foi porque eu não quis ir para o conservatório, porque não é tão profissional como esta escola. Esta escola é mais profissional que o conservatório e então quis vir para aqui.

Entrevistadora: Quando diz que é mais profissional, está-se a referir ao quê?

Entrevistado 5: Em termos de instrumento.

Entrevistadora: A nível de instrumento....

Entrevistado 5: Puxam mais aqui que no conservatório, eu também nunca andei mas..

Entrevistadora: Claro, mas é a opinião que tem..

Entrevistado 5: Sim sim

Entrevistadora: E no seu caso?

Entrevistado 4: Eu tive 1 ano no conservatório antes de vir para aqui, com o meu professor que é o que está cá. E eu andava no conservatório e achava que aquilo não chegava, e então foi por isso que vim para a esta escola.

Entrevistadora: Hum hum, e não chegava porquê?

Entrevistado 4: Porque aquilo era só aprender o instrumento, o básico e depois era um bocadinho de formação musical e pronto já estava um dia passado lá. E eu acho que isso para mim não chegava, porque eu gostava mesmo muito.

Entrevistadora: E o que vos levou a escolher em específico esta escola? No seu caso, o facto de a sua tia estar cá, e no vosso?

Entrevistado 4: Eu também foi por causa de um tio meu, de um primo meu que andou cá e também de morar aqui perto.

Entrevistado 5: A mesma coisa, morar aqui perto, eu moro ali em cima na cidade e foi um por causa de um amigo que me disse para vir para aqui, e então, vim para aqui.

Entrevistadora: Hum hum. Como é que vocês se caracterizam enquanto alunas? São alunas esforçadas, empenhadas (risos), ou às vezes não estudam tanto como deviam, tiram melhores notas na vertente artística ou na vertente sociocultural...

Entrevistado 4: Era o que eu ia a dizer, eu tiro melhores notas na vertente artística do que na sociocultural. Eu falo por mim, devia estudar mais para a sociocultural mas música é aquela base. (risos)

Entrevistado 5: A mesma coisa que a minha colega, eu tiro melhores notas em Oboé em formação musical do que em geografia ou português. Porque se calhar nós não estamos tanto empenhadas nas disciplinas de sociocultural mas sim nas de música, nós não queremos seguir sociocultural mas sim música.

Entrevistado 6: Eu também é o mesmo caso, mas... Eu noto que me poderia esforçar muito mais na sociocultural só que como não é alguma coisa que eu precise no futuro, então não ligo muito.

Entrevistadora: Acha que não precisa no futuro?

Entrevistado 4: Eu vou-te corrigir, porque tu vais precisar no futuro principalmente de Português e de inglês

Entrevistado 6: Pronto, português e inglês são as únicas disciplinas que também me preocupo mais, mas as outras disciplinas como geografia ou matemática não ligo tanto como deveria ligar.

Entrevistadora: E consideram que a componente de formação musical deste curso é adequada, acham que a carga horária é adequada, as horas a que vocês têm instrumento são adequadas, qual é a vossa opinião relativamente a este assunto?

Entrevistado 6: Pela minha opinião, eu acho que nós temos demasiada carga horária de sociocultural, de manhã.

Entrevistado 5: De manhã. O curso básico só tem a manhã toda cheia de português, matemática e tudo das 8h30 às 13h.

Entrevistadora: Das 8h30 às 13h só têm sociocultural?

Entrevistado 6: Das 8h30 às 13h só temos sociocultural, e depois à tarde é instrumento. Eu acho que para nós que queremos ser alguém um dia isto não chega para nós estudarmos.

Entrevistado 4: Pois não.

Entrevistado 6: Principalmente de manhã, temos as horas todas cheias e acho que, se por exemplo, tivermos só 4h de manhã por semana isso poderia evoluir bastante.

Entrevistado 5: No mínimo 1h livre de manhã, era o que eu queria (risos)

Entrevistadora: E relativamente aos eventos que a escola vos propicia, as master classes os *workshops* e estágios, qual é a vossa opinião relativamente a isso?

Entrevistado 5: É muito bom.

Entrevistado 4: É muito bom, também concordo.

Entrevistado 5: Por exemplo, nas master classes, convivemos com outras pessoas adquirimos conhecimentos profissionais dos nossos professores que nós não conhecemos.

Entrevistado 4: Nos estágios é diferente, é com mais instrumentos conheces pessoas novas, é diferente.

Entrevistadora: E acham que é fundamental para o vosso futuro enquanto músicos terem esse tipo de experiências?

Entrevistados: Sim, claro.

Entrevistado 4: É sim, porque não ouvimos a opinião de uma só pessoa, mas sim de várias. É sempre bom ouvir todas as opiniões.

Entrevistadora: E como é que vocês caracterizam a relação pedagógica, a relação que vocês estabelecem com os professores?

Entrevistado 4: É boa, falo por mim é boa.

Entrevistado 6: É boa, com todos os professores.

Entrevistadora: Com todos os professores? E sentem que o acompanhamento deles é fundamental no vosso desempenho profissional e musical?

Entrevistado 6: Alguns.

Entrevistado 4: Sim, alguns.

Entrevistadora: E, por exemplo, se nos cingirmos ao professor de instrumento?

Entrevistado 5: Era o que eu ia a dizer...

Entrevistadora: Então, diga...

Entrevistado 5: Eu em termos de professores, ligo muito mais ao meu professor do instrumento não é...

Entrevistado 4: Claro.

Entrevistado 6: Claro, como toda a gente.

Entrevistado 5: Confio mais no meu professor de instrumento do que no professor de matemática ou português.

Entrevistadora: E vocês dão-se bem com o vosso professor de instrumento? O que é que ele faz ou o que é que é necessário para que essa relação funcione tão bem?

Entrevistado 4: Em primeiro lugar a simpatia.

Entrevistado 5: A confiança.

Entrevistado 4: Também...

Entrevistadora: E que mais?

Entrevistado 5: Ele pede-nos uma coisa, e nós temos de a fazer logo bem, ou na semana a seguir, ou na aula a seguir pede-nos um estudo...

Entrevistado 4: Fica contente connosco.

Entrevistado 5: E nós temos que nos esforçar ao máximo.

Entrevistadora: E são professores de renome? Sendo que isso influencia, ou não?

Entrevistado 5: Claro! Influencia muito. Também se não fosse o meu professor eu não andava cá.

Entrevistado 4: Nem eu!

Entrevistado 6: Nem eu!

Entrevistado 5: Só entrei para aqui por causa do meu professor.

Entrevistadora: Por saberem que teriam o professor x para aquele instrumento?

Entrevistado 5: Exato.

Entrevistado 4: Eu ouvi falar do meu professor e toda a gente dizia que ele era bom e isso tudo. A minha tia não é do mesmo instrumento que eu, mas dizia que as alunas de flauta diziam muito bem dele e que era simpático e isso tudo e eu arrisquei.

Entrevistado 6: Eu comecei a trabalhar com o meu professor na banda, depois comecei a trabalhar com ele no conservatório, ou seja, já trabalho há muitos anos com ele e temos uma confiança diferente.

Entrevistadora: Sim, porque também já o conhece há imenso tempo. E consideram que as instalações e os recursos são adequados ou não?

Entrevistado 5: Sim!

Entrevistado 6: Mais ou menos.

Entrevistado 4: Pois, mais ou menos.

Entrevistadora: Então?

Entrevistado 6: Eu acho que se calhar se tivéssemos mais salas, não digo para cada um, mas para mais alunos, porque por exemplo, falo do nosso caso no nono ano nós só começámos a ir para salas grandes agora. E eu percebo, os sétimos e oitavos são um bocadinho mais pequenos mas a partir do oitavo seria uma boa altura para ganhar mais confiança connosco e com os professores e acho que devíamos ter mais salas.

Entrevistadora: E a escola, de certa forma, acaba por vos emprestar os instrumentos... Vocês já têm instrumentos vossos ou continuam a usufruir dos instrumentos da escola?

Entrevistado 5: O meu é emprestado pela escola.

Entrevistado 4: O meu é meu.

Entrevistado 6: Eu tenho o da banda mas vou ter o meu.

Entrevistadora: E, no seu caso, acha que isso poderá influenciar a sua prestação quando prosseguir estudos?

Entrevistado 5: Como assim? Não percebi...

Entrevistadora: Quando for para o décimo ano ou assim...

Entrevistado 5: Como assim? Não percebi...

Entrevistadora: O facto de o instrumento ser da escola, se o facto de não ter um instrumento seu ou há pouco os colegas estavam a dizer que nem sempre a qualidade é a melhor e quando vocês vão prosseguir estudos vão necessitar de um instrumento de melhor qualidade. Se nesse aspeto não está a pôr em causa a sua formação... É nesse aspeto que estou a falar.

Entrevistado 5: Por um lado está não é, porque claro que nós queremos ter o melhor instrumento do mundo, não é (risos). É o que nós desejamos, e falo no meu caso. O meu oboé não é o melhor da escola.

Entrevistado 4: Eu quando entrei para cá pensei logo no instrumento que queria comprar porque a escola tinha cá uma flauta mesmo e não valia a pena. Depois o meu professor sugeriu esta, porque é uma flauta que dá para a minha vida toda, mas não é das melhores. Mas eu preferi logo gastar o dinheiro do que andar a comprar assim....

Entrevistadora: Sim, a questão é que vocês também para frequentar o curso estão muito condicionados a essas questões económicas e nesse aspeto é um bocado complicado, se não tiverem um suporte que vos aguarde é difícil.

Entrevistado 5: A minha mãe só não me comprou um oboé porque quer passar o nono ano, porque pensa que eu vou sair desta escola. Mas não vou!

Entrevistadora: A sua mãe não concorda?

Entrevistado 5: Não é concordar, mas quer que eu acabe o nono ano e depois logo compra.

Entrevistadora: Certo, e vocês moram aqui perto, ou não?

Entrevistado 5: Sim, moramos todas perto.

Entrevistadora: Ótimo. Porque existem colegas que vivem cá sozinhos daí que eu estou a perguntar.

Entrevistado 4: Nós vivemos com os pais.

Entrevistadora: E vocês costumam participar em iniciativas levadas a cabo pela escola? Nas master classes e isso tudo...

Entrevistado 3: Sim.

Entrevistado 4: Sim, claro.

Entrevistadora: Porquê que participam?

Entrevistado 6: Porque é uma experiência nova.

Entrevistado 4: Era o que eu estava a dizer há bocado. Ouvirmos opiniões diferentes de várias pessoas...

Entrevistado 6: Faz-nos evoluir um bocado...

Entrevistado 5: Exato.

Entrevistadora: E consideram que essas experiências são relevantes para a vossa formação enquanto músicos?

Entrevistado 6: Claro.

Entrevistado 4: Sim!

Entrevistado 5: Claro...

Entrevistadora: E acham que deviam existir mais, ou que os que existem são suficientes?

Entrevistado 5: Mais!

Entrevistado 4: Mais!

Entrevistado 5: Nós queremos sempre mais!

Entrevistado 6: Claro.

Entrevistadora: Mesmo que isso implique terem ainda mais horas de aulas ou um esforço acrescido?

Entrevistado 5: Não importa! Se for de instrumento para mim não importa.

Entrevistado 6: Sim, se for de instrumento não importa!

(Risos)

Entrevistado 4: Eu acho que deviam reduzir mais na cultural e investir mais na artística.

Entrevistadora: E quanto tempo é que vocês dedicam ao instrumento assim diário?

Entrevistado 6: Depende muito, porque temos um horário muito cheio.

Entrevistado 4: O meu mínimo é duas horas. E é pouco... Mínimo duas horas e o máximo é quatro. Não passa de quatro.

Entrevistado 6: É como nós. Nós temos o horário muito cheio. É do sétimo ao nono assim e depois no décimo diminui um bocado mas mesmo assim acho que eles também têm horários cheios.

Entrevistado 4: Pois, mas já é menos...

Entrevistadora: Vocês consideram que este curso vos está a preparar para o mercado de trabalho, se vocês terminassem agora o nono ano e fossem para o mercado de trabalho, acham que tinham bases suficientes para isso ou acham que o curso vos está a preparar

mais para seguirem os estudos ou está apenas a dar-vos uma ideia do que é a música e não esperam que vocês sejam músicos?

Entrevistado 5: Esperam que sejamos músicos.

Entrevistado 4: Claro.

Entrevistado 6: Eu acho que já nos estão a preparar para o mercado de trabalho.

Entrevistado 5: Sim, mas se eu saísse agora da escola e fosse para o mercado de trabalho ninguém me aceitaria. Porque há muitos melhores que eu.

Entrevistado 4: Nós temos de acabar os cursos.

Entrevistadora: Neste caso até ao décimo segundo ano?

Entrevistado 5: Sim!

Entrevistado 4: Décimo segundo e depois universidade. Licenciatura, mestrado isso tudo.

Entrevistadora: Vocês acham que, de certa forma, para terem um bom futuro enquanto músicos vão necessitar de prosseguir os estudos?

Entrevistado 4: Sim, tudo.

Entrevistadora: Então e uma vez que estão a terminar o nono ano, o que pretendem fazer?

Entrevistado 5: Acabar com uma média boa.

Entrevistado 4: Sim.

Entrevistadora: E para o ano?

Entrevistado 5: E para o ano.... É continuar....

Entrevistado 4: Sim, continuar assim.

Entrevistado 6: Estudar cada vez mais.

Entrevistadora: Continuar no curso profissional de música aqui na mesma escola?

Entrevistado 4: Claro.

Entrevistadora: E após terminarem o décimo segundo ano o que é que pretendem?

Entrevistado 5: Estrangeiro.

Entrevistado 4: Não sei...

Entrevistado 6: Eu é, eu quero ir lá para fora!

Entrevistadora: E porquê?

Entrevistado 6: Porque é diferente. Vieram cá os professores da master classe da Holanda e é completamente diferente. Eles explicam de outra maneira. É diferente. Se tiver possibilidade eu vou para aí.

Entrevistado 5: Eu também!

Entrevistadora: E no seu caso, reparei no início da entrevista que estava um bocadinho reticente ao curso, quer realmente seguir a área da música ou?

Entrevistado 4: Quero!

Entrevistadora: E em que medida é que consideram que este curso vos possibilitará a atingirem os vossos objetivos? Este curso está a ser importante, não está...

Entrevistado 5: Claro, se não fosse isto eu não...

Entrevistado 6: Por exemplo, agora abriu uma nova regra, e eu sei que a escola não tem culpa, mas eu não concordo!

Entrevistadora: Com o quê?

Entrevistado 6: Agora os novos alunos, quem tiver já o nono ano tem de ir para o décimo e agora na turma de décimo primeiro há pelo menos dez pessoas que para o ano vão para o décimo segundo e não vão entrar para a universidade. Porque eles entraram mesmo do zero, não sabiam nada de música e não têm as bases que nós temos. Eu não concordo com isso, mas a culpa não é da escola.

Entrevistado 5: E todas as pessoas queriam ir para o sétimo ano...

Entrevistadora: Preferiam ir para o sétimo ano do que...

Entrevistado 6: Sim, do que continuarem no décimo.

Entrevistado 5: Porque eles têm de fazer seis anos em três.

Entrevistado 4: Pois, nunca vai dar.

Entrevistado 6: Vai faltar sempre muitas bases.

Entrevistado 5: Eu não conseguia. Tinha de ficar para aí mais dois anos nesta escola.

Entrevistadora: E o que vocês querem fazer futuramente? Querem ser solistas, querem....

Entrevistado 6: Não sei...

Entrevistado 5: Solista.

Entrevistado 4: Eu também não sei....

Entrevistado 5: Mas dar aulas não.

Entrevistado 4: Eu gostava de dar aulas e ser solista.

Entrevistadora: E há poucos os vossos colegas estavam a falar, por exemplo a colega do violino, que o facto de ter começado a praticar instrumento tão tarde a impossibilitaria de ser solista de violino. Vocês têm essa ideia?

Entrevistado 6: Impossibilitado como assim?

Entrevistado 5: Ela não está muito tarde... Eu tenho um caso de oboé, saiu daqui com vinte e cinco anos...

Entrevistadora: E tinha começado com que idade?

Entrevistado 5: Fez o secundário numa escola e depois decidiu vir para o sétimo ano aqui...

Entrevistadora: Vocês acham que não há problema por terem começado a tocar instrumento tão tarde?

Entrevistado 4: Não, desde que a pessoa se empenhe e faça as coisas corretamente isso não vai invalidar de nada...

Entrevistado 5: Exato.

Entrevistadora: Okay, muito obrigada!

Entrevistado 5: nada.

Entrevistado 4: Obrigada, nós.

ANEXO XII. TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA ANTIGO ALUNO 1

Entrevistadora: Muito obrigada pela disponibilidade. Gostava de saber qual é que é o instrumento que toca...

Entrevistado: Flauta transversal.

Entrevistadora: E porquê?

Entrevistado: Foi pelo gosto, eu iniciei numa banda filarmônica e experimentei vários instrumentos e este foi o que gostei mais, e daí começar também a estudar o meu interesse começou a ser maior.

Entrevistadora: E com que idade começou a tocar na filarmônica?

Entrevistado: Hum... tinha 15 anos.

Entrevistadora: Com 15? Frequentou o curso nível básico?

Entrevistado: Sim...

Entrevistadora: Mas já com idade superior à que era esperada...

Entrevistado: Exatamente, sim... Eu atrasei 3 anos.

Entrevistadora: Teve de ter toda a componente musical desde o sétimo ano. Qual é que é a sua opinião relativamente a isso, acha que foi vantajoso ou que não foi?

Entrevistado: Foi vantajoso, a nível da sociocultural eu já tinha tido, mas tive de repetir porque era assim... Mesmo já tendo os módulos feitos tinha de assistir às aulas. Mas a nível da música, para mim foi muito mais fácil e foi bom ter voltado ao sétimo porque assim consegui evoluir da melhor forma.

Entrevistadora: Não vê que foi tempo perdido, foi vantajoso?

Entrevistado: Não, foi vantajoso.

Entrevistadora: E nessa altura tinha aulas de música na filarmônica, quando ingressou no curso de nível básico continuou a tocar na filarmônica...

Entrevistado: Sim, continuei sim

Entrevistadora: Sempre a conciliar as duas coisas...

Entrevistado: O ano em que entrei para a filarmônica, foi também o ano em que entrei para a escola.

Entrevistadora: Então quando entrou para a escola não tinha conhecimentos...

Entrevistado: Tinha mais ou menos, tinha meio ano...

Entrevistadora: Meio ano já de filarmônica... E qual foi o motivo que a fez vir para o curso profissional de música?

Entrevistado: A minha família, também se calhar me influenciou muito. Porque os meus tios e primos também são músicos. E o meu avô também foi e assim, e pronto sempre gostei de música e desde pequena que sempre estive ligada à música. E o que me levou também a interesse não era o futuro de quando eu era pequena desenhava mas foi este futuro que eu quis para mim e não estou arrependida de ter vindo para a música.

Entrevistadora: E o porquê esta escola?

Entrevistado: Porque eu sou daqui, e sendo daqui é mais fácil também.

Entrevistadora: Hum hum, essencialmente por isso. E já agora, o porquê do curso profissional e não de ter ido para o conservatório e ter as duas componentes?

Entrevistado: Porque nós no curso profissional temos muito mais tempo para o instrumento do que no conservatório uma vez que aqui os horários são feitos também à medida do que nós conseguimos estudar, e no conservatório já não é assim às vezes tens só uma hora de instrumento e não ajuda tanto. E aqui também evoluímos mais a nível profissional, e também é outro ambiente.

Entrevistadora: E após ter terminado o nono ano, prosseguiu os estudos na área da música e pretende também continuar a fazê-lo?

Entrevistado: Sim, claro.

Entrevistadora: Como se caracteriza enquanto aluna do curso de nível básico? Era motivada, quais eram as suas expectativas.

Entrevistado: Eu sempre fui muito motivada, tanto pelos professores como pelos meus amigos, seja quem for, sempre tive motivação até por mim própria porque por estar a fazer aquilo que gosto acho que a motivação não falta.

Entrevistadora: E como era a conciliação a nível de notas entre a componente sociocultural e a componente artística?

Entrevistado: Tinha melhores notas a artística do que a sociocultural (risos)

Entrevistadora: E acha que isso se deve a quê?

Entrevistado: A mais estudo da música e a mais interesse da música, eu se calhar gasto mais tempo a estudar para a artística do que para a sociocultural.

Entrevistadora: Em média quanto tempo gasta diariamente a tocar o seu instrumento?

Entrevistado: Depende... quatro, cinco, seis horas. Depende dos dias e do tempo livre que tenha ou mais...

Entrevistadora: Mas é sempre para mais?

Entrevistado: Sim sim, nunca para menos. (risos)

Entrevistadora: E centrando-nos agora no curso, considera que a componente de formação deste foi adequada a nível da carga horária, do tipo de experiências que vos foram propiciadas ao longo de toda a formação...

Entrevistado: Sim foi tudo, porque nós na profissional temos um horário muito diferente do que as escolas normais, é um horário mais pesado. Por exemplo, quando chegamos ao final do ano, é mesmo muito cansativo mas sempre tivemos tudo bem organizado e acho que isso sempre nos ajudou também a ter melhor rendimento e tudo.

Entrevistadora: Acha que apesar do horário ser muito elevado que compensa...

Entrevistado: Compensa porque nós temos de ter essas aulas e estamos sempre a aprender o que é bom.

Entrevistadora: Hum hum, e relativamente ao tipo de atividades que a escola propicia, os concertos, as *master classes*, ...

Entrevistado: São muito boas, e ajudam-nos muito na nossa evolução. Especialmente *master classes* e concertos porque damos-nos a conhecer às pessoas de lá fora que não nos conhecem. E depois damos um concerto e quem não nos conhece, passa a conhecer e acho que é mesmo muito bom.

Entrevistadora: E como caracteriza a relação pedagógica que existe entre o professor e aluno?

Entrevistado: Hum... É uma relação boa, qualquer professor. Eles estão sempre atentos ao seu aluno de instrumento, somos todos vistos da mesma forma. Eles vêm-nos como filhos e também nos dão na cabeça quando é preciso, mas estão sempre para nós quando precisamos. E isso é muito bom. Até para as aulas, vamos à vontade porque não estamos com receio do professor como havia no ciclo, aqui não. Aqui somos todos amigos e acho que isso é muito bom. Quando é para trabalhar é para trabalhar mas quando é para brincar também brincamos.

Entrevistadora: E relativamente ao professor de instrumento?

Entrevistado: Sempre foi. É como o nosso pai. O segundo pai daqui da escola, apoia-nos em tudo e é muito bom.

Entrevistadora: E quais é que são as características que acha que são fundamentais para manter essa relação de confiança?

Entrevistado: Trabalho. Para existir confiança temos de mostrar trabalho, porque sem trabalho a confiança vai-se perdendo. Acho que é só isso, e a amizade também.

Entrevistadora: E considera que as instalações e os recursos disponíveis são suficientes?

Entrevistado: Em termos... A escola está boa, nós tínhamos uma escola antiga que já não tinha muitas condições, mas nesta temos muitas condições e eles proporcionam tudo. Se calhar precisamos mais a nível de acústica musical e tudo porque não temos isolamentos e isso é o que nos falta porque de resto temos tudo e boas condições.

Entrevistadora: Costuma participar nas iniciativas levadas a cabo pela escola, por exemplo nas master classes, nos concertos?

Entrevistado: Sim sempre, sempre que posso....

Entrevistadora: E porque?

Entrevistado: Porque acho que é também uma maneira de estarmos todos juntos e de convivermos: professores, alunos e isso é muito importante porque nós temos uma rotina mesmo muito pesada e se estamos sempre a estudar também nos faz mal, por isso acho que também conviver com outras pessoas e falar e conhecer outro tipo de culturas, seja o que for, acho que nos faz bem.

Entrevistadora: E é importante na sua formação enquanto música frequentar esse tipo de atividades?

Entrevistadora: Muito!

Entrevistadora: E porque?

Entrevistadora: Por exemplo, nas *master classes* nós temos sempre com professores de fora sem serem os nossos, são professores que vêm do estrangeiro ou mesmo de Portugal mas têm outras ideias, e são essas ideias que nos vão ajudar a ter outros caminhos ou outras perspetivas da música e acho que isso é mesmo muito bom.

Entrevistadora: Considera que o curso de nível básico a preparou mais para prosseguir estudos ou para uma via profissional?

Entrevistadora: Para prosseguir estudos e para uma via profissional, as duas. Prepara mesmo para as duas.

Entrevistadora: E considera que este curso foi importante para a sua vida?

Entrevistadora: Para mim foi, porque onde eu comecei mesmo a sério foi aqui no curso básico e a evolução que eu tive foi devido a isso, se eu não estivesse no curso básico neste momento já não estava aqui e tinha tido só 3 anos e não faziam de mim a pessoa que sou hoje porque para além da música nós também crescemos muito aqui.

Entrevistadora: E acha que a idade com a qual começou a tocar instrumento influenciava a sua prática ou não? Por exemplo, se tivesse começado aos 6/7 anos acha que fariam de si uma profissional diferente?

Entrevistadora: Não, acho que depende muito... Eu comecei com esta idade e isso torna-se mais difícil porque eu vou concorrer com níveis acima, mestrados e licenciaturas devido à minha idade e isso torna-se mais difícil. Se tivesse começado mais tarde, estava sempre na minha idade e era mais fácil para concorrer.

Entrevistadora: Porque nos concursos, vocês concorrem por idades...

Entrevistadora: Sim, por anos de nascimento

Entrevistadora: E considera que o nível de curso básico correspondeu às suas expectativas?

Entrevistadora: Sim, acho que sim...

Entrevistadora: Em que sentido?

Entrevistadora: Em todos, em tudo o que aprendi em tudo o que conheci... Todas as aprendizagens que até hoje ainda mantenho e sei que vai sempre para a minha vida futura.

Entrevistadora: E quais são as suas expectativas futuras, no que diz respeito à música e... O que é que se vê a fazer daqui a 10 anos?

Entrevistado: Eu pretendo acabar os meus estudos, acabar o meu curso de nível instrumentista, depois ir para licenciatura mestrado... Acabar mesmo.

Entrevistadora: Em que áreas?

Entrevistado: Instrumento, ou então dar aulas. Ou para instrumentista, orquestra, dar aulas...

Entrevistadora: E qual é que é a sua perceção relativamente à inserção no mercado de trabalho de quem concluí o curso profissional, e aí não me estou só a referir ao nível básico mas sim aos 6 anos.

Entrevistado: É muito pouco, porque se formos ver há muita gente a tirar mestrados e tudo e nem eles têm trabalho quanto mais nós vamos ter... Eu acho que hoje em dia ninguém está safo.

Entrevistadora: E conhece muita gente que tem tido dificuldades em arranjar trabalho, por exemplo?

Entrevistado: Na música?

Entrevistadora: Sim, na música.

Entrevistado: Alguns que estão a acabar e não têm mais para fazer, porque ou não há lugares em orquestras ou... Mas depende muito, também é muito relativo.

Entrevistadora: Considera relativo porquê?

Entrevistado: Porque ou nós somos muito bons e merecemos aquele lugar e entramos, ou trabalhamos muito para merecer aquele lugar e ir para aquela grande orquestra ou dar

aulas ou então não conseguimos ser ninguém. Neste momento é assim, porque o mundo musical está mesmo muito grande e nós não temos perceção disso porque estamos no mundo mais pequeno, mas lá para fora é completamente diferente e as pessoas trabalham muito muito muito mesmo, e há gente a tocar muito bem. Se há uma vaga para cem pessoas, claro que é o melhor que fica e é mesmo muito relativo...

Entrevistadora: E acha que o facto de estar a frequentar este curso está a estreitar muito o currículo?

Entrevistado: Não, claro que não. Porque isto é a minha base para o meu futuro, o básico foi a minha primeira base e esta é a segunda base para eu poder progredir.

Entrevistadora: Sim, existe alguma coisa que queira acrescentar e que eu não tenha focado?

Entrevistado: Não acho que não.

Entrevistadora: Ok, muito obrigada pela disponibilidade e continuação de tudo de bom.

ANEXO XIII. TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA ANTIGO ALUNO 2

Entrevistadora: Gostava de saber qual é o instrumento que toca

Entrevistado: Oboé.

Entrevistadora: E porque o oboé?

Entrevistado: É mesmo uma questão de gosto. Eu antes de vir cá para a escola não conhecia o oboé, não é de todo um dos instrumentos que nós possamos falar ou alguma coisa assim mais conhecida e quando ouvi, gostei imenso e por isso é que toco oboé, é mesmo uma questão de gosto.

Entrevistadora: E foi quando entrou nesta escola que decidiu tocar...

Entrevistado: Foi uns meses antes, eu entrei aqui e por uma questão de férias e de atividades de verão, integrei a banda nesse verão e foi aí que conheci os instrumentos.

Entrevistadora: Com que idade começou a tocar oboé?

Entrevistado: Com 15, a fazer 16 assim duas semaninhas depois

Entrevistadora: Então também é daqueles casos que teve de voltar atrás?

Entrevistado: Tive de voltar atrás sim.

Entrevistadora: E porquê que entrou na banda?

Entrevistado: Só porque não tinha assim muitas atividades para fazer no verão, e também eu não moro aqui e então era uma oportunidade para vir para cá, tinha também uma colega que estava lá e ela é que me levou para lá para conhecer e tudo, e eu gostava de música.

Entrevistadora: Mora longe da daqui?

Entrevistado: Agora já não, mas morava.

Entrevistadora: Então, e veio viver para cá sozinha ou a sua família mudou-se para cá também?

Entrevistado: Veio também sim.

Entrevistadora: Ok, a sua família mudou-se para aqui. E na altura, quando ingressou aqui na escola já tinha alguns conhecimentos de música?

Entrevistado: Hum... Os mínimos, até porque nós temos na escola normal no 5º e no 6º educação musical, ou seja, pelo menos eu adquiri alguns conhecimentos de perceber a música escrita ou assim, já tinha adquirido nessa altura.

Entrevistadora: E qual foi o motivo que a levou a frequentar o curso profissional de música?

Entrevistado: Na altura, quando eu entrei para a banda, quem dava lá aulas eram alunos aqui da escola e houve a oportunidade de eu vir aqui fazer as provas de ingresso e aproveitei. Desisti daquilo que estava a fazer, porque estava no décimo ano da escola normal e optei por vir para aqui porque realmente gostava de música e gostava de seguir isso.

Entrevistadora: Foi uma grande decisão, o estar no décimo ano e depois ter de voltar para o sétimo...

Entrevistado: Claro (risos)

Entrevistadora: Arrepende-se ou não?

Entrevistado: Não, não!

Entrevistadora: Acha que valeu esse esforço?

Entrevistado: Claro, é assim, obviamente que há dias em que as coisas não correm tão bem que nós pensamos “fogo se calhar se estivesse noutra sítio, nesta altura já estava a acabar a licenciatura”, tenho colegas meus a acabarem já. Mas claro, quando as coisas correm bem é quando realmente percebo que valeu a pena ter mudado.

Entrevistadora: E o porquê de ter escolhido uma escola profissional e não ter pensado, por exemplo, num conservatório onde conseguiria conciliar o curso científico-humanístico com a aprendizagem do instrumento.

Entrevistado: Para já, aqui na cidade não havia nenhum conservatório de instrumento mas realmente na altura também não sabia isso. Mas eu gostava mesmo de mudar aquilo que eu estava a fazer e surgiu esta oportunidade e quis mesmo mudar aquilo que eu estava a fazer por isso na altura nem sequer foi uma hipótese para mim.

Entrevistadora: E porquê esta escola e não escolher outra escola?

Entrevistado: Porque era a que existia aqui, era a que conhecia.

Entrevistadora: Como se caracteriza como aluna do curso de nível básico? Quais é que eram as suas motivações, os seus interesses...

Entrevistado: Eu quando estive no nível básico eu não tive de fazer as disciplinas todas, eu só tinha a parte de música e como só fazia isso e então claro, foi fantástico.

Entrevistadora: E qual era a sensação de ter metade do horário, acabava por ter muito tempo livre, aproveitava para estudar instrumento?

Entrevistado: Claro!

Entrevistadora: Quanto tempo dedicava, diariamente, ao instrumento?

Entrevistado: Eu tinha imenso tempo, chegava a ir para a escola às nove horas da manhã e chegava a estar até às onze da noite, por exemplo, nessa altura era mesmo imenso tempo.

Entrevistadora: Ficava esse tempo todo na escola e só tinha quatro ou cinco horas de aulas?

Entrevistado: Com sorte, sim... (risos)

Entrevistadora: (risos) E a nível de notas? Como é que eram as notas na componente sociocultural?

Entrevistado: Eram as mesmas notas que eu tive, acabaram por me dar equivalência e não tive de repetir.

Entrevistadora: Então acabou por ficar com uma boa média de conclusão do terceiro ciclo?

Entrevistado: Sim, o normal. Eram as notas que tinha na escola anterior.

Entrevistadora: E agora, centrando-nos no curso de nível básico, considera que a componente de formação do curso foi a mais adequada? No que diz respeito à carga horária, ao tipo de atividades que a escola vos propicia como as master classes e assim, qual é a sua perceção relativamente a isso?

Entrevistado: Na altura enquanto estive no meu curso de ensino básico tive sempre aquilo que achava necessário para a minha formação. A nível de carga horária, como eu não tive todas as disciplinas foi ótimo porque tive imenso tempo livre para fazer aquilo que realmente interessava. E sim, tive sempre na escola o que precisei para a minha formação, penso eu.

Entrevistadora: E enquanto estava a estudar no curso de nível básico continuou na banda?

Entrevistado: Sim, e ainda continuo.

Entrevistadora: Ainda continua atualmente?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Falando da relação pedagógica que estabelecem com os vários professores, como é que a caracteriza? Como é que a define?

Entrevistado: É assim, nós aqui temos aulas específicas e temos aulas individuais com cada professor, ou seja, no meu caso o professor do oboé que é o que tenho há mais tempo, realmente é uma relação que acaba por ser extremamente pessoal também porque ele conhece-nos extremamente bem porque obviamente se não nós tivermos alguma coisa que não está tão bem connosco ou algum problema físico isso reflete-se no que estamos a fazer. E ele também tem de saber disso para nos poder ajudar. No caso do nosso professor, não sei se com todos é assim, mas também nos ajuda em todas as vertentes da

nossa vida quer pessoal ou profissional e por isto, acaba por ser uma relação extremamente pessoal.

Entrevistadora: E aí, está-se a centrar essencialmente no professor de instrumento?

Entrevistado: Sim. Com outros também, obviamente, mas com o de instrumento é muito mais.

Entrevistadora: Sim porque também acaba por estar seis anos com o mesmo professor.

Entrevistado: Obviamente, eu com os de sociocultural nunca tive tanta ligação mas também nunca tive tanto tempo com cada um deles, mas da parte de música também mantemos uma grande ligação. Claro que com o professor de oboé mais porque foi meu professor durante seis anos.

Entrevistadora: E quais as características que acha fundamentais nos professores de instrumento para conseguirem ter essa relação tão próxima?

Entrevistado: Tem de ser, obviamente, um bom ouvinte; uma pessoa compreensível; uma pessoa disponível também. Tem de ser amigo, claro que sim.

Entrevistadora: E a carreira dele profissional também influencia isso? ou seja, olha para o seu professor de instrumento e pensa que tem ali um mestre e que gostava de ser como ele?

Entrevistado: Obviamente, os nossos professores têm de ser pessoas que nós também admiremos. Têm de ser ídolos para nós, obviamente que o que ele já fez e continua a fazer é fundamental.

Entrevistadora: E considera que as instalações e os recursos disponíveis na escola são os adequados? Tem um instrumento seu?

Entrevistado: Sim, tenho um instrumento meu. Supostamente há uma fase em que eles emprestam o instrumento, e na altura como os instrumentos não estavam assim tão bons quanto isso eu tive logo de comprar o meu. A partir daí, desde que tenho o meu nunca mais tive problemas. Obviamente que as instalações quando eram lá em cima não eram assim tão agradáveis quanto isso, mas sim penso que temos tudo o que é necessário.

Entrevistadora: E no que diz respeito às atividades levadas a cabo pela escola, por exemplo, as master classes qual é o seu nível de participação? No nível básico, participava?

Entrevistado: Sim, claro que sim. Até porque é ótimo para a nossa formação, quanto mais coisas fizermos mais nos ajuda como é óbvio.

Entrevistadora: Nesse sentido considera que a frequência nesse tipo de atividades tem sido uma mais-valia para o ser percurso?

Entrevistado: Claro que sim.

Entrevistadora: E considera que o curso de nível básico vos prepara para a continuação dos estudos ou tem uma via muito profissionalizante e vos prepara para o mercado de trabalho?

Entrevistado: Não, eu penso que nos prepara para a continuação dos estudos.

Entrevistadora: E porque?

Entrevistado: Porque tocar um instrumento não é assim tão simples e realmente precisamos de tempo. E é difícil em três anos, por muita intensidade e depende também da idade quando vem para aqui. Quando vem para aqui, ainda não tem maturidade suficiente para ficar preparada para ir logo depois para o nível profissional e é extremamente difícil só com aqueles três anos ficar preparada para o profissional.

Entrevistadora: E o facto de ter começado a tocar instrumento aos 15 anos condicionou e condiciona o seu percurso enquanto artista?

Entrevistado: É assim, poderá condicionar é verdade. Nunca me aconteceu ou nunca tive nada à exceção de não conseguir participar em concursos de idades porque é extremamente difícil, porque pertença a uma categoria mais elevada e as coisas tornam-se mais complicadas. Mas penso que nunca me impediu de fazer nada, mesmo agora no concurso às universidades, que eu pensei que pudesse ser uma desvantagem mas não tive qualquer problema e, por isso, nunca se refletiu em nada.

Entrevistadora: Hum hum, e o curso de nível básico foi importante para si?

Entrevistado: Claro que sim, sem o curso não estaria aqui agora nem preparada para fazer as provas.

Entrevistadora: E considera que o curso correspondeu às suas expectativas?

Entrevistado: Eu isso não sei uma resposta certa para dar. Porque realmente eu não tinha muitas expectativas, quando vim para cá não sabia muito bem o que poderia encontrar, por isso...

Entrevistadora: Não era aquela aluna que quando entrou aqui tinha a certeza absoluta de que era esta área que queria para o resto da sua vida?

Entrevistado: É assim, quando eu fiz a mudança tive de andar quatro anos para trás. Tive de pensar muito bem sobre isso, claro que sim. Mas também não sabia muito bem o que é que iria encontrar, o que era isto do curso básico ou o que é uma escola de música ou o que seria uma carreira de música. Claro que me informei o melhor que consegui, mas nunca se sabe muito bem a menos que já se tenha estudado música atrás ou que falem com pessoas que já estudem música...

Entrevistadora: No seu caso, não tem, por exemplo, um histórico familiar de pessoas ligadas à música?

Entrevistado: Não...

Entrevistadora: E no que diz respeito ao seu percurso profissional, tem continuado a estudar e quais é que são os seus objetivos?

Entrevistado: Entrar este ano, obviamente, procurar fazer licenciatura e mestrado e, quem sabe, ingressar numa boa orquestra.

Entrevistadora: Era esse o principal objetivo...

Entrevistado: Claro!

Entrevistadora: Do conhecimento que tem, os seus colegas têm tido facilidade em arranjar emprego, em inserir-se no mercado de trabalho, ou acha que é uma área na qual é difícil esse contacto com o mercado?

Entrevistado: É complicado dizer, mas acaba por ser como em todos os cursos, quem é realmente bom e quem tem uma postura de trabalho e tudo, acaba sempre por conseguir. Quem é mediano ou quem tem atitudes que os deixem um bocadinho mais à margem, tem mais dificuldades. Mas penso que realmente aqueles que saíram daqui e que as pessoas tinham boa expectativas porque eram trabalhadores e eram cumpridoras essas pessoas acabaram sempre por conseguir.

ANEXO XIV. TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA ANTIGO ALUNO 3

Entrevistadora: Então a minha primeira questão tem que ver com qual é o instrumento que toca

Entrevistado: Violino.

Entrevistadora: Violino... E porquê o violino?

Entrevistado: Inicialmente não era violino que eu queria, quando eu fui para a escola profissional, eu queria flauta transversal. Mas quando cheguei lá e eu tinha já muitas enxaquecas na altura, eles fizeram-me uma série de perguntas também e aconselharam-me o violino. Também não era um instrumento que eu desgostasse, era a minha segunda hipótese e por isso eu parti logo para o violino, e fiquei o resto do tempo todo.

Entrevistadora: E com que idade começou a tocar o instrumento?

Entrevistado: Com 12 anos. Foi no meu sétimo ano, sim 11 ou 12.

Entrevistadora: A primeira experiência que teve, o primeiro contacto com o instrumento foi no sétimo ano, no curso de nível básico.

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Tinham algum tipo de aulas sem ser as da escola, tinha algum professor privado...

Entrevistado: Não, era só mesmo a escola.

Entrevistadora: E tocava em alguma banda ou alguma orquestra.

Entrevistado: Não, também não. Só mesmo dentro da escola, as orquestras que havia que se formavam lá e que...

Entrevistadora: Hum hum, o primeiro contacto que teve foi mesmo com a escola... E o porquê de ter escolhido um curso profissional e na área da música

Entrevistado: A minha família é uma família toda de músicos. Eu tenho um irmão mais velho e ele começou lá, ao mesmo tempo que o meu irmão começou uma prima minha no ano a seguir entrou um primo meu e no ano a seguir a esse meu primo entrei eu e no ano a seguir entraram duas primas minhas. Não sei, sempre gostei de música também o meu pai sempre tocou guitarra desde que eu sou pequenina que eu me habituei a ouvir em casa e que sempre gostei de aprender e de querer fazer disso a minha vida.

Entrevistadora: E após ter terminado o nono ano de escolaridade, tentou ingressar no mercado de trabalho ou decidiu prosseguir os estudos?

Entrevistado: Prosegui os estudos até ao décimo segundo ano e depois continuei também.

Entrevistadora: Sempre na área da música?

Entrevistado: Sim, sempre

Entrevistadora: E como é que se caracteriza enquanto aluna? Era uma aluna motivada tinha expectativas logo para ingressar na área da música...

Entrevistado: Sim sim, eu acho que nós a partir do momento que entramos para a escola profissional, a motivação é sempre diferente. Não é igual ao conservatório, por exemplo.

Entrevistadora: Porquê?

Entrevistado: Porque como é uma escola profissional, nós temos logo essa consciência de que é profissional e que quem entra ali vai seguir música. E no conservatório não é tanto assim porque eles têm a escola normal e depois vão ao conservatório ter aulas mas, não sei, se calhar o conservatório é mais visto como um hobby e não tanto o profissional. Lá está, o profissional já incute em nós um sentido de responsabilidade diferente e pronto, desde que entrei ali soube sempre que era para continuar.

Entrevistadora: E tinha melhores notas na vertente sociocultural, na vertente artística...

Entrevistado: Na artística (risos)

Entrevistadora: (risos) é um problema geral...

Entrevistado: Sim, porque acho que se dedica muito tempo à parte artística que é aquilo que realmente estudamos. Não minimizando o resto, mas é principalmente para aquilo que estamos e então inconscientemente se dedica mais tempo à artística.

Entrevistadora: Sim, e relativamente agora ao curso... considera que as componentes de formação foram adequadas? A carga horária, as aulas que tinha de instrumento... Considera que foi o adequado?

Entrevistado: Sim, eu acho que é o adequado. Se bem que mais horas de formação não faria mal nenhum (risos), pelo contrário, acho que agora duas horas é bom mas na minha altura nem era isso, era uma hora e meia por semana e é muito pouco tempo para quem aprende o instrumento e quer fazer daquilo vida. Por isso é que também se acaba por dedicar muito mais tempo por fora ao instrumento e não tanto às outras disciplinas.

Entrevistadora: E relativamente ao tipo de eventos que a escola organizava, as master classes... Qual era a sua perceção relativamente a isso...

Entrevistado: Era muito boa, agora não sei como está a relacionar mas na minha altura vinham sempre professores diferentes todos os anos, e vinham professores de fora mesmo

do estrangeiro e tudo. E davam-nos noções que nós não tínhamos, noção de coisas que aconteciam lá fora e era muito bom, e os concertos também..

Entrevistadora: E como é que caracteriza a relação pedagógica que tinham com os docentes em geral e com o professor de instrumento, em particular?

Entrevistado: Era uma relação quase de família, eu senti sempre e nós também eramos poucos alunos e logo ao sermos poucos todos nos conhecíamos e acabava por ser um ambiente um pouco familiar. E a aula de instrumento como é individual, não sei acabava por haver um carinho especial, era bom. Mesmo com os outros professores era muito boa relação, as turmas também eram pequenas e havia oportunidade de haver esse relacionamento melhor com os professores.

Entrevistadora: E o que acha que é fundamental para que essa relação seja bem-sucedida e funcione da melhor forma?

Entrevistado: Tem de haver respeito das duas partes, e tem de se saber separar o que é dentro de aula do que é fora de aula pronto. Nós até podíamos tomar café com os professores no intervalo, mas sabíamos que ali dentro tinha de haver respeito. Mas acima de tudo o respeito, mutuo, eles tinham muito respeito por nós e nós por eles.

Entrevistadora: E relativamente às instalações da época, que provavelmente já são diferentes das atuais, considera que eram adequadas, que não eram, quais são as maiores diferenças que nota...

Entrevistado: Faltavam-nos sempre salas para estudar (risos), e eu lembro-me e era uma coisa que, pronto, agora também não acontece porque lá está as condições também estão melhoradas, eu lembro-me de ir estudar para a casa de banho e nos corredores para conseguirmos estudar. Qualquer cantinho servia para nós estudarmos, mas principalmente era mesmo a falta de salas que nós nos queixávamos porque em qualquer buraquinho que tivéssemos nós queríamos estudar instrumento e não havia salas para toda a gente...

Entrevistadora: E participava nas atividades levadas a cabo pela escola, como por exemplo nas master classes, nos concertos, ...

Entrevistado: Sim sim!

Entrevistadora: E o que a motivava a participar nestes eventos?

Entrevistado: Nas master classes, queria sempre aprender mais queria ouvir opiniões diferentes, porque parecendo que não podemos estar aqui 50 violinistas mas cada um ter uma opinião diferentes, queria ouvir a opinião de outros professores para depois também no décimo segundo eu podia escolher qualquer uma escola por causa do professor, até

podia ir para o estrangeiro. Eu ouvi sempre opiniões e era sempre bom. E os concertos, porque gostava principalmente eu adorava orquestra, gostava muito de tocar numa orquestra. Não era por nada em especial, era se calhar por tudo.

Entrevistadora: E acha que isso foi fundamental no seu percurso enquanto música?

Entrevistado: Foi, foi...

Entrevistadora: E considera que o curso a preparou para o ensino secundário? Para o prosseguimento de estudos, ou que a preparou mais para a inserção no mercado de trabalho?

Entrevistado: Para as duas coisas... Acho que foi para as duas coisas, nós tínhamos a possibilidade de chegar ao nono ano e optar por sair da escola e isso nunca foi uma hipótese para mim, a minha hipótese era sempre continuar e ir para o ensino superior portanto foi importante para as duas coisas. Nunca pensei em dar aulas (risos), eu dizia sempre que era uma coisa que não faria, por tudo sei lá acho que é, ou achava na altura, que é preciso ter a capacidade muito forte de encaixe para dar aulas a crianças, ainda por cima aulas individuais... E dizia sempre que não ia, e que ia sempre tocar em orquestra! Era sempre o que dizia (risos) e depois nem se pôs em questão quando surgiu a oportunidade de dar aulas, e pronto já é o meu terceiro ano. Por isso foi nas duas coisas, tanto para profissionalmente como para seguir e dar aulas. Ensinou-me muita coisa. Agora a dar aulas, vou buscar muita coisa que ouvia no sétimo e no oitavo ano, e revejo-me um bocadinho neles também...

Entrevistadora: E nesse sentido, considera que o curso de nível básico foi fundamental na sua vida e no seu percurso enquanto artista?

Entrevistado: Foi, foi e eu tenho muita pena de na altura não haver ensino a começar mais cedo, como é o caso das academias e do conservatório e assim. E eu acho que eu já comecei um bocadinho tarde, e o que acontece também aqui é que há imensos alunos que vão para o profissional com uma estaleca diferente, em que começam mais cedo e mais pequeninos e eu tenho imensa pena de na altura não haver nada disso ... E acho que sim, que foi fundamental.

Entrevistadora: E o curso correspondeu às suas expectativas? Olhando agora para trás...

Entrevistado: Sim, sim completamente!

Entrevistadora: Em que sentido, porquê?

Entrevistado: Porque sim, foi tudo o que eu estava à espera. Foi para lá um bocadinho apreensiva para já nunca tinha pegado num instrumento e foi tudo assim muito de repente, mas sim correspondeu em todos os aspetos.

Entrevistadora: E centrando-nos agora no seu percurso profissional como é que o caracteriza? Teve logo emprego.

Entrevistado: Sim...

Entrevistadora: Teve bastante facilidade na inserção do mercado de trabalho...

Entrevistado: Sim, sim.

Entrevistadora: É professora, dá aulas mas foi a única coisa que fez?

Entrevistado: Sim, foi a única. Tirando aquelas coisas extracurriculares, aquelas coisas que surgissem como concertos, casamentos, tudo... As pessoas falavam, e é um bocadinho o passa-palavra e tocava imensas vezes, ainda hoje toco. Mas a minha primeira experiência profissional mesmo, sim foi a dar aulas, e é a única para já.

Entrevistadora: Sente que sem o curso nível básico não teria conseguido atingir os seus objetivos?

Entrevistado: Não, não teria conseguido. Porque o ensino ali no básico, lá está eu tive que aprender tudo muito depressa, em relação a outros alunos que já vinham de trás, e eu caí ali um bocadinho de para-quedas, entre aspas, e tive de aprender tudo e aprende-se tudo muito mais rápido o que não acontece no conservatório, por exemplo, em que o programa é bastante diferente. Na escola profissional nós temos mesmo que andar para a frente e aprender, aprender cada vez mais e ver programa e sim foi muito importante, nem pensaria em não fazer e iniciar só no décimo em que também há esse caso de alunos que não fazem o básico e entram só depois no secundário. Mas para mim foi essencial.

Entrevistadora: Há mais alguma questão que queira ver a desenvolvida, quer acrescentar mais alguma coisa? Não?

Entrevistado: Não (risos)

Entrevistadora: Muito obrigada pela sua disponibilidade (risos)

ANEXO XV. TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA ANTIGO ALUNO 4

Entrevistadora: Muito boa tarde, gostava de saber qual o instrumento que toca?

Entrevistado: Trompa

Entrevistadora: E qual o motivo que o levou a tocar esse instrumento?

Entrevistado: Eu comecei... o meu primeiro momento na música começou por ser numa filarmónica e é muito usual os instrumentos metais, de sopro, neste caso metal. Na altura o maestro indicou-me aquele instrumento, era o que era mais necessário e eu acabei por ir para trompa.

Entrevistadora: E acabou por gostar desse instrumento...

Entrevistado: Acabei por gostar, sim. Eu gostava de música, se me dessem outro instrumento, se me dessem um clarinete na altura, teria escolhido o clarinete.

Entrevistadora: sorriso, o seu fascínio era pela música e para começar a tocar na filarmónica.

Entrevistado: Sim, eu gostava era de música. Mais tarde vim para esta escola por causa do meu gosto musical foi aqui que comecei a estudar mais a sério o instrumento.

Entrevistadora: Com que idade começou a tocar?

Entrevistado: Na filarmónica foi com 10, na escola foi com 12 anos.

Entrevistadora: E porquê que entrou na filarmónica com 10 anos? Porque os seus pais queriam? Foi por iniciativa própria?

Entrevistado: Foi um pouco das duas. Eu era muito novo, tinha interesse na filarmónica, gostava de ver a banda. Se calhar os meus pais empurraram-me, na altura tive um irmão mais velho que também foi e eu acabei por ir.

Entrevistadora: Referiu-me que começou a tocar numa filarmónica, foi aí que começou a ter o primeiro contacto com a música e com o instrumento?

Entrevistado: Sim, filarmónica amadora.

Entrevistadora: E porquê que depois mais tarde decidiu vir para esta escola? E porquê o curso profissional básico de instrumentista?

Entrevistado: Devido ao gosto musical, na altura conheci um amigo que tinha vindo para esta escola, ouvia-o a tocar e ficava muito... gostava vá. Comecei por falar com os meus pais que existia esta escola, depois eles também me incentivaram devido ao meu gosto musical.

Entrevistadora: E mora aqui perto? Ou tive de se deslocar bastante para vir estudar para esta escola?

Entrevistado: Moro próximo, no concelho.

Entrevistadora: Após ter terminado o 9.º ano de escolaridade, tentou ingressar logo no mercado de trabalho ou prosseguiu os estudos?

Entrevistado: Prossegui estudos.

Entrevistadora: Também na área da música?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Como foi o seu percurso académico quando terminado o 9-º ano?

Entrevistado: Continuei nesta mesma escola, no curso profissional. Era o curso básico e a partir do 9.º ano era o curso de instrumentista. Mais tarde, ingressei também na escola superior em Lisboa, escola superior de música de lisboa.

Entrevistadora: E como se caracteriza enquanto aluno, era um aluno empenhado? Motivado?

Entrevistado: Era um aluno empenhado e motivado, gostava muito de música. Passava bastantes horas diárias com o meu instrumento... Era um aluno empenhado mesmo nas outras disciplinas, não deixava nada para trás. Claro que dava muito mais importância à parte musical, tinha muito mais interesse, tinha muitos melhores notas na parte musical. O instrumento exige bastante tempo, exige um tempo diário, todos os dias, de 2, 3, 4 ou 5 horas, depende do instrumento e também depende da necessidade de quem estuda o instrumento. Estar 3 ou 4 horas a tocar o instrumento retira algum tempo para tudo o resto.

Entrevistadora: Considera que a componente de formação do curso foi adequada?

Entrevistado: Eu acho que está muito bem organizado. Se calhar em alguns momentos torna-se um pouco pesado. Há momento, quando se vai ter provas muito importantes... é muita coisa ao mesmo tempo. Mas está bem organizado.

Entrevistadora: Tendo em conta o tempo dedicado ao instrumento, considera adequado?

Entrevistado: É adequado, claro que sim. Para se ter aulas de instrumento têm de ser aulas individuais. O professor tem de olhar para aspetos muito específicos, só com dois alunos já é difícil, é muito difícil. Com mais é impossível...

Entrevistadora: E acha que essas duas horas semanais são suficientes ou não?

Entrevistado: Duas horas é bastante bom. Se calhar alguns alunos poderiam precisar de mais, de um acompanhamento diferente, mas está dentro do adequado.

Entrevistadora: No que diz respeito aos eventos que a escola promove. Qual a sua opinião acerca disso?

Entrevistado: Acho que é muito bom, alarga conhecimentos, ficamos a conhecer novas técnicas, novas formas de tocar um instrumento.

Entrevistadora: Recorda-se de quando era aluno, tinha entusiasmo para participar neste tipo de atividades?

Entrevistado: Ficávamos entusiasmados e ganhávamos sempre uma grande motivação depois desses momentos. Dávamos sempre algo salto, evoluía-se sempre um pouquinho mais que o normal. Deixava de ser aquela monotonia, fazíamos algo novo e se era com alguém. Se essa *master class*, se esse estágio era com alguém de grande qualidade melhor.

Entrevistadora: E como é que caracteriza a relação pedagógica que tinha com os professores?

Entrevistado: Com o professor de instrumento em especial era muito próxima, era quase como um segundo pai porque ele está muito connosco, ajudava-nos muito, tudo o que necessitássemos, ele está lá sempre, era quase como um segundo pai.

Entrevistadora: E considera que as instalações da escola são adequadas e o tipo de material disponível? Apesar de agora estarmos numas instalações inferentes de quando era aluno. Mas o que tem a dizer acerca disso.

Entrevistado: Enquanto eu estudei, as instalações não eram muito boas.

Entrevistadora: Mas considera que hoje já conseguem corresponder ao esperado?

Entrevistado: Hoje estão bastante melhores, apesar de que há certos pormenores técnicos, mas em relação ao que eu apanhei é bastante melhor.

Entrevistadora: Quando era aluno participava nas atividades levadas a cabo pela escola, o que o motivava a frequentá-las?

Entrevistado: foi relevante para a minha formação. Deu-me uma bagagem e experiencia muito importante para agora, para o trabalho que eu desempenho agora, como músico e tocar em orquestras. Foi isto que me deu toda a bagagem, foi essa experiencia inicial. O fazer muitos concertos, ter muita prática foi o que me deu a experiência de chegar agora a um palco e ter o à vontade que tenho agora.

Entrevistadora: Durante a vossa formação acabam por ter muitos momentos de apresentações e as vossas provas têm audiência...

Entrevistado: É mais uma forma de criar essa à vontade

Entrevistadora: Considera que o curso de nível básico o preparou para o ensino secundário, para prosseguir os estudos ou para a inserção no mercado?

Entrevistado: Está direcionado para prosseguir os estudos, ninguém se torna músico em 3 anos, é preciso mais experiência, mesmo depois destes anos todos eu ainda continuo a estudar. 3 anos são apenas um início de uma vida.

Entrevistadora: O curso de nível básico foi importante na sua vida?

Entrevistado: foi, foi... foi muito importante. Se fosse mais tarde, é importante começar quanto mais cedo, melhor. Começar com 12 anos é melhor do que começar com 16, agora depende também das pessoas, mas há quem comece com 6 anos. Quando mais cedo estivermos perto do instrumento, mais natural vai ser esse envolvimento com o instrumento

Entrevistadora: Considera que o curso correspondeu às suas expectativas?

Entrevistado: Sim, eu gostava de música e no curso foi onde aprendi tudo, onde me deram meios para poder fazer música, os meios técnicos, essas experiências, concertos.

Entrevistadora: Centrando-nos agora, no seu percurso profissional. Como é que caracteriza o seu percurso profissional na área da música, depois de ter terminado o curso básico, foi para o curso secundário, depois seguiu para o ensino superior e como é que tem sido a sua relação com a música?

Entrevistado: Tive sempre algum trabalho, apesar do país em que estamos e de neste momento, não ajuda muito... Mas tenho feito bastantes concertos. Toco com regularidade numa orquestra, sou *freelancer* noutras orquestras, também sou professor. Até ao momento consegui trabalhar sempre na área da música. Tive de fazer provas em orquestras mas tenho tido facilidade, tive o trabalho de um preparar para as provas e para os concertos.

Entrevistadora: Tem trabalhado sempre em Portugal?

Entrevistado: Tenho trabalhado sempre em Portugal.

Entrevistadora: Em que medida é que o curso de nível básico permitiu que conseguisse atingir esses seus objetivos profissionais?

Entrevistado: O nível básico foi o início, o percurso básico é um início muito importante. São 3 anos, eu acabei o nível básico com 15 anos, era muito jovem.

ANEXO XIV. TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA ANTIGO ALUNO 4

Entrevistadora: Então a primeira questão, tem que ver com que instrumento toca?

Entrevistado: Trompete.

Entrevistadora: Trompete, e porquê o trompete?

Entrevistado: Eu comecei numa banda filarmônica e foi o primeiro instrumento que eu toquei, sempre estive nesse (risos)

Entrevistadora: E foi logo amor à primeira vista (risos). Com que idade começou a tocar o instrumento?

Entrevistado: Com oito se não me engano.

Entrevistadora: Com oito anos... E qual foi o motivo que o levou a frequentar a filarmônica?

Entrevistado: Talvez os amigos...

Entrevistadora: Tinha amigos que estavam lá. E quando entro no curso profissional, continuou na filarmônica?

Entrevistado: Sim sim.

Entrevistadora: E lá já tinha tido aulas de música, ou seja, quando chegou ao curso de nível básico já tinha alguns conhecimentos. E qual foi o motivo que o levou a vir frequentar um curso profissional de música no sétimo ano?

Entrevistado: Pelos colegas também...

Entrevistadora: Influência dos colegas, e porque ser nesta escola e não noutra?

Entrevistado: Eu concorri a Mirandela mas não entrei para o instrumento que queria, entrei para violino (risos)

Entrevistadora: Mora aqui perto ou é um aluno deslocado?

Entrevistado: Não, perto de Bragança.

Entrevistadora: Perto de Bragança? Então está cá mesmo a viver sozinho...

Entrevistado: Sim, eu vim para cá com o meu irmão mas depois ele saiu...

Entrevistadora: Então veio para cá com 12 anos, isso é que foi uma aventura (risos)

Entrevistado: Foi (risos)

Entrevistadora: E porquê frequentar um curso profissional e não ir para um conservatório, talvez em Bragança?

Entrevistado: Acho que nunca tinha pensado nisso, pensei logo em escola profissional...

Entrevistadora: Também porque tinha colegas que já andavam na escola de Mirandela...

Entrevistado: Sim, e na cidade também.

Entrevistadora: E após ter terminado o nono ano, sempre teve presente que iria continuar os seus estudos?

Entrevistado: Sim, sim.

Entrevistadora: E o seu objetivo é continuar?

Entrevistado: É, espero eu! (risos)

Entrevistadora: Estou a vê-lo um bocadinho indeciso, então? (risos)

Entrevistado: Não, mas por vezes isto é difícil. Não é nada fácil!

Entrevistadora: Então, porquê?

Entrevistado: Então não há emprego.

Entrevistadora: E é isso que o faz ficar de pé atrás relativamente ao prosseguimento de estudos?

Entrevistado: Eu diria que sim.

Entrevistadora: E então, nesse sentido, acha que este curso poderá estar a estreitar o currículo? No sentido em que tendo um curso profissional de música, as suas competências têm muito que ver só com música e, se calhar, se estivesse num conservatório tinha tido aulas de música

Entrevistado: Sim, se calhar, teria alargado também a outras áreas...

Entrevistadora: Hum hum, centrando-nos no curso de nível básico, considera que a componente de formação foi adequada: o número de horas de aulas, o tipo de atividades que a escola organiza, ...

Entrevistado: Nunca é demais não é (risos) mas acho que foi suficiente...

Entrevistadora: Acha que, por vezes, a carga horária se torna excessiva?

Entrevistado: Sim, isso sim. Mais na sociocultural.

Entrevistadora: Sim, o problema não é ter demasiadas horas de instrumento, o problema é mesmo a sociocultural. Mas não acha que, de certa forma, o que nós estávamos a falar do estreitamento do currículo, se tivesse menos componente sociocultural teria mais dificuldades em pensar noutra tipo de perspetivas futuras sem ser na área da música?

Entrevistado: Sim, talvez (risos)

Entrevistadora: E acha que o facto da carga horária ser muito extensa é o peso a pagar para se ser um bom músico? Ou acha que era preciso atingir esses níveis de performance sem todas essas horas de instrumento?

Entrevistado: Acho que era possível, isso vai do nosso estudo individual também.

Entrevistadora: Em média, quantas horas ocupa diariamente a tocar o seu instrumento?

Entrevistado: três, quatro horas...

Entrevistadora: E relativamente às atividades que a escola organiza, como por exemplo as *master classes* e assim, acha que são importantes?

Entrevistado: Sim, sim (risos)

Entrevistadora: E relativamente à relação que estabelecem com os professores, como é que a caracteriza?

Entrevistado: Temos sempre uma relação muito boa!

Entrevistadora: Só com o professor de instrumento, ou com todos os professores?

Entrevistado: Não, com todos mesmo.

Entrevistadora: E relativamente ao professor de instrumento? Ele distingue-se dos outros

Entrevistado: Sim, sim. Há sempre um carinho especial!

Entrevistadora: Porquê?

Entrevistado: Não sei..

Entrevistadora: Para uma pessoa que nunca frequentou o curso, se me tivesse de explicar essa relação como é que a definiria?

Entrevistado: Não sei, os tipos de conversa e a maneira como falam são diferentes e deixam-nos aproximar mais...

Entrevistadora: do que os outros professores?

Entrevistado: Sim sim.

Entrevistadora: E relativamente ao facto de ter vindo tão novo viver sozinho para aqui, a relação que estabelece com os professores também é importante?

Entrevistado: Sim, também me ajudaram no meu crescimento. Estiveram sempre ao pé de mim...

Entrevistadora: E no que diz respeito às instalações e ao tipo de recursos que vocês têm disponíveis, acha-os adequados para a sua formação ou acha que deveriam ter mais instrumentos ou melhores?

Entrevistado: Eu não me queixo (risos)

Entrevistadora: Já tem o seu próprio instrumento?

Entrevistado: Sim, sempre tive não preciso de nenhum da escola.

Entrevistadora: E já agora, e uma vez que está deslocado sente que, de certa forma, o investimento que a sua família faz na sua formação poderá condicionar, por exemplo, o seu prosseguimento de estudos?

Entrevistado: Como assim?

Entrevistadora: Por exemplo, o facto de desde os seus 12 anos os seus pais participam na sua educação. Acabam por gastar mais dinheiro do que se você fosse daqui, e acha que o facto de eles estarem há tantos anos a gastarem dinheiro poderá comprometer o seu prosseguimento de estudos?

Entrevistado: Não, acho que não!

Entrevistadora: E conhece casos de colegas que tenham deixado de parte o gosto por um dia virem a ser músicos profissionais devido a esses fatores económicos?

Entrevistado: Não, acho que não.

Entrevistadora: Não? Mesmo lá em Bragança?

Entrevistado: Não, não sei de ninguém...

Entrevistadora: Costuma participar nas atividades levadas a cabo pela escola nos concertos e tudo mais, e porquê?

Entrevistado: Sim, também é um bocado dever nosso participar nisso.

Entrevistadora: E porque que considera que isso é um dever?

Entrevistado: Porque temos a disciplina e é um momento de avaliação também.

Entrevistadora: Então e, por exemplo, as *master classes*, costuma participar e porquê?

Entrevistado: Sim, porque acho interessante. É sempre bom ter aulas com outros professores.

Entrevistadora: E quais é que são os aspetos mais positivos de um músico frequentar uma *master classe*?

Entrevistado: Também é bom para ver quem é que está noutras escolas e isso, por vezes vamos a *master classes* e conhecemos colegas, e temos uma ideia da concorrência (risos)

Entrevistadora: (risos) Acha que é um mundo competitivo?

Entrevistado: Sim é, eu acho que sim

Entrevistadora: E mesmo dentro da escola tem essa perceção?

Entrevistado: Temos, mas não devíamos ter, não devíamos pensar assim. Somos todos colegas...

Entrevistadora: Mas lá no fundo, estão sempre a ver qual é que é o colega que tem o melhor desempenho.

Entrevistado: Claro...

Entrevistadora: E tem participado em concursos nacionais e internacionais?

Entrevistado: Não...

Entrevistadora: E relativamente ao curso de nível básico, acha que ele está mais direccionado para o prosseguimento de estudos ou que está muito direccionado para a profissionalização.

Entrevistado: Está mais direccionado para a área da música e de seguir os estudos.

Entrevistadora: Hum hum, e acha que o curso de nível básico foi importante na sua vida?

Entrevistado: Sim, foi.

Entrevistadora: E porquê?

Entrevistado: Porquê? (risos) Não sei explicar, foi o início dos meus estudos....

Entrevistadora: Mas, por exemplo, hoje tem um tipo de performance enquanto músico. Acha que o curso de nível básico foi fundamental para ter chegado aos níveis que chegou hoje?

Entrevistado: Sim, isso foi!

Entrevistadora: E acha que o facto de ter entrado para uma banda filarmónica com apenas 8 anos também o tem ajudado, ou acha que por exemplo, às vezes há colegas que vêm para esta escola já com 15 ou 16 anos, acha que tem vantagem por ter começado mais cedo ou é igual?

Entrevistado: Talvez... Ou se calhar é igual...

Entrevistadora: Se calhar é igual?

Entrevistado: Se calhar como somos mais pequeninos, não sei, encaramos as coisas de outra maneira se calhar assim mais na brincadeira não sei se me faço entender.

Entrevistadora: Sim, perfeitamente. Então acha que chega a uma certa altura em que já não faz diferença a idade com a qual se começou a tocar o determinado instrumento. A pessoa consegue recuperar os anos perdidos. E considera que o curso de nível básico correspondeu às suas expectativas?

Entrevistado: Sim, acho que sim.

Entrevistadora: Em que sentido?

Entrevistado: Desde que vim para cá sabia que era isto que queria. Já estava à espera.

Entrevistadora: E quais são as suas expectativas futuras? No início da conversa estava a falar que tem alguns medos, como são normais, ainda para mais está a acabar o décimo

segundo não é o único neste país (risos) quais é que são as suas expectativas? O que é que gostava mesmo de fazer se não estivéssemos em crise?

Entrevistado: Gostaria de estar numa orquestra.

Entrevistadora: Nacional ou internacional?

Entrevistado: Era igual, mas se calhar internacional. Mas primeiro quero-me concentrar na universidade, e só depois...

Entrevistadora: E qual é o curso para o qual está mais inclinado?

Entrevistado: Curso?

Entrevistadora: Sim, de nível superior.

Entrevistado: É dentro da música. Mas instrumentista, talvez.

Entrevistadora: Quer acrescentar mais alguma coisa que eu não tenha referido?

Entrevistado: Não, acho que não.

Entrevistadora: Muito obrigada pela disponibilidade.

ANEXO XV. TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA ENTIDADE EMPREGADORA

Entrevistadora: A primeira questão tem que ver com qual a relação que existe entre o conservatório e esta escola, pelo que sei, desde o início o conservatório ajudou na fundação da escola e gostava que me falasse um bocadinho acerca disso

Entrevistado: O conservatório e a camara municipal, sendo certo que a ideia germinou aqui no conservatório e com alguma influência e grande precisamente pelos professores que entretanto, naquela altura, há cerca de 20 anos estavam a trabalhar nesta instituição. Pronto, foi constituída a escola profissional, a camara com uma posição mais dominante em termos de algumas decisões nomeadamente de apoios etc... O conservatório, enfim, como é uma instituição com recursos escassos a trabalhar o dia-a-dia com dificuldade obviamente, era a questão das instalações inicialmente, foi a questão de instrumentos e pronto, a escola profissional foi crescendo até que há cinco anos atrás, seis anos foi cedida para exploração de um grupo empresarial - o GPS não é - e desde essa altura apenas está, quer o conservatório quer a camara, nos órgãos da associação da constituição da escola profissional com posição na assembleia geral e no conselho fiscal, de resto, nos últimos anos a gestão é feita autonomamente pelo grupo GPS. Continua a haver, entretanto, relações de parceria obviamente entre o conservatório e a escola profissional e há alguns professores que trabalham aqui e na escola profissional também e fazemos algumas atividades que são realizadas em conjuntos, como aconteceu muito recentemente, foi apresentado dois espetáculos de bailado em que nós tivemos a nossa parte relacionada com a dança e com o balé e foi ilustrado e musicado pela escola profissional, são estas relações. Já o ano passado foi a mesma coisa e temos algumas parcerias em termos de algumas atividades o que significa que nos damos bem.

Entrevistadora: Hum hum, atualmente, já me disse que não tem um número preciso, mas consegue-me dizer assim por alto quantos alunos ou antigos alunos da escola profissional estão inseridos na orquestra?

Entrevistado: Aqui há duas realidades. A primeira é que temos professores a trabalhar no conservatório, alguns deles a tempo inteiro, que antes tiraram licenciatura a nível superior foi na escola profissional, tiveram formação na escola profissional. Também voltando um pouco mais atrás, inicialmente teve aqui a sua formação, isto é uma escola que tem pré-escolar, primeiro ciclo depois também na parte da música e quando se avançou com a criação da escola profissional naturalmente que as agora professoras, e,

na altura alunas foram dos primeiros alunos a integrar a escola profissional. Neste momento nós temos a ajuda do POPH no que diz respeito ao ensino articulado e supletivo, o ensino articulado e supletivo é: os alunos que estão no ensino recorrente no 5º e 6º ano e depois fazem aqui a parte musical. Com alguma frequência há depois alunos que acabam por desistir aqui na continuidade do conservatório e depois há também alguns que vão para a escola profissional, portanto temos alunos que fizeram aqui o quinto e sexto ano e que depois integraram a escola profissional e que agora são alunos. São eles que essencialmente estão a trabalhar no âmbito do ensino da escola profissional e também nas orquestras e temos uma meia dúzia de alunos que são nossos e não quiseram passar para os estudos da música na área profissional mas apenas na área vocacional e que estão na orquestra de sinfónica e de coro exatamente mais para a presença. Há aqui os que fizeram o ensino articular no quinto e sexto ano e depois passavam para o sétimo ano na escola profissional e depois há os que estão a estudar no vocacional, ou seja, no nosso conservatório e que participam nas atividades da escola profissional em particular nas orquestras.

Entrevistadora: E como é que poderá descrever esses jovens, os jovens que frequentam a escola profissional e que acabam também por integrar a orquestra.

Entrevistado: Os nossos frequentam a escola profissional, acho que é viciante para eles pela abertura de estar com outros colegas, obviamente, que lhes dá um entendimento e uma capacidade maior para evoluir, essencialmente para evoluir.

Entrevistadora: E a nível das motivações e das expectativas desses jovens, como é que os define?

Entrevistado: Dos nossos alunos? Eles gostam muito de música obviamente, são esforçados mas não estarão totalmente vocacionados ou pelo menos, e aqui também é o papel dos encarregados de educação que já nos aconteceu nalguns casos que também determinam e influenciam os alunos para continuarem no ensino vocacional e não no ensino profissional por duas razões: Aqui, nos conservatórios, têm a opção de continuarem a estudar no ensino recorrente e terem formação noutras áreas e a música poderá ser uma alternativa para mais tarde, quando terminarem aqui o ciclo de formação ingressarem nas faculdades no ensino superior tal e qual como na escola profissional. Quer dizer, existe algumas vezes por parte dos encarregados de educação por lhes sugerirem o que será melhor para o ensino profissional.

Entrevistadora: Sim, porque na escola profissional ficam com um currículo muito mais... apertado.

Entrevistado: Exato, mais apertado mais em relação à música. Na escola profissional o que é que depois acontece, ou vão para o ensino superior da música ou então alguns, mas poucos, e é difícil podem entrar para o ensino superior noutras áreas.

Entrevistadora: Sim, mas será sempre difícil...

Entrevistado: Sim, muito difícil. Porque há sempre o bichinho da música que fica e que depois não estão para dedicar tanto tempo a estudar para física ou matemática e o problema das questões relacionadas.

Entrevistadora: Também podemos dizer que um aluno que tem tendência a escolher o ensino profissional é um aluno que desde muito cedo decide que quer seguir.

Entrevistado: Sim, sim. Isso sem dúvida que sim.

Entrevistadora: Enquanto se calhar um aluno do conservatório podem ser alunos que gostam de música mas que ainda não têm a certeza que é isso que querem para a sua vida.

Entrevistado: Posso-lhe confessar que existem de facto, alguns alunos que queriam ir para o profissional mas que são motivados a continuarem no conservatório mas terem como principal o ensino recorrente...

Entrevistadora: E em muitos casos são influenciados pela própria família...

Entrevistado: Correto! Têm algumas incertezas quanto ao ensino dos filhos.

Entrevistadora: E quais é que julga que são as competências mais valorizadas num aluno que frequenta um curso de música?

Entrevistado: As competências? Como assim?

Entrevistadora: Por exemplo, quando um aluno integra uma orquestra, quais é que são as competências que vão ser valorizadas para o integrar ou não

Entrevistado: das duas uma, ou não passa para o ensino profissional ou a passar, passa no sétimo ano. Têm dois anos de conhecimento de música, portanto as competências são apenas de motivação e não de conhecimento profundo de música.

Entrevistadora: Exato, e o que acha que distingue um aluno de música de um outro aluno, quais são as maiores distinções.

Entrevistado: É muito difícil de responder... Desde logo e com uma percentagem muito significativa, o estado da família. Se reparar, e se quiser um apontamento, as famílias dos alunos que integram as profissionais, a maioria são daqueles que têm recursos. É um bocado difícil explicar o que é classe média ou...

Entrevistadora: Claro, mas para termos uma ideia...

Entrevistado: A formação, neste caso dos pais, com pouca formação a nível superior só muito exceccionalmente, porque é pela motivação do próprio aluno ou porque têm alguma

experiência a nível de música na família é que os deixarão simplesmente entrar para o ensino profissional de uma forma direta. Porque a ideia também não é fazerem uma formação profissional e ficarem a tocar um instrumento se o forem a nível da música é precisamente depois ingressarem no ensino superior também de música que lhes dá também outro tipo de competências. Assim como assim, ficam nos conservatórios, fazem o ensino de música ao mesmo tempo o ensino recorrente na área x ou y e depois no décimo segundo ano optarão, ou vai continuar a estudar numa área que não é a música ou então tem motivação para continuar a área da música e aí já em muitos cursos que pode seguir e confrontar os encarregados de educação porque já tem outra idade.

Entrevistadora: É uma questão difícil, mas considera que um aluno está mais preparado num curso profissional do que um aluno do conservatório? Ou acha que essa distinção não existe?

Entrevistado: Eu acho que sim...

Entrevistadora: por exemplo, ao ingressar no ensino superior...

Entrevistado: É obrigatório que o aluno do profissional, e estamos a falar de um aluno normal e não de um prodígio em termos musicais porque aí talvez fosse diferente, o plano curricular no profissional é muito superior aos conservatórios. Nos conservatórios o que acontece é que as horas de estudo na área da música são menores do que são nas escolas profissionais. Daí numa situação de dois alunos com características semelhantes em termos de aprendizagem obviamente que chega ao final do décimo segundo ano e o que estudou no profissional está de longe mais preparado.

Entrevistadora: Cada vez mais os alunos iniciam a sua aprendizagem no conservatório porque lhes dá a possibilidade de entrarem ainda quando são muito pequenos, mas quem gosta realmente de música tem tendência para a ir logo para o ensino profissional. E nesse sentido, o público do conservatório também tem mudado um pouco como estava a dizer que há uns anos tinha alunos que iam até ao último nível no conservatório e depois ingressavam no ensino superior, essa realidade tem vindo a alterar nos últimos anos

Entrevistado: Sim sim. Eu também estive na escola profissional durante 3 anos na parte da gestão, há uns sete anos atrás ou assim e antes mesmo de passar para o grupo GPS, havia poucos alunos aqui da cidade e dos arredores. A maior parte dos alunos eram do norte, que tinham tradições ligadas a bandas filarmónicas etc, pronto. E como as escolas profissionais não eram assim tantas, aliás, continuam a ser as mesmas, e esta, repare que não há mais escolas daqui para baixo a maior parte dos alunos eram alunos deslocados eram de lá de cima e daqui perto eram muito poucos. Neste momento a percentagem já é

significativa, aliás, andar por volta dos 40% e já há alunos daqui à volta coisa que há uns anos não.

Entrevistadora: E qual acho que é o motivo para que ao longo do tempo isso tenha vindo a mudar?

Entrevistado: Sabe, isto são hábitos. São hábitos, são modas. Acho que a música....

Entrevistadora: E será que o facto económico influencia

Entrevistado: ... É mais fácil. É mais fácil as cadeiras que não estão relacionadas com a música, as socioculturais são mais facilitadas e a avaliação é mais facilitada do que na escola pública. E saberá melhor do que eu, uma família de um estudante que seja bom aluno e esforçado havia o refúgio das escolas profissionais, não estou a falar exclusivamente da música mas no geral, entra no mercado de trabalho mais diretamente e as pessoas também pensavam assim não é, quem não tinha boas notas refugiava-se nas escolas profissionais que também foram evoluindo e vieram mostrar que não era bem assim, neste momento já não é bem assim também pela informação que têm e os programas que também existem e o que passa na televisão que possam influenciar.

Entrevistadora: E acha que as condições socioeconómicas das famílias e referindo-nos, por exemplo, à atual crise económica tem influenciado o facto de muitos pais não terem possibilidades de colocarem os filhos a estudar tão longe de casa sendo tão longe, porque por exemplo sei que há uns anos nesta escola haviam alunos dos Açores. Atualmente e dado o contexto atual, podemos ter alunos que têm muita apetência para a música mas pelo facto económico e de estar situada numa zona distante de outras, ser um impedimento para que esses jovens possam ingressar no ramo da música.

Entrevistado: Também, mas eu até dizia era ao contrário. É que a escola profissional, eu não sei como é que é o financiamento agora, mas na altura os alunos que vinham dos Açores e de longe do País eram financiados, quer a alimentação quer o alojamento.

Entrevistadora: Eu ontem tive a oportunidade de entrevistar alguns alunos e são alunos, por exemplo, de Gouveia que fica relativamente próximo e que estavam a referir que a bolsa que recebem, porque apesar de viverem relativamente próximo têm de viver sozinhos aqui na cidade, que a bolsa que recebem é muito inferior ao custo real que eles terão nas suas despesas e o valor da bolsa não serve para fazer face às despesas

Entrevistado: No início das escolas profissionais isto não era assim, eram totalmente financiados.

Entrevistadora: Então esse também poderá ser um fator para que o número de alunos provindos de outras áreas geográficas do país seja menor relativamente ao que foi anteriormente.

Entrevistado: Tem sempre influencia.

Entrevistadora: Sim, os cortes de financiamento têm sempre essa influência. E qual é a sua opinião relativamente ao ensino propiciado no curso profissional básico de instrumento

Entrevistado: Neste momento não sei, só posso falar de quando lá estive. Acho que havia bons professores, empenhados e que os alunos tinham alguma dificuldade de se enquadrar de facto no estudo, mas era a tal situação que lhe referi que não estariam muito motivados mas esta situação foi melhorando, obviamente que melhorou. A escola melhorou e estar no ensino recorrente ou numa escola profissional é praticamente a mesma coisa.

Entrevistadora: E qual é o grau de importância que atribui a esse curso na formação dos jovens músicos

Entrevistado: A ideia é a questão do facilitismo, vou estudar música é só instrumento e tal e não se faz mais nada....

Entrevistadora: Mas os alunos têm também uma carga horária bastante elevada...

Entrevistado: sim sim, a ideia inicial era um pouco essa. É óbvio que agora as famílias e os alunos estão mais informados e chegam à conclusão que não. E também quer dizer, não podemos cingir o conhecimento a um instrumento a, b ou c que eles gostam mas têm de ter uma formação semelhante às outras e isto que não haja dúvida. E excluir os alunos disso, seria estar a comprometer a formação completa dos alunos de música e como digo, a experiência que tive quando lá estive via muitos alunos que era só música e não queriam estudar e tinham péssimas notas tinham de andar sempre a fazer aulas de recuperação e, neste momento, pelo que sei isso já não é assim já há mais exigência, tem mais interessados, e mais abertura da parte dos alunos e estão mais conscientes que têm de ter uma formação idêntica ao ensino recorrente. Porque até são privilegiados porque têm uma formação igual aos outros e estão a fazer algo que gostam e já encaminhados para o que querem fazer e o futuro a Deus pertence, obviamente que haverá músicos...

Entrevistadora: E qual é a sua percepção relativamente a isso, acha que existe uma boa inserção desses jovens no mercado de trabalho ou conhece muitos jovens que não têm conseguido sobreviver na área da música

Entrevistado: Muitos alunos que fizeram os cursos profissionais, nomeadamente nesta escola, que depois não seguiram para o ensino superior e que ficaram apenas pela

formação inicial e depois têm outras oportunidades. E depois há outros que seguiram mesmo para o ensino superior, que não serão muitos, mas que são alguma referência para a escola e que alguns foram continuar a formação para o estrangeiro e que neste momento estão nalgumas orquestras no estrangeiro o que é muito bom e alguns deles terão passado inicialmente pelo conservatório e são uma referência. Isto é um problema do País, saberá melhor do que eu que muitos estão a ter problemas principalmente aqueles que não terão tantas competências ou que não conseguiram atingir a ribalta nos primeiros anos têm dificuldades e não estão a fazer, profissionalmente, aquilo que gostariam porque o ganho deles não é suficiente vão fazendo um concerto aqui e ali ou integram uma banda e no norte isso é muito frequente estarem em bandas filarmónicas e não fazendo uma quantidade significativa...

Entrevistadora: E sendo um País que também não valoriza muito....

Entrevistado: Pois, o problema está aí, o que é que vamos fazer a estes jovens que estão a sair das escolas profissionais, os que vão para o ensino superior ainda vão tendo oportunidade de dar aulas em conservatórios mas nem todos. Ainda no domingo passado tive num coro da cidade e depois no final estive a falar com uma pianista que andou na escola profissional e que depois frequentou o ensino superior e no ano passado ainda deu umas aulas e atualmente não tem aulas para dar. Porque quer dizer, o POPH também reduziu o financiamento e portanto se cortou em docentes.

Entrevistadora: E também podemos dizer que os que estão nesse tipo de ensino têm uma carga horária da música reduzida e serão músicos com um nível inferior.

Entrevistado: Certo, certo! Só prevalecerão os melhores, aqueles que têm aulas desde muito pequenos e isto não é fácil.

Entrevistadora: Quer acrescentar mais alguma informação que eu não tenha referido e que...

Entrevistado: Penso que as escolas têm que mostrar junto do ministério da educação e de quem financia esta questão, é difícil que um aluno tenha as mesmas capacidades musicais do que outros com metade da carga horária que era suposto. Conclusão, há menos oportunidades de trabalho e o trabalho de músico é um trabalho volante, ou são aqueles que integram as orquestras e, também, as nossas orquestras em Portugal onde estão não é, ou melhor, se fizermos uma das orquestras residentes a maior parte dos músicos são estrangeiros desde que há alguns anos atrás vieram para cá os músicos dos Países do Leste que, enfim, têm uma formação melhor do que a que nós tínhamos que têm os seus lugares cativos e onde não entram outros músicos.

Entrevistadora: E porque motivo, porque em Portugal não temos músicos com as mesmas habilidades que eles?

Entrevistado: Não, não! Não digo isso

Entrevistadora: Então qual é o motivo que aponta?

Entrevistado: Temos é poucas orquestras, para que possam integrar este tipo de alunos ou profissionais. E para quem tirar um curso de música não vai ser fácil, enho esperança que isto mude e que possamos vir a ter uma abertura em termos culturais que permite... Também se fazia muitos espetáculos nas autarquias e muitos eventos e que neste momento também cortaram nas despesas. Num concerto onde ofereciam quinze ou vinte mil agora oferecem cinco ou dez mil e têm de aceitar porque não há outra procura com valores superiores e está-se a degradar a qualidade dos espetáculos proporcionados onde os músicos possam trabalhar.

Entrevistadora: Sim sim.

(Silêncio)

Entrevistadora: Bem, muito obrigada pela sua disponibilidade!

Entrevistado: Mas a música é a música. E se as pessoas gostam... E aí até dou alguma razão aos encarregados de educação quando pensam “sim senhora, música. Ficas no conservatório mas em termos profissionais vais estudar outra profissão” e no futuro, tens todas as ferramentas para saberes jogar na vida com alguma coisa que possas fazer com uma ou outra oportunidade.

Entrevistadora: Mas é um bocado transversal a qualquer área, hoje em dia, é difícil arranjar emprego independentemente...

Entrevistado: Os profissionais da música estão a ir para o estrangeiro e sem nada assegurado, têm de se sujeitar a alguns empregos até terem a oportunidade

Entrevistadora: Também tenho notado muito nos alunos desta escola, o sonho de quando acabarem quererem ir estudar para fora.

Entrevistado: Sim, nós temos aí algumas referências de professores que estudaram na nesta escola e que são muito bons e depois também pessoas que estão em grandes orquestras da Alemanha e em Inglaterra que saíram da escola profissional. É um orgulho para a escola profissional. São referências e isso é muito importante.

Entrevistadora: E também são a prova de um ensino que...

Entrevistado: Claro, claro, e estou a falar de gente daqui da zona que têm portefólios e que estão no ensino mesmo aqui no conservatório ou na escola profissional ou com um lugar lá fora e isto é muito importante.

Entrevistadora: Claro, e é uma área onde é muito importante a tal motivação do aluno e do empenho pessoal era o que estava a dizer

Entrevistado: Ou se ganha o gosto ou não dá, tem de se gostar com toda a força. Isso não haja dúvida. Poderá é desmotivar por chegar à conclusão que está a tocar para a vizinhança e tem que se integrar em situações, não são poucas as situações mesmo os grupos estão sujeitos a fazer alguns espetáculos de casamentos e de batizados...

Entrevistadora: Sim e não estão a ocupar o lugar que gostariam e com o qual sonharam.

Entrevistado: Exatamente, em relação a uma profissão normal seja ela qual seja já não têm um emprego para a vida mas têm os seus contratos e aqui nunca se sabe.

SÍNTESES HORIZONTAIS

As sínteses horizontais dizem respeito a cada interveniente auscultado na recolha de informação acerca do curso profissional em análise. Com base na informação obtida foram criadas categorias de análise coincidentes com as constantes na matriz de avaliação. Nesse sentido, as sínteses horizontais estão organizadas com base em duas grandes categorias, a qualidade da formação e o percurso dos formandos. As sínteses horizontais foram realizadas junto de diversos *stakeholders*, a primeira é referente ao diretor da escola, da segunda à quarta são referentes a professores do curso em análise, da quinta à décima são relativas aos alunos da escola que frequentavam o 9º ano de escolaridade, da décima primeira à décima quinta são referentes a antigos alunos da escolas, e a décima sexta refere-se ao diretor do conservatório.

ANEXO XVII. SÍNTESE HORIZONTAL 1

O entrevistado menciona que o curso de nível básico não é um curso fácil, uma vez que a carga curricular e conseqüentemente horária é bastante pesada, por semana os alunos têm duas horas de instrumentos, aulas individuais em dois momentos, seis horas de música de conjunto, cinco horas de prática individual de *naipo*, porém refere que esta possibilita que um aluno no final do 9.º ano de escolaridade conseguiu acumular um vasto espectro de conhecimentos e experiências. E o facto de existirem tantos momentos de prática de instrumento, estimula os alunos a praticarem mais mesmo em horário pós aulas, para ter mais material para apresentar ao professor.

Para além de toda a componente curricular, o diretor menciona também as inúmeras atividades que a escola organiza, especificamente as *master class* que decorrem normalmente em altura de interrupção letiva (e.g., Carnaval), a escola convida professores de fora, de universidades quer portuguesas quer estrangeiras, “instrumentistas de renome para virem cá e para trabalharem com os nossos alunos”, nesses momentos os alunos chegam a trabalhar 8 horas por dia com os professores convidados. Para além das *master class* existem, também, estágios em orquestra onde os estudantes têm ensaios de orquestra durante todo o dia e no final da semana têm de apresentar um concerto.

É referido que de facto o curso é exigente, mas que a sua vida profissional será igualmente exigente, devendo os alunos estar devidamente preparados. Com o objetivo de tornar o ensino o mais próximo possível da realidade e preparando o aluno para o seu futuro profissional, todas as provas que ocorrem no final de cada período a cada disciplina da componente artística em todos os anos de escolaridade são abertas ao público (e.g., recitais a solo; recitais de música de câmara; duetos; quartetos e concertos de orquestra).

No que concerne ao ensino é referido que através das aulas individuais de instrumento o professor consegue gerir, individualmente, o ritmo de cada aluno. Nas restantes disciplinas (aulas de conjunto, práticas de instrumento, orquestra ou música de camara) existe, também uma gestão fácil dos ritmos de aprendizagem, uma vez que dentro de uma orquestra existem papeis mais e menos exigentes. Sendo mencionado que nas aulas teóricas a situação se torna mais difícil de gerir, no entanto existe a possibilidade de dividir a turma, “aí as aulas de formação musical funcionam com a turma dividida em dois e aí nós fazemos sempre essa divisão com os alunos que já têm alguns conhecimentos de música e com os alunos que não têm nenhum conhecimento”.

No que respeita ao tipo de preparação que a escola dá aos seus alunos, se os prepara para o mercado de trabalho, para a música num conhecimento geral ou para o prosseguimento dos estudos, o entrevistado refere que “é assumido um compromisso com os encarregados de educação de que o aluno, ao entrar na escola e tendo um percurso, dito normal, acabará o 12º ano e entrará para a universidade, sendo a taxa de entrada no ensino superior acima de 98%”. O entrevistado menciona, ainda que “qualquer aluno que queira prosseguir os estudos tem de fazer o curso básico, precisa de bases”. No entanto, é realçado o facto de a partir do ano letivo 2015/2016 um aluno não poder integrar o curso profissional de nível básico se já tiver concluído o 3.º ciclo no ensino regular. Até esta data mesmo que um aluno o tivesse concluído poderia integrar uma turma de 7.º ano para fazer toda a componente artística do curso. Porém, esta situação faz com que o aluno

termine o 12.º ano de escolaridade apenas com 3 anos de prática de instrumento, em vez de 6.

No sentido de preparar os alunos para o ensino superior, a escola profissional estabelece vários protocolos “os próprios professores sabem que aqui se fazem músicos com grande qualidade e então muitas vezes eles próprios aceitam de imediato o convite em vir trabalhar para cá com os nossos alunos. Porque são professores de universidade e são eles que daqui a um, dois, três, cinco anos vão receber estes alunos lá, e como todas as pessoas vão à procura do professor do instrumento não querem saber se a universidade é no Porto, em Lisboa, na China ninguém quer saber porque se vão trabalhar com aquele professor vão para onde ele estiver e é assim que funciona na música tanto que o sistema de provas para a universidade é o sistema em que o aluno tem que se deslocar à universidade e prestar uma prova de instrumento e de conhecimentos musicais. Por vezes são os próprios professores que convidam os alunos para fazerem provas nas suas universidades”. Esses professores não lecionam apenas em Portugal, existem vários professores de escolas de música internacionais que vão à escola, e existem antigos alunos que estão a estudar em universidades internacionais, nomeadamente na Holanda, Suíça e Alemanha.

Nesta linha de pensamento, acaba por afirmar que o curso de nível básico “está direcionado para o prosseguimento de estudos. Qualquer aluno que queira prosseguir os estudos tem de fazer o curso básico porque o curso dá-lhe uma série de bases tanto a nível da disciplina como a nível das regras de estudo, prepara o aluno para o futuro. Esta é a primeira escada que o aluno tem que subir”.

No que se refere à relação pedagógica entre professores e alunos, o entrevistado considera que é uma relação de grande proximidade, principalmente com os docentes responsáveis pela componente artística, nomeadamente os professores de instrumento. Esta relação de proximidade é influenciada, segundo o mesmo, pelo facto de contratarem professores que são instrumentistas e que têm algum penso no meio musical, influenciado o modo como o aluno o vê, tornando-se num exemplo.

O corpo docente é constituído por 42 professores, cujas faixas etárias variam entre os 30 e os 43 anos, existindo apenas três professores que ultrapassam essa faixa etária, e dois que se encontram abaixo dos 30 anos. Os que têm mais idade são aqueles que fazem parte do quadro e que dão aulas na escola desde o momento da sua criação, os professores contratados são principalmente professores da componente artística, uma vez que estes dependerão dos instrumentos que os alunos tocam.

Os requisitos de admissão do corpo docente são diferentes entre professores da componente sociocultural e da artística. Na primeira são valorizadas a competência, o profissionalismo, o rigor e a exigência enquanto docente, sendo mencionado que a escola dispõe de um sistema interno de avaliação docente que contempla momentos com aulas assistidas. Na componente artística os critérios dizem respeito ao percurso profissional, dando-se preferência a professores que tenham experiência enquanto músicos (toquem, ou tenham tocado instrumento de forma profissional, e.g., orquestras) “95 % dos nossos professores, todos eles tiveram carreira em orquestras, ou em bandas, ou grupos de música de câmara. Não quer dizer que neste momento o exerçam, mas têm uma larga experiência nessa área, fazendo com essa experiência seja um ótimo estímulo também para os alunos”. As características relacionadas com a pedagogia, também são valorizadas, pretende-se que seja um bom pedagogo “no sentido de conseguir criar esse equilíbrio de passar os seus conhecimentos e experiência ao aluno. Que seja bom a explicar e que o aluno consiga perceber aquilo que o professor quer, mas ao mesmo tempo, tendo em vista o meio profissional, consiga preparar o aluno para o mercado de trabalho ou para aquele objetivo”.

O corpo docente, é também constituído por professores oriundos de outros países, “neste momento temos 2 professores espanhóis que lecionam precisamente guitarra. Espanha tem uma grande escola de guitarra e nós fomos lá buscar 2 professores com uma larga experiência, para além de terem estudado com grandes nomes mundiais, um deles estudou em Paris com um dos melhores professores de guitarra, tem uma larga experiência na participação em vários concursos internacionais e nacionais e é um instrumentista de elevado nível”.

No que respeita às habilitações académicas do corpo docente “todos os professores têm de ser licenciados. Cada um, logicamente na sua área, o professor tem o seu instrumento, digamos, na variante do seu instrumento A, B ou C, todos eles são licenciados, alguns deles até com mestrados, pós-graduações... Alguns deles dedicam-se só ao ensino, mas a maioria tem outra função para além de lecionarem aqui na escola, ou acumulam com outras escolas, lecionam não só aqui, mas noutras escolas de música. Outros acumulam com orquestras, ou com bandas, ou com grupos de camara. Fazem imensos concertos tanto cá em Portugal como no estrangeiro”.

No que respeita às instalações e recursos de que a escola dispõe, o diretor refere que por vezes é complicado, uma vez que o curso profissional de música é bastante dispendioso, os instrumentos são muito caros, e a sua manutenção também. A escola não

dispõe de insonorização das salas de aula, no entanto o diretor referes que não se pode queixar das instalações e do material que tem disponível. Apesar das despesas que acarretam a deslocação dos alunos a competições, o entrevistado considera-as necessárias “os alunos precisam de ir às competições porque aqui dentro, é o que nós costumamos dizer, aqui dentro vocês são todos bons lá fora é que mostram realmente o que valem e então os próprios alunos são motivados a ir” e a escola tem vindo a ganhar inúmeros prémios, quer a nível nacional, quer internacional, desde competições individuais a competições de orquestra.

No que se refere ao percurso dos formandos, nomeadamente aos percursos escolares destes, os alunos que frequentam o curso de nível básico têm geralmente a idade que se pressupõe ser a indicada para o nível de ensino que integram, ingressando o 7º ano de escolaridade com 11 ou 12 anos. No entanto, a escola apresenta uma percentagem considerável de alunos que frequenta o curso com 15 ou 16 anos, uma vez que pretendem iniciar o curso na área da música, mas como não têm quaisquer conhecimentos integram-no no 7º ano de escolaridade, nem que seja para realizarem apenas a componente artística, uma vez que já têm concluída a sociocultural, alguns desses alunos já tinham concluído o 3º Ciclo do Ensino Básico regular.

O entrevistado menciona que se antes se considerava que o ensino profissional num geral se destinava a alunos cujo capital social, cultural e económico era baixo, assim como o seu rendimento escolar, hoje a situação tem vindo a alterar-se, “o que acontece é que agora os alunos estão a entrar mais novos, a situação já está a mudar por completo. Já estamos a falar de pais com habilitações, com licenciatura, já estamos a falar de outro extrato social, estamos a falar de alunos com outros objetivos. Até falávamos de alunos que antigamente tinham más notas na escola, tinham um ótimo talento, eram ótimos instrumentistas, mas não eram bons alunos no português, na matemática e na história. Hoje em dia, isso já está muito mais equilibrado, temos bons alunos no instrumento e temos bons alunos a português e a matemática e a história, por isso, a situação também se está a inverter”.

No que respeita ao percurso dos formandos, o entrevistado refere que os conhecimentos na área da música dos alunos que ingressão no curso de nível básico são muito destintos (no ano letivo em análise, a turma de 7º ano integra 50% de alunos com e sem conhecimentos na área da música). Existindo alunos onde a sua primeira e única relação com a música se deu no 2º Ciclo do Ensino Básico, através da disciplina de

educação musical (considerados alunos sem formação musical). Havendo, também, alunos com formação musical e que podem vir de dois campos diferentes, os que vêm das bandas filarmónicas (consideradas pequenas escolas de música, por vezes com uma formação deficiente, uma vez que as pessoas que ensinam instrumento são amadoras e não têm conhecimentos elevados na área, nestes casos, embora os alunos tragam alguns conhecimentos, muitos destes não são adquiridos da melhor forma), para além destas, os alunos podem vir também das academias de música e dos conservatórios (tendo estudado no ensino articulado com professores especializados, trazendo por isso, um bom nível de conhecimento).

Apesar dos níveis de conhecimento na área da música, todos os alunos têm de fazer provas de seleção para entrar no curso de nível básico. Estas consistem em quatro itens: aptidões musicais (para o 7.º ano não são exigidos conhecimentos musicais), o aluno tem de ter um bom sentido rítmico e tem de ter qualidade auditiva. Aquando da pré-inscrição o aluno menciona três instrumentos que gostava de aprender por ordem de preferência, sendo realizada uma ronda pelos instrumentos e onde se verifica a capacidade física do aluno para os instrumentos que escolheu (posturas físicas de comprimentos de braços, dedos, da musculatura facial), para além das aptidões, existem ainda uma prova de conhecimentos gerais com matéria do 6.º ano de escolaridade ao nível das diversas disciplinas. Há ainda uma entrevista com o aluno, a direção da escola e a psicóloga para se analisar qual o nível de motivação do aluno.

Quanto ao percurso profissional dos diplomados e à sua inserção no mercado de trabalho, o entrevistado refere que tem corrido muito bem, existindo professores no corpo docente da escola que são antigos alunos da escola. Para além de antigos alunos que são atualmente professores de música, existem também outros que integram grandes orquestras internacionais, uma vez que Portugal dispõe de um número bastante reduzido de orquestras, são muitos os antigos alunos que se encontram a trabalhar no estrangeiro. O entrevistado, menciona que são muitos os atuais alunos que pretendem seguir o ensino superior fora do país, sendo considerado natural que o queiram fazer, visto que estão ao nível de qualquer universidade internacional.

ANEXO XVIII. SÍNTESE HORIZONTAL 2

Na conceção do entrevistado os cursos profissionais de nível básico encontram-se bem organizados, porém, a carga horária é um pouco extensa, obrigando a que o ano

letivo se estenda até julho, no entanto e atendendo à tipologia do curso a carga horaria possibilita uma maior formação. As atividades curriculares e extracurriculares proporcionam aos alunos uma aprendizagem bastante ampla, possibilitando que estes aprendam a lidar com a música, considerando que “um aluno não deve estudar só com um professor uma vida inteira, deve ter conhecimento de outras abordagens do próprio instrumento, e essas experiências são enriquecedoras”. Sendo igualmente fundamental que a escola promova esse tipo de dinâmicas e momentos de aprendizagem.

Aquando da questão relativa à preparação que o curso dá aos seus alunos, se os prepara para uma via de prosseguimento dos estudos, de inserção no mercado ou para a música num geral, a resposta é de que no final do 9º ano os alunos são praticamente profissionais, e que no 12º ano são já músicos. Mesmo assim, tendem a terminar o 12º ano de escolaridade e a prosseguir os estudos em Portugal e no estrangeiro, considerando normal uma vez que um músico precisa de renovar os seus conhecimentos “a música é uma arte e as ideias não param, estão constantemente a evoluir, a estética muda e é natural que os alunos queiram estudar o máximo tempo possível”. A escola tem uma percentagem bastante elevada de alunos que prosseguem os estudos quando terminam o 12º ano, todos os anos decorrem concursos em várias escolas na Alemanha (Berlim, Haia e Frankfurt) e os alunos desta escola concorrem, em alguns casos ocupam os primeiros lugares nos concursos a nível internacional. O professor refere que o ensino da música é diferente do ensino regular, na medida em que quando terminado o 12.º ano de escolaridade, a sua classificação não serve para o ingresso no ensino superior, é necessária a realização de provas de ingresso de cada universidade. Existem alunos desta escola que conseguiram entrar na prestigiada *Royal Cademi*, em Londres, durante 5 anos, com alunos diferentes isso foi possível, referindo que isso é um indicador da qualidade do trabalho que tem sido desenvolvido. Há outros, em menor número, que não prosseguem os estudos, devendo-se essencialmente à dificuldade na conclusão das disciplinas da componente sociocultural.

O entrevistado refere que na música não existem professores, porque aquilo “que nós temos de transmitir aos alunos é um pouco mais do que ensinar notas, mas sim o que é a experiência de ser artista, como estar em palco”. No que se refere à relação pedagógica, considera-a boa, na medida em que existem um esforço para transmitir aquilo que considera primordial, não se centrando só em conhecimentos, mas também no incutir a vontade de aprender e de querer saber e aprender mais. Considera que em primeiro lugar é necessário ser-se pedagogo, intrinsecamente pedagogo na medida em que se deve adaptar às necessidades e características de cada aluno, mencionando que o ensino da

música é individualizado, e que até mesmo as orquestras estão divididas por instrumentos e a transmissão do saber deve ser individualizada.

Relativamente à participação dos alunos, o entrevistado cinge-se ao seu instrumento – violoncelo. Afirmando que em “todas as *master class* que já organizamos nunca tivemos nenhum aluno que não se inscreve-se”, até mesmo noutras atividade desenvolvidas todos os alunos participaram. “Quando um aluno vem para uma escola profissional é submetido a um processo de seleção, são feitos testes de aptidões e depois é feita uma entrevista e é explicado aos pais e às crianças o que é isto e o que é a escola e eles quando vêm já sabem, pronto e é porque querem muito”, considerando fácil motivar estes alunos, na medida em que eles querem muito aprender música, querem ser músicos, querem aprender. Referindo, ainda, que se disserem aos alunos “vem o professor x dar uma *master class*. Eles dizem - ai... é, quando? Quando? Em que dias? – é automático”.

O entrevistado é professor há 30 anos e é um dos professores fundadores da escola. Tem o curso superior de violoncelo, assim como, pós-graduações no estrangeiro, nomeadamente, uma pós-graduação em violoncelo, e outra de maestro. Para além de professor é *freelancer*, considerando-se um especialista em música antiga, tem um grupo de música antiga, participa numa orquestra, tem dois quartetos, e ainda, um grupo de música contemporânea.

No que respeita às instalações e recursos, o professor compara a situação atual da escola à situação anterior, uma vez que esta está atualmente inserida num edifício novo. Apesar disso, foi projetada enquanto escola de ensino regular não tendo condições ao nível sonoro, mencionando que em Portugal já existem escolas profissionais de música com muito boas condições, mesmo a nível sonoro.

No que se refere ao percurso dos formandos, o entrevistado menciona que estas escolas profissionais têm uma função interessante, tendo em conta que por inúmeras vezes o artista é um aluno inadaptado ao ensino regular. O artista é desde muito novo diferente, surgindo por vezes a indisciplina e tornando-se em mau aluno no ensino regular. Segundo o docente, estes alunos são muito especiais, “quando decidem no 7.º ano o que querem, isso já é nos tempos que correm, já é ser especial porque a maior parte dos jovens chega ao 12.º ano e não sabe o que quer fazer da vida. Ter um gosto por uma coisa e ter coragem para dizer “eu quero isto”, já é uma diferenciação muito grande. São alunos difíceis

porque a arte implica a exploração de ideias e a exploração do ser, é preciso haver uma autodisciplina muito grande, e a autodisciplina é difícil de se ensinar, a disciplina é fácil”.

ANEXO XIX. SÍNTESE HORIZONTAL 3

No que respeita à qualidade da formação prestada aos discentes, e tendo como base as dimensões deste objeto em estudo, o entrevistado considera que as componentes de formação do curso são adequadas, mas que a carga horária é um pouco extensa, principalmente quando se trata de recitais, a componentes de índole musical e às disciplinas ligadas à componente musical – “São miúdos com 11, 12, 13, 14 anos (...) Em que concertos aos fins-de-semana, entram num modo de vida que é quase como se fossem profissionais (...) concertos às vezes às sextas à noite, sábados à noite, domingos à noite (...) com viagens de ida e volta”. Acreditando que seria possível que os alunos obtivessem os mesmos resultados de performance se tivessem cargas horárias inferiores.

É referido que o facto de existem alunos com níveis muito diferentes de desenvolvimento na área musical, mas que atendendo ao respeito pelos ritmos de aprendizagem de cada aluno “quando chegam ao 9º ano acabam por estar mais ou menos equilibrados ao nível das competências”. Quando questionado acerca da preparação do curso, o professor menciona que este prepara os jovens para o mercado de trabalho e para o prosseguimento dos estudos, não tanto para a formação da música num global.

No que concerne à relação pedagógica, o entrevistado menciona que esta é positiva, não existindo problemas de relacionamento. É referida ainda a necessidade do professor tentar criar dinâmicas de diálogo com os alunos, com a clara finalidade de atenuar as barreiras inerentes à hierarquia, existindo um esforço para a criação de um ambiente de sala-de-aula descontraído.

A participação dos alunos nas atividades curriculares e extracurriculares propostas pelos docentes é bastante significativa, os alunos estão motivados e participam, podem não ter consciência da importância que a sua participação em determinadas atividades poderá ter no seu percurso, “mas são responsáveis e fazem o seu melhor”.

O entrevistado estudou num conservatório, possui uma licenciatura em Formação Musical pela Escola Superior de Música de Lisboa. Paralelamente tocou trompete numa

banda militar, mas, nos dias de hoje, dedica-se exclusivamente à parte pedagógica e não toca em nenhuma banda. É professor na escola há 8 anos, lecionando também num conservatório de Música.

Na sua conceção as instalações e recursos deveriam ser melhoradas, nomeadamente a colocação de projetores em locais estratégicos do ponto de vista da visibilidade por parte dos alunos e a necessidade de colocação de cortinas. Contudo, salienta que as instalações são recentes e possuem boas condições.

No que respeita aos percursos escolares dos diplomados, o professor menciona que quando os alunos entram no 7.º ano de escolaridade o seu nível de conhecimento na área da musical é muito heterogéneo, “alguns já com alguns conhecimentos, com o 2.º nível no conservatório, enquanto outros vêm mesmo a partir do zero”.

Os alunos que terminam o 9.º ano no curso profissional de nível básico de música, tendem a continuar os seus estudos, referindo que cerca de 95% dos discentes continuam os seus estudos, no curso profissional de música e depois continuam carreira “são alunos motivados”. Menciona também que existem muitos alunos que não chegam a concluir o curso, abandonando-o. “Sei que entram muitas vezes alunos no 7.º e acabam por desistir ao longo do percurso e nem chegam a ter aulas comigo no 9.º ano”.

ANEXO XX. SÍNTESE HORIZONTAL 4

Relativamente ao primeiro objeto em análise, a qualidade da formação, e tendo em consideração cada uma das dimensões que o constitui, o professor em análise considera que a adequação das componentes de formação está bem direcionada. Refere que apesar de nos últimos anos o número de horas de formação de instrumento ter vindo a diminuir, ainda se continua a fazer um bom trabalho, e “quanto mais contacto tiverem com o instrumento melhor”. O professor menciona ainda que o tipo de atividades complementares são bastante adequadas e necessárias à formação dos jovens, sobretudo as *master class*, servindo como reforço às aulas de instrumento. Na sua ótica a música requer um “estudo muito individual, e qualquer pessoa não pode viver fechada numa sala-de-aula, portanto todo e qualquer contacto com a vida profissional (...) é extremamente saudável”. O plano curricular está estruturado para que os alunos tenham aulas teóricas e componente prática com o professor, existindo também horas de estudo individual, considerando-o importantíssimo para que os alunos conheçam o instrumento e para

aprenderem a lidar com as frustrações. Há ainda momentos de estudo acompanhado quer nas aulas, quer quando os alunos estão a praticar instrumento na escola e os professores vão passando pelas salas.

É dito pelo professor que o principal objetivo do curso é formar instrumentistas, e que as duas horas semanais existentes no currículo dedicadas à prática de instrumento, apesar de serem poucas, possibilitam um complemento às restantes disciplinas. Porém o professor refere a importância de incutir nos jovens a vontade de explorar e de suscitar interesse, mais do que dar conteúdo, no seu entender “devia ser uma preocupação de todas as escolas, dar autonomia às pessoas, dar confiança, saber onde ir buscar a informação”, no entanto, refere que “no caso da música acontece isso mesmo, nós não podemos estagnar e ficar satisfeitos com o trabalho desempenhado em cada um dos momentos em que executamos. Os músicos normalmente são insatisfeitos por natureza, nunca estão contentes com a prestação porque o trabalho que se faz numa sala sozinho é diferente daquele que acontece quando temos uma sala cheia”. Considera, ainda que o curso prepara os alunos para o prosseguimento dos estudos, mas também para o mercado de trabalho, “um aluno que sai da escola profissional com o equivalente ao 12º ano, e que tenha um percurso normal, tem essas duas possibilidades, entrar numa orquestra e fazer o seu trabalho, ou prosseguir estudos”. Refere ainda que o facto de hoje, até mesmo para se ser professor de música é necessário ter um mestrado, tendo contribuído para um aumento do número de alunos que opta pela frequência do ensino superior.

Na relação pedagógica desenvolvida entre professor e aluno, o entrevistado refere que não trabalha com nenhum aluno da mesma forma. Tenta estabelecer pedagogicamente um percurso que seja mais fácil para que o aluno consiga aprender, tratando-se de cursos na área da música, o professor menciona ainda uma forte heterogeneidade das turmas no que diz respeito a estrutura física dos alunos, assim como coordenação motora, sendo necessário um acompanhamento próximo dos alunos.

Quando questionado acerca do grau de participação dos alunos, tem ideia de que este é bastante elevado. Considerando que todas as atividades desenvolvidas fazem parte da formação dos alunos e contam como horas de formação, apontando este, como um dos motivos para que o grau de participação seja alto, se interessem e para que exista um espírito, de certa forma competitiva, para que seja mais fácil a entrada no mundo profissional, uma vez que o mercado de trabalho nesta área é, deveras, competitivo.

O professor entrevistado teve a oportunidade de durante o seu percurso tocar instrumento e dar aulas, frequentou o ensino superior na Academia Nacional Superior de

Orquestra e paralelamente foi frequentando cursos e *master class*. Ainda hoje tenta frequentar aulas com outros professores, nunca deixando de aprender. Durante anos tocou instrumento, no entanto em determinada altura da sua vida passou a dedicar-se exclusivamente ao ensino da música. Referindo ainda que apesar de não exercer a profissão de músico, no sentido de dar espetáculos, afirma que nunca deixou de tocar instrumento, porque “nós nesta profissão, não podemos parar, quer seja de estudar, ou de ter contacto com outros músicos”. Excepcionalmente participa em orquestras.

Quanto às instalações e recursos, estas são consideradas adequadas para este tipo de ensino.

Um outro objeto em estudo é o percurso dos formandos, designadamente os seus percursos escolares e profissionais, o professor menciona que a maior parte dos alunos segue uma via profissional ou académica relacionada com o mundo da música, notando que “os alunos da escola têm vontade de fazer alguma coisa, têm vontade de aprender, têm um gosto pela música. E aqueles que entram na escola com menos vontade de trabalhar e um gosto pela música pouco aprofundado, rapidamente conseguem explorar derivado à quantidade de informação que nos primeiros anos lhes é passada, conseguem adquirir ritmos de trabalho e interessar-se mais ainda pela componente musical e de uma forma cuidada”. O facto de os alunos ao entrarem na escola verem logo resultados práticos do seu trabalho, do seu instrumento faz com que sintam um grande entusiasmo. Por sua vez, existem alunos que quando entram no curso de nível básico, já têm níveis bastante altos de motivação, segundo o professor, estes são em grande medida alunos que já tiveram algum contacto com a música, nomeadamente os alunos que já tiveram música no conservatório. O professor conta ainda a importância que tem no desempenho de um aluno a idade com que começa a tocar instrumento, “uma criança que comece a tocar aos cinco anos de idade, chega aos treze anos e já tem contacto com o instrumento há oito anos, (...) para se tocar bem um instrumento é necessário repetir muitas vezes, é um trabalho fisicamente exigente, é necessário andar com um cronómetro na mão para ver quem faz melhores tempos (...) quanto mais cedo se começa, maior a facilidade de acompanhar novos processos e novos conhecimentos”.

Sintetizando, o professor refere que “a maior parte dos alunos acabam a escola profissional, entram para uma universidade (...) e depois ingressam no mercado profissional, não é fácil, é uma área que não é fácil, é extremamente competitiva em Portugal. Um mercado de trabalho que a nível de orquestras não é assim dos maiores

mercados (...), há ainda a parte do ensino [ser professor de música] mas que ao mesmo tempo também é preciso ter alguma vontade em querer ensinar”. Considerando, no entanto, que a entrada para o mercado de trabalho vai acontecendo, e felizmente, ainda não é das áreas que está mais sobrelotada ou com lugares completamente preenchidos”.

ANEXO XXI. SÍNTESE HORIZONTAL 5

No que diz respeito às componentes de formação, o aluno considera que deveriam existir mais momentos de apresentações em público a *solo* “(...) uma coisa é estarmos dentro de uma sala com o professor à frente (...) outra coisa é termos uma plateia a olhar para nós”. Não considerando a necessidade de um aumento do número de aulas de instrumento, mas sim um aumento de momentos em contacto com o público, possibilitando aos alunos aprender a controlar erros.

Considera as *master class* importantes na medida em que “temos a oportunidade de estar com grandes músicos”, no entanto têm enquanto aspeto negativo o facto de “só temos meia hora para estar com eles, não dá para retirar quase nada da sabedoria deles”.

Considera que este tipo de atividades lhe dá a oportunidade de estar com grandes músicos, notando que também é uma aprendizagem para os seus professores “por exemplo, já vi o meu professor a mudar a maneira de dar aulas para aí umas seis ou sete vezes este ano, à medida que o aluno vai evoluindo, que o aluno vai estudando, de certa maneira vai mostrando coisa mais difíceis, mais trabalho... os professores também querem acompanhar o aluno”, referindo que o seu professor mudou de postura depois de terem recebido na escola um professor da Holanda, no seu entender o professor também retirou aprendizagens daquela *master class*.

Um aspeto mencionado é o facto de existirem alguns alunos que no ensino secundário ficam mais um ano na escola para melhorar as notas das disciplinas da componente sociocultural, com o objetivo de no ano seguinte conseguirem entrar no ensino superior. O motivo apontado para o facto das notas da componente sociocultural serem mais baixas, deve-se ao elevado número de momentos de provas musicais.

No que respeita à relação pedagógica, o aluno refere que no início, quando entrou no curso básico de instrumento a relação não era a melhor “Nos primeiros dois anos foi uma guerra (...) eu queria tocar coisas mais avançadas e não estava preparado para isso e não sabia. E dizia, o meu professor isto, o meu professor aquilo (...) é uma evolução que tem de ser feita dia-a-dia”, no entanto, refere que atualmente já está tudo bem, e a relação com

este professor é diferente da relação estabelecida com todos os outros “Não nos damos tão bem com os outros professores como com os de instrumento... é diferente”.

O percurso musical deste aluno começou com 16 ou 17 anos, altura em que iniciou a prática de instrumento. O seu gosto pela música surgiu quando recebeu uma guitarra e aprendeu a toca-la sozinho através do “*Youtube*” e com a ajuda de amigos. Refere que o seu gosto pela música, também foi influenciado pelo seu pai que sempre foi um amante de música.

Para além do curso, tem uma banda já há alguns anos, tem ainda um grupo de jazz com colegas da escola, atuam várias vezes. A escolha do curso deveu-se ao facto de querer ter uma banda, no entanto na altura já tinha 19 anos e o 9.º ano do ensino básico concluído, ao inscrever-se na escola passou para o 7.º ano de escolaridade, refere que “no início foi um choque um bocado grande, tanto tempo a estudar para depois não servir de nada... tive de voltar tudo para trás, mas agora visto e conhecendo pessoal que foi diretamente para o 10.º ano, penso “ainda bem que fui para o 7.º ano”, estaria completamente tramado para ir para o superior”. Referindo, ainda que um música faz-se com 10, 11 ou 12 anos de idade e que no seu caso toca horas e horas diariamente.

Do seu ponto de vista o conservatório tem o problema de o aluno estar em “duas coisas ao mesmo tempo, que é a escola secundária e conservatório, a pessoa a partir desse momento começa a dividir as ideias. Na escola profissional é só a música, nas escolas secundárias com conservatório começa a deixar-se o instrumento um bocado de parte. Qualquer coisa, problemas financeiros ou assim é no conservatório que se deixa, os pais dizem para se agarrar à escola porque isso é que é”.

ANEXO XXII. SÍNTESE HORIZONTAL 6

O aluno menciona que as componentes de formação são adequadas, mas que existem pessoas a referir que deveria haver pelo menos três horas de instrumento semanais, em vez de duas apenas. O facto de existirem alunos com o 3.º ciclo concluído e terem de voltar para o 7.º ano é mencionado por este aluno como um aspeto de certo modo negativo, principalmente porque nesses casos o discente fica 3 anos sem qualquer disciplina da componente sociocultural, o que poderá influenciar o desempenho dos

alunos no ensino secundário em disciplinas como o Português. Refere que muitos dos colegas abandonaram o curso, no 7.º ano a turma tinha 24 alunos, e no 9.º ano tem 14.

No que respeita à relação pedagógica, o aluno refere que o professor de instrumento é um pilar, é um professor que está sempre disponível para o ajudar, mesmo que seja fora do seu horário de trabalho.

Relativamente aos recursos disponíveis na escola menciona que o facto de estar na área da precursão e de os instrumentos serem muito grandes fazem com que seja a escola a fornecê-los. No entanto, afirma que a escola tem dificuldade em ter disponíveis instrumentos para todos os alunos. Dá relevo também ao facto de esta escola profissional ficar geograficamente mais afastada das restantes, fazendo com que os jovens não conheçam tantos colegas de outras escolas com o mesmo curso.

No que diz respeito ao seu percurso, este aluno começou por tocar instrumento com 14 anos numa banda de garagem, um pouco influenciado pelos seus amigos. No entanto, foi com 18 anos que decidiu ingressar no ensino profissional, nomeadamente no curso de nível básico, considerando que de facto entrou um pouco tarde para o curso. Já tinha concluído o 3.º ciclo do ensino básico quando voltou ao 7.º ano de escolaridade para frequentar a componente artística do curso.

Pretende continuar os estudos para o ensino secundário, vê a continuação dos estudos com algumas incertezas, uma vez que não sabe se terá condições para frequentar o ensino superior, tem algumas incertezas relativamente ao que pretende ser no futuro.

ANEXO XXIII. SÍNTESE HORIZONTAL 7

No que respeita às componentes de formação, o aluno refere que deveriam existir mais momentos de apresentação ao público, dizendo que em grupo até se apresentam algumas vezes, mas a solo essas apresentações são mínimas “porque nós só temos um recital por período, pelo menos eu falo por mim (...) temos PAP no final do ano e nós não estamos habituados a tocar quase nada em público”. Considera, também que deveriam existir mais *master class* para poderem trabalhar aspetos mais técnicos, sendo o tempo tão curto, do seu ponto de vista, torna-se difícil conseguirem mudar alguma coisa na sua prestação. Afirmando que em dois dias de *master class* não chegou a ter 45 minutos de aula, mas que por sua vez, os estágios estão bem divididos.

Afirma que existe algum desleixo por parte dos alunos no estudo e empenho na componente sociocultural do curso, como a componente de instrumento é bastante exigente e a sua motivação recai toda na aprendizagem do mesmo, acabam por dedicar grande parte do seu tempo a esta componente de ensino. A carga horária deste curso é de, em média, 8 horas de aulas diárias.

No que diz respeito à relação pedagógica, o aluno afirma que o seu professor (começando logo a falar do professor de instrumento) está sempre disponível para o ajudar. Considera que é um professor que ensina muito bem, que está sempre por perto quando precisa, e se for necessário é o primeiro a ajudar e a defender, “para mim é o meu segundo pai”.

Esteve em estágio há pouco tempo e afirma que não foi a primeira vez que teve aulas com o professor em questão, mas que ele sabe trabalhar muito bem as cordas e considera que com esse estágio foi possível evoluir muito enquanto orquestra.

No que respeita às instalações e recursos, o aluno refere que não existem estúdios suficientes para estudar, e que muitas vezes esses são ocupados pelos alunos mais novos para estudar para a componente sociocultural ou para brincar.

No que respeita ao seu percurso, começou a tocar instrumento com 8 ou 9 anos, numa banda filarmónica e numa academia de Música. Sempre gostou muito de música clássica, no entanto na sua família não existem hábitos musicais, referindo que ninguém ouve esse estilo musical. No início a sua família não queria que seguisse a área da Música, refere que um dos motivos pelos quais não entrou na escola profissional mais cedo foi o facto de viver longe da escola e da família não se sentir confortável com a ida do jovem para uma escola sozinho.

Depois de ter entrado na academia de Música, foram vários os primos que também entraram, mas no entanto não quiseram seguir a área.

Tomou conhecimento da escola profissional e começou a encarar a possível entrada na escola porque a sua professora de violino da academia de Música falou-lhe da escola, e numa altura os alunos da escola profissional foram tocar à banda filarmónica na qual o aluno também andava. Foi nessa altura que conheceu o professor de violino da escola profissional, e falaram-lhe bastante bem do seu trabalho.

No entanto, a sua entrada na escola profissional, no curso básico de instrumento deu-se quando tinha quase 14 anos. Na altura já tinha terminado o 8.º ano do ensino regular, quando decidiu entrar na escola profissional e voltar para o 7.º ano, no entanto, não se diz

arrependido porque considera três anos de formação muito pouco tempo (caso tivesse entrado no curso profissional no ensino secundário) “Porque eles têm três anos para aprender, evoluir para se preparar para o superior e para fazer provas. Eu acho que é muito pouco tempo... porque nós precisamos de muito tempo para conhecer o instrumento, nós precisamos de ganhar material musical...”.

Considera o curso básico uma mais-valia porque “aqui estamos todo o dia, tirando a manhã que estamos a ter aulas de sociocultural, ligados a isto (...) nós saímos de uma sala e temos de ir estudar porque ou temos aula a seguir ou temos aulas de instrumento a seguir, ou temos orquestra, ou temos concertos”.

ANEXO XXIV. SÍNTESE HORIZONTAL 8

No que respeita à adequação das componentes de formação, este aluno considera que os eventos que a escola organizam são uma mais-valia para a sua formação, especialmente os estágios, onde tem a possibilidade de conhecer pessoas novas e de ter um estilo de ensino diferente, possibilitando receber *feedback* de outras pessoas que não os seus professores. Comenta que é sempre bom ouvir outras opiniões. Participa com muita regularidade nas atividades extracurriculares desenvolvidas pela escola, achando que deveriam existir mais momentos do género.

Na sua opinião, deveria haver menos horas de componente sociocultural, e por sua vez, mais horas de componente artística, referindo que por vezes sente falta de tempo para estudar instrumento. Porém, considera que o curso de nível básico o forma para ser um músico profissional.

Relativamente à relação pedagógica, menciona que esta é muito boa, principalmente com o professor de instrumento, destacando-se a sua simpatia e confiança, afirmando que se não fosse o professor de instrumento não andaria na escola em questão, uma vez que ouviu diversas pessoas dizer que aquele professor era bom. Para além disso, tem uma tia que frequenta o curso profissional de instrumento e que apesar de não ter aulas com o professor, também lhe falava bastante bem dele.

Considera as instalações e recursos que a escola tem adequados, no que respeita ao instrumento, este aluno tem o seu, não necessitando que a escola lhe forneça um. No entanto, no início da sua formação usou um da escola “eu quando entrei para cá pensei logo no instrumento que queria comprar porque a escola tinha cá uma flauta mesmo e não

valia a pena. Depois o meu professor sugeriu esta, porque é uma flauta que dá para a minha vida toda, mas não é das melhores. Mas eu preferi logo gastar o dinheiro”.

No que respeita ao seu percurso, começou a tocar instrumento através de uma banda filarmónica, tem uma prima que toca flauta “estava sempre com ela e gostava do som e disso tudo, ela deu-me umas aulas no início, fui para a banda, para o conservatório e depois vim para aqui e pronto, agora é o que eu quero seguir. Eu comecei com 9 anos”. Esteve um ano no conservatório, antes de ter entrado no curso profissional, importa realçar que o primeiro contacto que teve com o professor de instrumento decorreu no conservatório, no entanto “eu andava no conservatório e achava que aquilo não chegava, e então foi por isso que vim para o curso profissional. Porque aquilo era só aprender o instrumento, o básico e depois era um bocadinho de formação musical e pronto já estava um dia passado lá. E eu acho que isso para mim não chegava, porque eu gostava mesmo muito de música”.

São vários os familiares deste aluno que estão inseridos no mundo da música e que também o influenciaram a frequentar o curso “o meu tio é maestro na mesma banda filarmónica... Eu também vim por causa de um tio meu, de um primo meu que andou cá”.

Atualmente não tem aulas de música fora da escola, mas continua a tocar na mesma banda filarmónica. Refere que diariamente estuda no mínimo duas horas de instrumento, no máximo quatro horas.

Pretende seguir para o curso profissional de música que lhe confere o ensino secundário, e posteriormente seguir para o ensino superior, para concluir estudos de licenciatura e mestrado. Considerando que para terem um bom percurso enquanto músico necessita de prosseguir os estudos, gostava de dar aulas e ser solista.

Na entrevista refere ainda que não concorda com a medida de que um aluno não pode frequentar o 3.º ciclo quando o teu concluído porque três anos de ensino de música não é suficiente para atingir um bom desempenho.

ANEXO XXV. SÍNTESE HORIZONTAL 9

No que se refere às componentes de formação, o aluno refere que tira melhores notas na componente artística do que na componente sociocultural “eu tiro melhores notas em oboé em formação musical do que em geografia ou português. Porque se calhar nós não estamos tão empenhados nas disciplinas de sociocultural mas sim nas de música, nós

não queremos seguir sociocultural mas sim música”. Admite que a componente sociocultural deveria ter uma carga horária mais baixa, uma vez que “o curso básico tem as manhãs todas cheias de português, matemática das 8h30 às 13h ...”.

Relativamente às atividades extracurriculares que a escola organiza, nomeadamente as *master class*, considera-as uma mais-valia, na medida em que lhes permite conviver com outras pessoas e adquirir conhecimentos profissionais que não conhecem. Menciona que deveriam existir mais, que por si quer sempre mais, mesmo que isso acarrete um maior esforço ao nível de estudo do instrumento, dizendo que desde que sejam horas de instrumento, não se importa de ter mais.

Considera que o curso o prepara para ser músico profissional e não apenas para adquirir conhecimento gerais de música. Em termos de relação pedagógica, é referido que a relação estabelecida com o professor de instrumento é diferente da relação com os restantes professores, destaca o facto de o professor confiar no seu trabalho e de isso fazer com que tenha de se esforçar ao máximo, sublinhando que só entrou na escola por causa desse professor.

No que diz respeito às instalações e recursos, considera-os adequados. Atualmente o seu instrumento foi cedido pela escola.

Relativamente ao seu percurso, o seu contacto com a música iniciou-se por causa de um amigo que tocava oboé, gostou do som e também quis aprender a tocar. Tendo esta experiência ocorrido pouco tempo antes de fazer as provas de seleção para entrar o curso profissional, tinha 13 anos. Refere que na altura de escolher optou por esta escola porque “não quis ir para o conservatório, porque não é tão profissional como esta escola. Esta escola é mais profissional que o conservatório e então quis vir para aqui”.

Nunca tocou em nenhuma banda, nem teve qualquer tipo de experiência musical fora da escola profissional.

No que respeita a planos futuros, pretende concluir o 9.º ano com uma boa média, e continuar estudos, pondera candidatar-se a uma instituição de ensino superior na Europa e gostava de ser solista.

ANEXO XXVI. SÍNTESE HORIZONTAL 10

O aluno considera que o curso de nível básico tem uma carga horária da componente sociocultural excessiva, decorrendo todas as manhãs, “Das 8h30 às 13h só

temos sociocultural, e depois à tarde é instrumento. Eu acho que para nós que queremos ser alguém um dia isto não chega para nós estudarmos”.

Quando questionado acerca de se o curso de nível básico possibilita-lhe atingir os seus objetivos afirma que sim, mas que o facto de haver uma nova indicação de que os alunos com o 3.º Ciclo concluído não podem frequentar o 7.º ano é prejudicial “agora os novos alunos, quem tiver já o 9.º ano tem de ir para o 10.º e agora na turma de 11.º há pelo menos dez pessoas que para o ano vão para o 12.º e não vão entrar para a universidade. Porque eles entraram mesmo do zero, não sabiam nada de música e não têm as bases que nós temos. Eu não concordo com isso, mas a culpa não é da escola”.

Considera que o curso o prepara para o mercado de trabalho e não para o conhecimento geral da música.

A relação pedagógica é boa com todos os professores, no entanto estabelece uma relação de maior proximidade com o professor de instrumento, referindo que se não fosse o professor de instrumento não andaria nesta escola. Começou a trabalhar com ele na banda filarmónica, depois foi para o conservatório para continuar a ter aulas com ele, e no curso profissional continuar “já trabalho há muitos anos com ele e temos uma confiança diferente”.

No que se refere à participação nos eventos levados a cabo pela escola, participa regularmente, considerando uma mais-valia, na medida em que “é uma experiência nova, faz-nos evoluir um bocado, são experiências relevantes”. Refere que gostava que a escola organiza-se mais momentos, e tal como o colega anterior, mesmo que isso acarrete uma maior carga horária na componente artística, não traria qualquer inconveniente. Quanto às instalações e recursos disponíveis, considera que deveriam existir mais salas, relativamente ao instrumento, atualmente utiliza um cedido pela banda filarmónica, no entanto conta ter um só seu brevemente.

Quanto ao seu percurso, começou a interessar-se por música através da sua tia que toca clarinete, começou a ouvi-la a tocar e a gostar cada vez mais. Inscreveu-se na mesma banda filarmónica que ela frequentava e foi aí que aprendeu a tocar instrumento, tinha 10 anos na altura. Posteriormente frequentou o conservatório e no 7.º ano entrou no curso profissional.

Tem vários familiares que são relacionados com a música, e alguns deles estudaram, também nesta escola. Atualmente continua a participar na banda filarmónica.

Relativamente às suas notas, acha que se poderia esforçar muito mais na componente sociocultural, no entanto refere que não é uma coisa que necessite muito no futuro e que por esse motivo não se esforça da mesma forma em relação às outras componentes. Na altura em que referiu este argumento teve uma colega que lhe disse que precisava pelo menos do português, ao que respondeu “pronto, português e inglês são as únicas disciplinas que também me preocupam mais, mas as outras disciplinas como geografia ou matemática não ligo tanto como deveria ligar”.

As suas perspetivas futuras incidem no estudar cada vez mais. Pretende ir estudar para o estrangeiro porque é diferente. Referindo que estiveram professores holandeses na última *master class* e que é completamente diferente, dizendo que eles explicam de outra maneira, e que se tiver possibilidades pretende estudar lá.

ANEXO XXVII. SÍNTESE HORIZONTAL 11

No que diz respeito à adequação das componentes de formação, o antigo aluno menciona que conseguia obter uma melhor classificação nas disciplinas relacionadas com a área artística do que com a componente sociocultural, uma vez que o seu interesse recaía na área da música, tendo gasto mais tempo a estudar instrumento do que qualquer outra área. É referido, também, que no ensino profissional a carga horária é bastante superior quando comparada com o ensino regular, chegando-se ao final do ano letivo com um maior desgaste. Contudo, considera que o facto da carga horária ser elevada potencia um melhor rendimento por parte do aluno. No que concerne às atividades extracurriculares, como por exemplo *master class*, o antigo aluno refere que são muito boas, na medida em que os alunos têm a possibilidade de aprender com outros professores, com outras ideias, apoiando os alunos na compreensão de outras perspetivas da música.

Aquando da questão relacionada com a preparação do curso, se para o mercado de trabalho, para o prosseguimento dos estudos ou para a música num geral, é referido que o curso prepara para o prosseguimento dos estudos e para uma via profissional.

As relações pedagógicas criadas com os professores são boas, do seu ponto de vista, especialmente com o professor de instrumento, chegando a ser comparado com um pai, pois passam muitas horas com este professor, é o que mais acompanha o seu percurso. Segundo o entrevistado “até para as aulas, vamos à vontade porque não estamos com receio do professor. Aqui somos todos amigos e acho que isso é muito bom”. No entanto,

é referido que essa relação se alicerça na confiança e para tal é necessário mostrar trabalho, “porque sem trabalho a confiança vai-se perdendo”.

O antigo aluno refere que os níveis de participação dos alunos são bastante elevados, principalmente nas *master class* e concertos porque lhes permite conhecer pessoas doutros países e dar-se a conhecer enquanto músico “e depois damos um concerto e quem não nos conhece, passa a conhecer e acho que é mesmo muito bom”. Para além da componente de aprendizagem, é referido que estas atividades são “uma maneira de estarmos todos juntos e de convivermos: professores, alunos e isso é muito importante porque nós temos uma rotina mesmo muito pesada”.

No que se refere às instalações e recursos, é referido que a escola está boa, uma vez que é nova, sendo apenas referida a necessidade de um melhoramento das condições acústicas.

Este antigo aluno teve o primeiro contacto com a música através de uma banda filarmónica, tendo sido lá que experimentou vários instrumentos, e que o seu gosto pela música foi ganhando força, mencionando que de certo modo a família também teve algum peso no seu gosto pela música, uma vez que tem vários músicos na família. Tendo logo de seguida entrado na escola profissional de música, com 15 anos. Uma vez que entrou com esta idade, teve de voltar a frequentar o 7º ano de escolaridade, nomeadamente as disciplinas da componente artística. No entanto o antigo aluno não considera ter sido prejudicial para si o ter voltado ao 7º ano de escolaridade, referindo que ao “nível da música, para mim foi muito mais fácil e foi bom ter voltado ao sétimo porque assim consegui evoluir da melhor forma”, tendo recebido uma grande motivação quer por parte dos professores, dos colegas e amigos, até por si próprio, uma vez que estava “a fazer aquilo que gostava acho que a motivação não faltava”. Quando questionando acerca da idade com que começou a tocar instrumento, refere que o facto de ter começado com 15 anos, torna mais difícil a sua *performance* porque em concursos concorre-se por idades e isso faz com que um aluno do ensino secundário esteja a concorrer com pessoas com mestrados e licenciaturas.

No que concerne aos motivos que levaram à escolha desta modalidade de ensino, é mencionado que num “curso profissional temos muito mais tempo para o instrumento do que no conservatório uma vez que aqui os horários são feitos também à medida do que nós conseguimos estudar, e no conservatório já não é assim às vezes tens só uma hora de instrumento e não ajuda tanto”, o facto de ter começado a estudar música com 15 anos,

leva-o a crer que a melhor opção foi a escola profissional, porque a evolução que teve deveu-se a isso [às horas de estudo do instrumento], “se eu não estivesse no curso só tinha tido 3 anos [ensino secundário] e não faziam de mim a pessoa que sou hoje”. Relativamente à escolha da escola em questão, refere que o facto de viver na mesma região na qual a escola está sediada teve influência.

Referindo que chegou a dedicar quatro, cinco ou 6 horas por dia, dependendo do número de horas livres diárias (uma vez que frequentava apenas a componente artística do curso, tinha um número bastante elevado de horas livres). O seu objetivo sempre foi o de concluir os estudos e de acabar um curso superior e mestrado, mencionado que “este foi futuro que eu quis para mim e não estou arrependido de ter vindo para a música”.

No que concerne aos seus objetivos futuros, pretende acabar o 12º ano no curso profissional de instrumentista e depois prosseguir para o ensino superior tirando licenciatura e mestrado. Gostava de ser instrumentista, tocar numa orquestra, ou até mesmo dar aulas.

Relativamente à sua perceção de qual a inserção no mercado de trabalho dos seus colegas refere que se até quem tira mestrados não consegue encontrar trabalho, quem termina o 12º ano tem muitas mais dificuldades. Dizendo que conhece algumas pessoas que não conseguem encontrar trabalho na área da música, porque não há lugar nas orquestra, no entanto acaba por afirmar que é uma situação bastante relativa porque “ou nós somos muito bons e merecemos aquele lugar e entramos, ou trabalhamos muito para merecer aquele lugar e ir para aquela grande orquestra ou dar aulas ou então não conseguimos ser ninguém. Neste momento é assim, porque o mundo musical está mesmo muito grande e nós não temos perceção disso porque estamos no mundo mais pequeno, mas lá para fora é completamente diferente e as pessoas trabalham muito muito muito mesmo, e há gente a tocar muito bem. Se há uma vaga para cem pessoas, claro que é o melhor que fica”.

ANEXO XXVIII. SÍNTESE HORIZONTAL 12

O antigo aluno menciona que sempre considerou que o curso básico de instrumento teve aquilo que achava necessário para a sua formação. Este aluno frequentou apenas a componente artística do curso, tendo concluído a componente sociocultural no ensino regular, neste sentido refere que a carga horária foi bastante boa, com muitas horas livres.

Relativamente às atividades extracurriculares, o entrevistado, considera-as ótimas para a formação dos jovens, e “quanto mais coisas fizermos mais nos ajuda como é óbvio”.

Relativamente ao objetivo do curso, se o prosseguimento dos estudos, o ingresso no mercado de trabalho, ou a formação musical num geral, o entrevistado refere que o curso prepara para a continuação dos estudos, na medida em que “tocar um instrumento não é assim tão simples e realmente precisamos de tempo, é difícil em três anos (...) Quando se vai para a escola, ainda não se tem maturidade suficiente para ficar preparado para o nível profissional e é extremamente difícil só com aqueles três anos ficar preparado”

No que respeita à relação pedagógica é referido o facto de existirem aulas de turma e aulas individuais, e no caso específico deste antigo aluno, o professor de instrumento (oboé) foi aquele com quem passou mais tempo e com quem tem uma maior relação, mantendo-se o mesmo professor quer no curso de nível básico, quer no curso de instrumentista (num total de 6 anos). Com os professores da componente sociocultural a relação não é de tanta proximidade, também devido ao número de horas passadas com o professor. Segundo o antigo aluno, o professor de instrumento deve ser uma pessoa que o aluno admira, deve ser como um ídolo para o aluno.

No que respeita às instalações e recursos, o antigo aluno começa por referir que existe uma fase na escola em que os instrumentos são cedidos aos alunos, no entanto, quando frequentava o curso esses instrumentos não estavam no melhor estado, motivo pelo qual comprou um para si. Quanto às instalações, refere que na sua altura não eram as melhores, mas atualmente com a mudança de escola são boas e tem tudo o que é necessário.

Este antigo aluno teve contacto com a música através de uma banda filarmónica, e foi nesta que conheceu os vários instrumentos musicais. Continuando atualmente a tocar nessa mesma banda.

Aquando o ingressou no curso básico de instrumento, considera que tinha poucos conhecimentos musicais, e esses foram essencialmente adquiridos no 5º e 6º ano de escolaridade através da disciplina de educação musical. Entrou no curso com quase 16 anos, e quando questionado acerca do facto da idade poder condicionar a sua prestação refere que nunca se sentiu condicionado, apesar de nunca ter conseguido participar em

concursos organizados por idades porque é extremamente difícil “pertença a uma categoria mais elevada e as coisas tornam-se mais complicadas”, no entanto refere que “nunca me impediu de fazer nada, mesmo agora no concurso às universidades, que eu pensei que pudesse ser uma desvantagem mas não tive qualquer problema e, por isso, nunca se refletiu em nada”. Uma vez que entrou no curso com quase 16 anos, não necessitou de fazer a componente sociocultural do curso, uma vez que já tinha concluído no ensino regular, a carga horária era bastante reduzida e “chegava a ir para a escola às nove horas da manhã e chegava a estar até às onze da noite, por exemplo, nessa altura era mesmo imenso tempo [tempo de estudo diário]”.

Um dos motivos que condicionou a sua entrada na escola, foi o facto de quando entrou para a banda “quem dava lá aulas eram alunos aqui da escola e houve a oportunidade de eu vir aqui fazer as provas de ingresso e aproveitei. Desisti daquilo que estava a fazer, porque estava no décimo ano da escola normal e optei por vir para aqui porque realmente gostava de música e gostava de seguir isso”, não tendo ninguém da sua família ligado à área musical. Quando questionado acerca da possibilidade de entrar no conservatório de Música, em vez da escola profissional menciona que na altura não estava informado acerca dessa possibilidade. Menciona que na cidade também não existe nenhum conservatório e que por esse motivo nem era uma opção, “eu gostava mesmo de mudar aquilo que estava a fazer e surgiu esta oportunidade e quis mesmo mudar aquilo que eu estava a fazer [ensino regular] ”.

No que diz respeito aos seus objetivos futuros, pretende entrar no ensino superior, e concluir a licenciatura e mestrado, “quem sabe entrar numa boa orquestra”. A sua perceção acerca da inserção no mercado de trabalho de colegas é a de que a área da música é igual a todas as outras, “acaba por ser como em todos os cursos, quem é realmente bom e quem tem uma postura de trabalho e tudo, acaba sempre por conseguir. Quem é mediano ou quem tem atitudes que os deixem um bocadinho mais à margem, tem mais dificuldades. Mas penso que realmente aqueles que saíram daqui e que as pessoas tinham boa expectativas porque eram trabalhadores e eram cumpridoras essas pessoas acabaram sempre por conseguir”.

ANEXO XXIX. SÍNTESE HORIZONTAL 13

No que respeita à adequação das componentes de formação, o entrevistado refere que deveriam existir mais horas de formação “se bem que mais horas de formação não faria mal nenhum”, considerando que as duas horas de instrumento semanais são bastante vantajosas para os atuais alunos, uma vez que no seu tempo havia apenas 1:30h semanal nos horários, dedicada às aulas de instrumento. Referindo, ainda que o facto de o número de aulas de instrumento semanal ser tão baixo, faz com que os jovens dediquem muito do seu tempo livre à prática do instrumento e não tanto a outras disciplinas. No que respeita a atividades extracurriculares o antigo aluno menciona que na altura que frequentava o curso de nível básico vinham sempre professores diferentes todos os anos, até mesmo professores estrangeiros, permitindo aos alunos a aquisição de conteúdos e de noções do que acontecia no estrangeiro, do que se valoriza lá fora, assim como dos concertos que iam decorrendo.

Relativamente ao tipo de preparação que o curso dá aos seus formandos, na conceção do antigo aluno, o curso prepara para o mercado de trabalho e para o prosseguimento dos estudos “nós tínhamos a possibilidade de chegar ao 9.º ano e optar por sair da escola e isso nunca foi uma hipótese para mim, a minha hipótese era sempre continuar e ir para o ensino superior”

Relativamente à relação pedagógica, o antigo aluno refere que “era uma relação de família, nós também eramos poucos alunos (...) toda a gente se conhecia e acabava por ser um ambiente familiar”, o facto das aulas de instrumento serem individuais faziam com que a relação com esse professor fosse especial. Mesmo assim, a relação estabelecida com os restantes docentes, também era positiva, e o facto de as turmas serem pequenas faziam com que houvesse a oportunidade do relacionamento ser favorecido.

O entrevistado refere que na altura em que estudava na escola faltavam sempre salas para estudar, no entanto atualmente não acontece uma vez que as condições foram melhoradas. Menciona que na altura, devido ao número reduzido de salas “qualquer cantinho servia para nós estudarmos, mas principalmente era mesmo a falta de salas que nós nos queixávamos porque em qualquer buraquinho que tivéssemos nós queríamos estudar instrumento e não havia salas para toda a gente”.

Este antigo aluno não tinha qualquer experiência na música quando entrou na escola, não tinha frequentado nenhuma filarmónica. Entrou na escola com 12 anos, no

final do seu 6º ano de escolaridade, no entanto e uma vez que não tinha qualquer experiência, considera que já começou relativamente tarde.

Prosseguiu os estudos até ao ensino superior, “nós a partir do momento que entramos para a escola profissional, a motivação é sempre diferente”. Tendo melhores notas na vertente artística do que na vertente sociocultural, dedicava muito mais tempo “à parte artística que é aquilo que realmente estudamos. Não minimizando o resto, mas é principalmente para aquilo que estamos e então inconscientemente se dedica mais tempo à artística”

Considera que era um aluno motivado e empenhado “nas *master class*, queria sempre aprender mais queria ouvir opiniões diferentes, porque parecendo que não podemos estar aqui 50 violinistas mas cada um ter uma opinião diferentes, queria ouvir a opinião de outros professores para depois também no 12.º eu poder escolher qualquer uma escola por causa do professor, até podia ir para o estrangeiro”.

Durante o seu percurso teve influência da família, “a minha família é uma família toda de músicos. Eu tenho um irmão mais velho e ele começou lá, ao mesmo tempo que o meu irmão começou uma prima minha no ano a seguir entrou um primo meu e no ano a seguir a esse meu primo entrei eu e no ano a seguir entraram duas primas minhas. Não sei, sempre gostei de música também o meu pai sempre tocou guitarra desde que eu sou pequenina que eu me habituei a ouvir em casa e que sempre gostei de aprender e de querer fazer disso a minha vida”.

No que respeita à sua inserção no mercado de trabalho, menciona que teve facilidade em encontrar emprego, dá aulas e nos tempos livres dá concertos e também toca em casamentos.

ANEXO XXX. SÍNTESE HORIZONTAL 14

O antigo aluno considera que o curso está muito bem organizado, apesar de em alguns momentos poder se tornar um pouco pesado, essencialmente quando há provas importantes. Quanto ao tempo passado com o instrumento, considera-o adequado “para se ter aulas de instrumento têm de ser aulas individuais. O professor tem de olhar para aspetos muito específicos, só com dois alunos já é difícil”. No que respeita a outro tipo de atividades levadas a cabo pela escola, considera-as adequadas e bastante vantajosas na medida em que permitem um alargar de conhecimentos.

A relação pedagógica era bastante boa, no seu entender, e “com o professor de instrumento em especial, era muito próxima. Era quase como um segundo pai” devido ao tempo que o aluno passa com esse professor em particular.

Recorda-se que no seu tempo de aluno ficavam todos entusiasmados e com uma grande motivação para participar nas atividades desenvolvidas pela escola. E sente que davam sempre um salto qualitativo, “evoluía-se sempre um pouquinho mais que o normal. Deixava de ser aquela monotonia, fazíamos algo novo se essa *master class*, se esse estágio era com alguém de grande qualidade, melhor”. A participação nessas atividades, no seu entender foram bastante benéficas “deu-me uma bagagem e experiência muito importante para agora, para o trabalho que eu desempenho agora, como músico e tocar em orquestras. Foi isto que me deu toda a bagagem, foi essa experiência inicial. O fazer muitos concertos, ter muita prática foi o que me deu a experiência de chegar agora a um palco e ter o à vontade que tenho agora”.

Em relação às instalações e recursos, considera que a situação atual é bastante boa, quando comparada com a da sua altura de estudante. Considera ainda que o curso de nível básico prepara os jovens para o prosseguimento dos estudos, mencionando que “ninguém se torna músico em 3 anos, é preciso mais experiência, mesmo depois destes anos todos eu ainda continuo a estudar”.

Este antigo aluno começou o seu percurso na música numa banda filarmónica. Tendo sido na escola profissional, através do curso básico de instrumento que começou a estudar instrumento mais a sério. Entrou na filarmónica com 10 anos e com 12 no curso profissional, o motivo pelo qual entrou na banda filarmónica deve-se ao gosto por ver a banda tocar e de certo modo os pais também o influenciaram, na altura o irmão mais velho também estava no curso.

Após a conclusão do curso de nível básico prosseguiu os estudos na área da música. Acabou o ensino secundário na mesma escola com o curso profissional de instrumentista, mais tarde ingressou na Escola Superior de Música em Lisboa.

Considera que foi um aluno empenhado e motivado, que tinha um enorme gosto pela música “passava bastantes horas diárias com o meu instrumento... Era um aluno empenhado mesmo nas outras disciplinas, não deixava nada para trás. Claro que dava muito mais importância à parte musical, tinha muito mais interesse, tinha melhores notas na parte musical”, “O instrumento exige bastante tempo, exige um tempo diário, todos os dias, de 2, 3, 4 ou 5 horas, depende do instrumento e também depende da necessidade de

quem estuda o instrumento. Estar 3 ou 4 horas a tocar o instrumento retira algum tempo para tudo o resto”.

No que respeita ao seu percurso profissional e à sua inserção no mercado de trabalho, menciona que teve “sempre algum trabalho, apesar do país em que estamos e de neste momento, não ajuda muito... Mas tenho feito bastantes concertos. Toco com regularidade numa orquestra sou *freelancer* noutras orquestras, também sou professor. Até ao momento consegui trabalhar sempre na área da música. Tive de fazer provas em orquestras mas tenho tido facilidade”. Tendo construído o seu percurso profissional sempre em Portugal.

ANEXO XXXI. SÍNTESE HORIZONTAL 15

O antigo aluno considera que as componentes de formação são adequadas e que o número de atividades que a escola organiza nunca é demais. No que respeita à carga horária, menciona que por vezes é um pouco excessiva, principalmente na componente sociocultural. Ao nível das atividades que a escola organiza, considera-as importantes.

A relação pedagógica é muito boa, referindo que a relação com o professor de instrumento é especial, no entanto é muito boa com todos os outros professores. Considera que as instalações da escola são boas, no que respeita a recursos materiais, sempre foi um aluno que teve o seu próprio instrumento.

No que respeita à participação nas atividades desenvolvidas pela escola, considera que “é um dever participar” porque é, também, um momento de avaliação. E também o facto de poder ter aulas com outros professores. Para além disso, menciona que as *master class* são boas para “ver quem é que está noutras escolas e isso, por vezes vamos a *master classes* e conhecemos colegas, e temos uma ideia da concorrência”. Considerando que o curso está mais direcionado para o prosseguimento dos estudos e para o estudo da música num geral.

O antigo aluno começou o seu percurso musical numa banda filarmónica, tendo entrado na mesma com 8 anos de idade. O motivo que o levou a entrar na banda deve-se ao facto de ter amigos que já lá andavam. Mais tarde, com 12 anos entrou na escola profissional, influenciado de certo modo por colegas que também frequentavam o curso de nível básico. Quando lhe foi perguntado o porquê de um curso profissional e não o de frequentar num conservatório, talvez mais perto de casa, refere que na altura não tinha

pensado nisso, pensou logo na escola profissional, até porque tinha colegas em escolas profissionais. Em média estudo 3 ou 4 horas diária de instrumento.

Sempre teve como objetivo prosseguir os estudos, no entanto demonstrou-se um pouco reticente, dizendo que se devia ao facto de não haver emprego.

Em relação às suas perspetivas futuras, gostava de estar numa orquestra internacional, contudo, diz que primeiro se quer concentrar na universidade.

ANEXO XXXII. SÍNTESE HORIZONTAL 16

São vários os alunos da escola profissional que começaram o seu percurso musical na academia de música, uma vez que esta tem uma oferta bastante abrangente, desde a educação pré-escolar. Integram a academia no pré-escolar ou no 1º ciclo do ensino básico e depois no 6º ano de escolaridade optam pela escola profissional. Depois na escola profissional “o que acontece, ou vão para o ensino superior da música, ou então alguns, mas poucos, porque também é difícil, podem entrar para o ensino superior noutras áreas”. Segundo o entrevistado, o motivo pelo qual é difícil entrar noutro curso, deve-se ao facto dos alunos gostarem mesmo de música, e também porque tiram notas mais baixas na componente sociocultural “não estão para dedicar tanto tempo a estudar para física ou matemática”. Porém, remete para o facto de hoje em dia “as famílias e os alunos estão mais informados e chegam à conclusão que [não basta apenas estudar instrumento], não podemos cingir o conhecimento de um aluno ao instrumento a, b ou c porque eles gostam. Têm de ter uma formação semelhante às outras e disto não haja dúvida. Excluir os alunos disso, seria estar a comprometer a sua formação e como digo, neste momento, pelo que sei já há mais exigência, os alunos estão mais conscientes que têm de ter uma formação idêntica ao ensino recorrente. Porque até são privilegiados porque têm uma formação igual aos outros e estão a fazer algo que gostam e já encaminhados para o que querem fazer”. Afirmando, ainda que “um aluno que tem tendência a escolher o ensino profissional da música é um aluno que desde cedo decide o que quer seguir”.

Tendencialmente os jovens optam por esta modalidade de ensino porque estão motivados ou “porque têm alguma experiência ao nível da música na família, e nestes casos a família deixam-nos simplesmente entrar para o ensino profissional de forma direta. Porque a ideia, também, não é que façam a formação profissional e fiquem a tocar

um instrumento, mas sim com o objetivo de depois ingressarem no ensino superior, também, da música que lhes dá outro tipo de competências”.

O entrevistado menciona que um dos motivos pelos quais existem alunos que iniciam o seu percurso na academia de música e no final do 2º ciclo ingressão para o curso profissional de nível básico, é o facto de se considerar que a formação lá administrada prepara melhor o aluno “é obrigatório que o aluno do profissional, e estamos a falar de um aluno normal, não de um prodígio em termos musicais porque aí talvez fosse diferente, o plano curricular no profissional é muito superior aos conservatórios. Daí numa situação de dois alunos com características semelhantes em termos de aprendizagem obviamente que chega ao final do décimo segundo ano e o que estudou no profissional está de longe mais preparado”.

No que respeita ao percurso profissional dos antigos alunos, o diretor da academia de Música menciona que atualmente existem vários professores da academia que foram alunos da escola profissional em questão, alguns deles trabalham a *full time*. No entanto, refere que pelo conhecimento que tem, e que acredita que poderá estar desatualizado, “muitos alunos que fizeram os cursos profissionais, nomeadamente nesta escola, depois não seguiram para o ensino superior e que ficaram apenas pela formação inicial. E depois há outros que seguiram mesmo para o ensino superior, que não serão muitos, mas que são alguma referência para a escola e alguns destes continuaram a sua formação no estrangeiro, estando neste momento em orquestras no estrangeiro”. Porém, e apesar destes antigos alunos que estão no estrangeiro serem uma referência, considera que isso poderá ser sinónimo de um problema do nosso país, na medida em que os números de desemprego são bastante elevados “aqueles que não terão tantas competências ou que não conseguiram atingir a ribalta nos primeiros anos têm dificuldades e não estão a fazer, profissionalmente, aquilo que gostariam porque o ganha-pão deles não é suficiente, vão fazendo um concerto aqui e ali ou integram uma banda e no norte isso é muito frequente estarem em bandas filarmónicas e não fazendo uma quantidade significativa...”. Demonstrando alguma preocupação relativamente ao que será o futuro de muitos dos alunos que se estão a especializar na área da música “o problema está aí, o que é que vamos fazer a estes jovens que estão a sair das escolas profissionais, os que vão para o ensino superior ainda vão tendo oportunidade de dar aulas em conservatórios mas nem todos. Ainda no domingo passado tive num coro e depois no final estive a falar com uma pianista que andou na escola profissional e que depois frequentou o ensino superior e no

ano passado ainda deu umas aulas e atualmente não tem aulas para dar. Temos é poucas orquestras, para que possam integrar este tipo de alunos ou profissionais, e para quem tirar um curso de música não vai ser fácil, tenho esperança que isto mude e que possamos vir a ter uma abertura em termos culturais que permita... Também se faziam muitos espetáculos nas autarquias e muitos eventos e que neste momento também cortaram nas despesas. Num concerto onde ofereciam quinze ou vinte mil agora oferecem cinco ou dez mil e têm de aceitar porque não há outra procura com valores superiores e está-se a degradar a qualidade dos espetáculos proporcionados onde os músicos possam trabalhar”.

Referindo que “Só prevalecerão os melhores, aqueles que têm aulas desde muito pequenos e isto não é fácil. Existem profissionais da música que estão a ir para o estrangeiro e sem nada assegurado, têm de se sujeitar a alguns empregos até terem a oportunidade”.

SÍNTESES VERTICAIS

As sínteses verticais são referentes a cada objeto em análise no relatório, relativamente à qualidade da formação e dos percursos dos formandos. No primeiro estão contemplados os seguintes objetos: Adequação das componentes de formação; Ensino; Relação Pedagógica; participação dos alunos; qualificações dos docentes; e Instalações e recursos. Por sua vez, o segundo integra como objetos, os percursos escolares dos diplomados; os percursos profissionais dos diplomados; e ainda, a inserção dos diplomados no mercado de trabalho.

ANEXO XXXIII. SÍNTESE VERTICAL 1

No que concerne a este objeto em análise constata-se que a grande maioria dos entrevistados considera que o curso está bem organizado. No entanto com uma carga horária um pouco extensa fazendo com que o ano letivo se estenda até ao mês de julho, o que leva o diretor da escola a afirmar que este não é um curso fácil.

É um curso com uma forte carga curricular, sendo que por semana os alunos têm duas horas de instrumentos, aulas individuais em dois momentos, seis horas de música de conjunto, cinco horas de prática individual de *naipo*. Apesar da grande maioria dos entrevistados referirem que a carga horária do curso é bastante extensa, todos acham que

esse é, também, um dos pontos fortes do curso, uma vez que possibilita que um aluno no final do 9.º ano de escolaridade consiga acumular um vasto espectro de conhecimentos e experiências. Existindo apenas um dos entrevistados que considera que o número de horas de componente de instrumento é demasiado elevado, um aluno conseguiria obter o mesmo desempenho com menos horas de aulas. Porém essa ideia é posta em causa por outros entrevistados que mencionam que quantas mais horas de instrumento, melhor.

E o facto de existirem tantos momentos de prática de instrumento estimula os alunos a praticarem mais mesmo em horário pós aulas, para ter mais material para apresentar ao professor.

As inúmeras atividades que a escola organiza, nomeadamente as *master class*, estágios foram outro dos aspetos, considerados uma mais-valia para a formação dos jovens músicos, sendo que os próprios mencionam que até gostavam de ter mais momentos desses, mesmo sabendo que isso acarretaria mais horas de trabalho, no entanto dizem que desde que sejam horas de prática de instrumento, que não se importam.

Sendo unânime a opinião de que estes momentos de atividades e experiências extracurriculares proporcionam aos alunos uma aprendizagem bastante ampla, possibilitando que estes aprendam a lidar com a música. Assim como a opinião de que a escola não pode descorar este tipo de atividades. Porém, os atuais alunos referem que os momentos de apresentação em público a solo são bastante reduzidos. Para além destes momentos serem reduzidos, os atuais alunos, também referem que as *master class* têm um tempo muito curto.

Um outro aspeto referido, é o facto de os alunos tenderem a dedicar mais do seu tempo à componente artística do que à componente sociocultural, tendo reflexo no seu desempenho académico, e por consequência nos seus respetivos resultados escolares. Denotando-se que grande parte dos alunos não dá muita importância a essa componente de formação, havendo alguns que mencionam que deveriam ter menos momentos de disciplinas socioculturais, esta componente decorre todos os dias da parte da manhã, sendo as tardes destinadas ao instrumento. Essa desmotivação acarreta vários efeitos, sendo mencionado que alguns alunos, no ensino secundário, ficam mais um ano na escola para melhorar as notas das disciplinas da componente sociocultural, com o objetivo de no ano seguinte conseguirem entrar no ensino superior. O facto de existirem alunos com o 3.º ciclo concluído e terem de voltar para o 7.º ano é mencionado por um aluno como um aspeto de certo modo negativo, principalmente porque nesses casos o discente fica 3 anos sem qualquer disciplina da componente sociocultural, o que poderá influenciar o

desempenho dos alunos no ensino secundário em disciplinas como o Português. Refere que muitos dos colegas abandonaram o curso, no 7.º ano a turma tinha 24 alunos, e no 9.º ano tem 14.

ANEXO XXXIV. SÍNTESE VERTICAL 2

No que respeita ao ensino, é mencionado por vários entrevistados que o curso é exigente, mas que prepara os jovens músicos para a sua vida profissional que se afigurará igualmente exigente. Nesse sentido, e tendo em vista a preparação dos jovens para a vida profissional, no final de cada período a cada disciplina da componente artística em todos os anos de escolaridade são abertas ao público (e.g., recitais a solo; recitais de música de câmara; duetos; quartetos e concertos de orquestra).

No que concerne ao ensino é referido que através das aulas individuais de instrumento o professor consegue gerir, individualmente, o ritmo de cada aluno. Nas restantes disciplinas (aulas de conjunto, práticas de instrumento, orquestra ou música de camara) existe, também uma gestão fácil dos ritmos de aprendizagem, uma vez que dentro de uma orquestra existem papéis mais e menos exigentes. Sendo mencionado que nas aulas teóricas a situação se torna mais difícil de gerir, no entanto existe a possibilidade de dividir a turma, “aí as aulas de formação musical funcionam com a turma dividida em dois e aí nós fazemos sempre essa divisão com os alunos que já têm alguns conhecimentos de música e com os alunos que não têm nenhum conhecimento”.

No que respeita ao tipo de preparação que a escola dá aos seus alunos, se os prepara para o mercado de trabalho, para a música num conhecimento geral ou para o prosseguimento dos estudos, são vários os entrevistados professores que consideram que no final do 9.º ano de escolaridade os alunos são músicos, no final do 12º ano são instrumentistas, no entanto são estimulados para a frequência do ensino superior, até porque um músico precisar estar em constante aprendizagem. Do ponto de vista dos alunos, o curso prepara-os para o prosseguimento de estudos

No sentido de preparar os alunos para o ensino superior, a escola profissional estabelece vários protocolos. Esses professores não lecionam apenas em Portugal, existem vários professores de escolas de Música internacionais que vão à escola, e existem antigos alunos que estão a estudar em universidades internacionais, nomeadamente na Holanda, Suíça e Alemanha.

Quanto aos atuais alunos, sentem-se um pouco preocupados com a nova situação do curso profissional de nível básico, na medida em que se até então um estudante que tivesse terminado o 3º ciclo no ensino regular podia ingressar no curso de nível básico no 7º ano de escolaridade, tendo a oportunidade de ter 6 anos de instrumento e de adquirir, na sua opinião, as bases necessárias para ser instrumentista, passando a ter apenas 3 anos.

ANEXO XXXV. SÍNTESE VERTICAL 3

No que se refere à relação pedagógica entre professores e alunos, todos os entrevistados têm uma opinião unânime, uma vez que em todas as entrevistas é referido que a relação estabelecida entre professores e alunos é uma relação de grande proximidade, principalmente com os docentes responsáveis pela componente artística, nomeadamente os professores de instrumento. Esta relação de proximidade é influenciada pela especificidade do ensino da música, um dos professores refere que na música não existem professores, porque aquilo “que nós temos de transmitir aos alunos é um pouco mais do que ensinar notas, mas sim o que é a experiência de ser artista, como estar em palco”.

São vários os atuais e antigos alunos que mencionam o facto de considerarem o professor de instrumentos um pilar no seu processo de aprendizagem é um professor que está sempre disponível, mesmo que seja fora do seu horário de trabalho. Referenciado que a relação se alicerça essencialmente na confiança.

ANEXO XXXVI. SÍNTESE VERTICAL 4

Relativamente à participação dos alunos, todos os entrevistados mencionam que esta é bastante significativa e dinâmica. Todos os alunos têm o máximo interesse em participar nas atividades levadas a cabo pela escola. Sendo também referido que os alunos do curso básico de instrumento passam por uma prova de seleção, motivo pelo qual os alunos selecionados serem motivados e entusiastas.

Do ponto de vista dos atuais e antigos alunos, o grau de participação é elevado porque têm a plena consciência da importância desses momentos de aprendizagem, referindo que os professores que vêm para esse tipo de atividades são excelentes músicos e proporcionam momentos bastante enriquecedores de aprendizagem. Sendo harmoniosa a opinião de que deveriam existir ainda mais momentos desses.

ANEXO XXXVII. SÍNTESE VERTICAL 5

No que concerne ao corpo docente, este é constituído por 42 professores, cujas faixas etárias variam entre os 30 e os 43 anos, existindo apenas três professores que a ultrapassam, e dois que se encontram abaixo dos 30 anos. Os que têm mais idade são aqueles que fazem parte do quadro e que dão aulas na escola desde o momento da sua criação, os professores contratados são principalmente professores da componente artística, uma vez que estes dependerão dos instrumentos que os alunos tocam.

Os requisitos de admissão do corpo docente são diferentes entre professores da componente sociocultural e da artística, na primeira são valorizadas a competência, o profissionalismo, o rigor e a exigência enquanto docente, sendo mencionado que a escola dispõem de um sistema interno de avaliação docente que contempla momentos com aulas assistidas. Na componente artística os critérios dizem respeito ao percurso profissional, dando-se preferência a professores que tenham experiência enquanto músicos (toquem, ou tenham tocado instrumento de forma profissional, e.g., orquestras) “95 % dos nossos professores, todos eles tiveram carreira em orquestras, ou em bandas, ou grupos de música de câmara. Não quer dizer que neste momento o exerçam, mas têm uma larga experiência nessa área, fazendo com essa experiência seja um ótimo estímulo também para os alunos”. As características relacionadas com a pedagogia, também são valorizadas, pretende-se que seja um bom pedagogo “no sentido de conseguir criar esse equilíbrio de passar os seus conhecimentos e experiência ao aluno. Que seja bom a explicar e que o aluno consiga perceber aquilo que o professor quer, mas ao mesmo tempo, tendo em vista o meio profissional, consiga preparar o aluno para o mercado de trabalho ou para aquele objetivo”.

O corpo docente, é também constituído por professores oriundos de outros países, “neste momento temos 2 professores espanhóis que lecionam precisamente guitarra. Espanha tem uma grande escola de guitarra e nós fomos lá buscar 2 professores com uma larga experiência, para além de terem estudado com grandes nomes mundiais, um deles estudou em Paris com um dos melhores professores de guitarra, tem uma larga experiência na participação em vários concursos internacionais e nacionais e é um instrumentista de elevado nível”.

No que respeita às habilitações académicas do corpo docente “todos os professores têm de ser licenciados. Cada um, logicamente na sua área, o professor tem o seu

instrumento, digamos, na variante do seu instrumento A, B ou C, todos eles são licenciados, alguns deles até com mestrados, pós-graduações... Alguns deles dedicam-se só ao ensino, mas a maioria tem outra função para além de lecionarem aqui na escola, ou acumulam com outras escolas, lecionam não só aqui, mas noutras escolas de música. Outros acumulam com orquestras, ou com bandas, ou com grupos de camara. Fazem imensos concertos tanto cá em Portugal como no estrangeiro”.

Os docentes entrevistados demonstram a aplicação dos critérios de seleção, sendo todos licenciados, cada um na sua área de formação específica. Para além das habilitações académicas, têm, também, uma vasta experiência musical, todos eles são músicos.

ANEXO XXXVIII. SÍNTESE VERTICAL 6

No que respeita às instalações e recursos de que a escola dispõe a opinião dos vários entrevistados é comungante, na medida em que todos referem que a escola mudou de instalações há pouco tempo, e por esse motivo, quando comparada com a anterior as condições atuais são boas. Porém, quando analisado e tendo em conta o tipo de oferta existente, verifica-se que a escola foi construída enquanto escola de ensino regular, e por esse motivo não tem condições sonoras. Os alunos referem, também, que não tem salas suficientes para a prática de instrumento. Ao nível das disciplinas mais teóricas, um dos docentes refere que os projetores não estão colocados nos melhores sítios e por vezes a luminosidade na sala é excessiva.

Para além das questões físicas, o curso profissional de nível básico é bastante dispendioso, os instrumentos são muito caros, e a sua manutenção também. É de enfatizar o facto de vários alunos terem instrumentos cedidos pela escola.

ANEXO XXXIX. SÍNTESE VERTICAL 7

No que se refere ao percurso dos formandos, nomeadamente aos percursos escolares destes, os alunos que frequentam o curso de nível básico têm geralmente a idade que se pressupõe ser a indicada para o nível de ensino que integram, ingressando o 7º ano de escolaridade com 11 ou 12 anos. No entanto, a escola apresenta uma percentagem considerável de alunos que frequenta o curso com 15 ou 16 anos, uma vez que pretendem iniciar o curso na área da música, mas como não têm quaisquer conhecimentos integram-

no 7º ano de escolaridade, nem que seja para realizarem apenas a componente artística, uma vez que já têm concluída a sociocultural, alguns desses alunos já tinham concluído o 3º Ciclo do Ensino Básico regular.

O nível de conhecimentos na área a música aquando a entrada no curso é bastante diversificada, existindo três tipos de alunos, os que quando entram no curso só tiveram contacto com a música na disciplina de educação musical no 2.º ciclo do ensino básico, os alunos que para além dessa disciplina estudaram numa banda filarmónica, ou ainda num conservatório ou academia de Música, estes que conheçam por tocar numa banda filarmónica e/ou conservatório, académica de música, iniciam a prática de instrumento com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos de idade. Constatou-se que aqueles que não entram no curso na idade em que era suposto, iniciaram a prática de instrumento mais tarde.

No que respeita às suas motivações, tratam-se de alunos com um forte gosto pela música, alguns dos quais com familiares que também nutrem esse tipo de interesses. Nas entrevistas é bem presente, também, o facto de que alguns alunos se sentem inadaptados ao ensino regular e por esse motivo, mesmo depois de terem concluído o 3.º Ciclo do Ensino Básico, optam por esta via de ensino.

São alunos muito motivados e esforçados, segundo um dos professores entrevistados, o facto de os alunos ao entrarem na escola verem logo resultados práticos do seu trabalho, do seu instrumento faz com que sintam um grande entusiasmo.

O número de alunos que pretende seguir os estudos é alto, mesmo aqueles que já não se encontram abrangidos pela escolaridade obrigatória (18 anos), pretendem acabar o ensino secundário e ingressar no ensino superior, alguns dos quais fora de Portugal.

ANEXO XXXX. SÍNTESE VERTICAL 8

Quanto ao percurso profissional dos diplomados e a sua inserção no mercado de trabalho, o entrevistado refere que tem corrido muito bem, existindo professores no corpo docente da escola que são antigos alunos da escola. Para além de antigos alunos que são atualmente professores de Música, existem também, outros que integram grandes orquestras internacionais, uma vez que Portugal dispõe de um número bastante reduzido de orquestras, são muitos os antigos alunos que se encontram a trabalhar no estrangeiro. O entrevistado, menciona que são muitos os atuais alunos que pretendem seguir o ensino

superior fora do país, sendo considerado natural que o queiram fazer, visto que estão ao nível de qualquer universidade internacional.

Verifica-se que vários dos antigos alunos prosseguiram estudos superiores, integrando grupos musicais e orquestras, tendo conseguido trabalho na área da música.

Um dos entrevistados foi o diretor de uma academia de Música, que refere que se hoje é grande o número de estudantes que pretende seguir o ensino superior e acabar por fazê-lo, anteriormente houve muita gente que ficou apenas com o curso profissional, e quanto a esses não tem perceção de qual a sua realidade atualmente.

ANEXO XXXXI. SÍNTESE VERTICAL 9

Os entrevistados consideram que a entrada para o mercado de trabalho vai acontecendo e felizmente, ainda não é das áreas que está mais sobrelotada ou com lugares completamente preenchidos.

Os antigos alunos referem que conhecem alguns colegas que não conseguem encontrar trabalho na área, no entanto, referem que se deve às dificuldades atuais do mercado de trabalho, e a música tal como todas as áreas tem desempregados.

Apesar disso, alguns dão aulas de música e têm conseguido entrar no mercado, para além destes existem também alunos que prosseguiram estudos em prestigiadas universidades europeias e que estão atualmente em orquestras.